



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO –
CAMPUS X – DEDC X PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL

Flávio de Campos Barbosa

**DISCURSOS MISÓGINOS NAS REDES SOCIAIS: UMA REFLEXÃO
SOBRE AS MASCULINIDADES À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO
MATERIALISTA**

Teixeira de Freitas
2024

Flávio de Campos Barbosa

**DISCURSOS MISÓGINOS NAS REDES SOCIAIS: UMA REFLEXÃO
SOBRE AS MASCULINIDADES À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO
MATERIALISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL da Universidade do Estado da Bahia – UNEB / DEDC, Campus X, como requisito para obtenção do título de mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Bougleux Bomjardim da Silva Carmo.

Linha de Pesquisa: Estudos Linguísticos.

Teixeira de Freitas

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pelo SISB/UNEB.
Dados fornecidos pelo próprio autor.

B238d

Barbosa, Flávio de Campos

DISCURSOS MISÓGINOS NAS REDES SOCIAIS: UMA REFLEXÃO SOBRE AS MASCULINIDADES À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO MATERIALISTA / Flávio de Campos Barbosa. Orientador(a): Bougleux Bomjardim da Silva Carmo. Carmo. Teixeira de Freitas, 2024.

107 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós Graduação em Letras - PPGL, Teixeira de Freitas. 2024.


1.Análise do Discurso. 2.Gênero. 3.Masculinidades. 4.Misoginia. 5.Redes Sociais. I. Carmo,Bougleux Bomjardim da Silva. II. Universidade do Estado da Bahia. Teixeira de Freitas. III. Título.

CDD: 418


FOLHA DE APROVAÇÃO
"DISCURSOS MISÓGINOS NAS REDES SOCIAIS: UMA REFLEXÃO SOBRE AS MASCULINIDADES A LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO MATERIALISTA"

FLAVIO DE CAMPOS BARBOSA


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em LETRAS – PPGL, em 12 de dezembro de 2024, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Mestrado em Letras pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

 Documento assinado digitalmente
BOUGLEUX BOMJARDIM DA SILVA CARMO
Data: 20/01/2025 14:22:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) BOUGLEUX BOMJARDIM DA SILVA CARMO
UNEB
Doutorado em Estado e Sociedade
Universidade Federal do Sul da Bahia

 Documento assinado digitalmente
CELSO KALLARRARI DE SOUZA SILVA
Data: 16/12/2024 11:34:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) CELSO KALLARRARI DE SOUZA SILVA
UNEB
Doutorado em Ciências da Religião
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

 Documento assinado digitalmente
ANDERSON LINS RODRIGUES
Data: 12/12/2024 12:13:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) ANDERSON LINS RODRIGUES
Uesc - UESC
Doutorado em Letras
Universidade Federal de Pernambuco

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha companheira Eleandra Machado de Souza – que segue essa jornada ao meu lado –, ao meu filho Lucca – parceirão de todas as horas –, e a todos aqueles que me incentivaram durante essa trajetória acadêmica, incluindo meus pais, irmãos, amigos e familiares.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha companheira Eleandra Machado de Souza por estar comigo nos momentos mais difíceis, apoiando e incentivando na construção da minha formação acadêmica – desde a graduação –, pelas conversas e pelo incentivo à pesquisa acerca das relações de gênero, temática tão importante em nosso tempo. Sinceramente, gratidão pela caminhada; sem ela, esta dissertação não existiria. Sou grato também ao meu filho Lucca por ser uma fonte de inspiração e força nos dias mais difíceis da pesquisa e da escrita.

Agradeço aos meus pais, Neres Barboza e Neusa de Campos Barboza, pelo apoio de sempre e pelo suporte nos dias de maiores desafios, eles são as minhas referências quanto à concepção do que é ser homem, cidadão, pai e marido, bem como no reconhecimento à mulher, à mãe e ao apoio recebido. Agradeço aos meus irmãos Neres Barboza Júnior e Adriano de Campos Barbosa por serem companheiros nessa caminhada chamada vida, eles são fundamentais em meu cotidiano; pois, mesmo à distância, estamos sempre conectados.

Agradeço também aos meus amigos que sempre me incentivaram aos estudos, às pesquisas e me deram suporte, cada um à sua maneira e da forma como podiam; eles foram essenciais não só para clarear minhas percepções, mas também para compartilhar minhas descobertas e inquietações. Sou grato também aos companheiros do Grupo OME (Outras Masculinidades Emergentes), os quais foram fundamentais para a existência desta pesquisa; eles foram de grande valor para o início, para o desenvolvimento e para a conclusão desta dissertação.

Agradeço ao professor Bouglex Bomjardim da Silva Carmo pelos ensinamentos, pela generosidade, pela atenção, pela compreensão, pelos diálogos e pela paciência. Minha jornada pela pesquisa e por este mestrado foi mais prazerosa por ter tido o privilégio de ser seu orientando.

Agradeço aos professores e às professoras da UNEB – Campus X, de Teixeira de Freitas, os quais me acolheram desde minha chegada à Bahia, ainda na graduação, e agora no mestrado. Gratidão aos colegas de mestrado – com quem, a cada conversa, aprendi algo novo – e aos professores Bouglex Bomjardim, Crysna Bomjardim, Décio Bessa, Aline Nascimento, Cristhiane Ferreguett e Celso Kallarrari, em cujas companhias, em meio a diálogos sobre Análise de Discurso, percebi ter encontrado o caminho da pesquisa.

Agradeço aos meus colegas professores e aos demais companheiros de trabalho na construção da educação, pelo apoio, pela compreensão, pelas trocas de horário, pelo incentivo,

pela solidariedade e pela torcida. Sou grato, ainda, ao meu psicólogo Vitor Benevenuto, que foi essencial neste percurso.

Por fim, agradeço ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), pela oportunidade de expandir meus conhecimentos, e à UNEB – Campus X, pela acolhida, mais uma vez.

Apesar da trivial violência envolta no tema pesquisado, este mestrado foi um processo de descobertas de autores, de conceitos, de teorias e de visões de mundo. Esta caminhada tornou-me um homem melhor, menos ignorante, conhecedor de outras narrativas, mais consciente da realidade machista da nossa sociedade, mais cuidadoso em relação às palavras e aos possíveis impactos causados por manifestações de intolerância e de exclusão no cotidiano e nas redes sociais. Esta pesquisa, sem dúvida, construiu uma consciência mais madura das relações de gênero que marcam a vida em sociedade.

Concluo o curso mais alerta sobre a urgência do tema e dos desafios impostos para a conquista da igualdade de gênero.

Viva a igualdade de gênero e a democracia!

“Todo dizer é ideologicamente marcado, sendo um sujeito parte de um coletivo ideológico”.

Michel Pêcheux

RESUMO

Considerando o quadro grave de violência contra as mulheres, por meio do feminicídio e crimes de misoginia que ocorrem diariamente no Brasil, seja de forma física, psicológica ou virtual, o presente trabalho analisa, enquanto gesto de leitura, os discursos realizados por homens em relação às mulheres nas redes sociais. A pesquisa tem como objetivo geral compreender como se estruturam os discursos proferidos por homens em páginas destinadas ao público masculino que abordam as relações de gênero. Como escopo teórico, a discussão sobre masculinidades se dá à luz do pensamento de Michel Foucault (1998, 2002), Pierre Bourdieu (2002), Jean Jacques Courtine (2013) e Luiz Paulo Moita Lopes (2001), bem como os conceitos de gênero conforme Joan Scott (1995) e Judith Butler (2018). A presente pesquisa vale-se da Análise do Discurso materialista, de tradição francesa pecheutiana, com os objetivos específicos de identificar elementos da materialidade linguística e multissemiótica que expressam misoginia e representações de masculinidade ou gênero, a partir da análise discursiva de conversas nas redes sociais; analisar a trama de como se dão as redes de significações e rearticulações das enunciações dos sujeitos sobre as relações de gênero e o que é “ser homem”; refletir sobre a constituição de posições-sujeito, marcas ideológicas, memórias do dizer e formações discursivas no posicionamento dos sujeitos nas postagens. Para tanto, no contexto da investigação, a montagem do arquivo e a composição do *corpus* se constroem com base nos dados publicizados e coletados com o uso da metodologia etnografia virtual (Hine, 2008), modalidade empregada na pesquisa de campo em ambientes virtuais. Neste trabalho, a montagem do arquivo foi realizada por meio de *prints* de publicações com os discursos proferidos por homens em páginas das redes sociais *Instagram* e *4Chan*. A partir do gesto de leitura, a pesquisa observou que os elementos discursivos que sustentam os processos de representações das masculinidades, tendo como recorte a masculinidade entendida como hegemônica, identificada como hétero e cisgênero, estão articuladas com uma memória discursiva e uma formação discursiva machista e misógina, construída historicamente nas sociedades europeias e norte-americana, desde a antiguidade até a contemporaneidade. Analisou-se também que as redes de significações e as rearticulações das enunciações dos sujeitos apontam para homens que encaram, com receio, as conquistas das mulheres organizadas pelo movimento feminista. Constatou-se que a violência presente nos discursos aponta para uma tentativa de volta ao passado, em busca de manutenção da posição de privilégio e de dominação dos homens em relação às mulheres.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Gênero. Masculinidades. Misoginia. Redes Sociais.

ABSTRACT

Considering the serious situation of violence against women, through feminicide and crimes of misogyny that occur daily in Brazil, whether physically, psychologically or virtually, this study analyzes, as a reading gesture, the discourses made by men in relation to women on social networks. The general aim of the research is to understand how the discourses uttered by men on pages aimed at male audiences that deal with gender relations are structured. As a theoretical scope, the discussion on masculinities takes place in the light of the thinking of Michel Foucault (1998, 2002), Pierre Bourdieu (2002), Jean Jacques Courtine (2013) and Luiz Paulo Moita Lopes (2001), as well as the concepts of gender according to Joan Scott (1995) and Judith Butler (2018). This research uses materialist Discourse Analysis, in the French Pecheutian tradition, with the specific objectives of identifying elements of linguistic and multisemiotic materiality that express misogyny and representations of masculinity or gender, based on the discursive analysis of conversations on social networks, to analyze the weave of how the networks of meanings and rearticulations of the subjects' enunciations about gender relations and what it is to "be a man" take place, and to reflect on the constitution of subject-positions, ideological marks, memories of what is said and discursive formations in the positioning of the subjects in the posts. To this end, in the context of the research, the collection and composition of the corpus is based on the data published and collected using the virtual ethnography methodology, a modality used in field research in virtual environments, in this work the data collection will be carried out through the prints of social networks with the speeches uttered by men on Instagram and 4Chan pages. The research observed that the discursive elements that underpin the processes of representing masculinities, focusing on masculinity understood as hegemonic, identified as straight and cisgender, are articulated with a discursive memory and a sexist and misogynist discursive formation, historically constructed in European and North American societies from antiquity to the present day. It was also analyzed that the networks of meanings and the rearticulations of the subjects' statements point to men who view, with fear, the achievements of women organized by the feminist movement. It was found that the violence present in the speeches points to an attempt to return to the past in order to maintain the position of privilege and domination of men over women.

KEYWORDS: Speech analysis. Gender. Masculinities. Misogyny. Social media.

LISTA DE IMAGENS E QUADROS

Figura 1 - Fórum de discussão da rede social <i>4Chan</i> – Acesso: 20/08/2023.....	11
Figura 2 - Conversa privada do <i>Instagram</i> da candidata a vice-presidente Manuela D'Ávila – Acesso em: 20/08/2023.....	12
Figura 3 - <i>Twitter</i> dos irmãos Flávio e Eduardo Bolsonaro. Acesso em: 20/08/2023.....	13
Figura 4 - Fluxograma simplificado de um projeto de pesquisa netnográfica.....	56
Figura 5 – Fórum de discussão da rede social <i>4Chan</i> – Acesso: 20/08/2023.....	65
Figura 6 – Matéria da revista <i>Veja</i>	66
Figura 7 - Capa da revista <i>Istoé</i>	64
Figura 8 – Fórum de discussão da rede social <i>4Chan</i> – Acesso: 20/09/2024.....	65
Figura 9 – Fórum de discussão da rede social <i>4Chan</i> – Acesso: 20/09/2024.....	67
Figura 10 – Fórum de discussão da rede social <i>4Chan</i> – Acesso: 20/09/2024.....	69
Figura 11 – Fórum de discussão da rede social <i>4Chan</i> – Acesso: 20/09/2024.....	70
Figura 12 - <i>Instagram</i> @orgulho_de_ser_hetero – Acesso em: 20/08/2023.....	72
Figura 13 - <i>Instagram</i> @sejahomem.oficial – Acesso em: 22/08/2023.....	76
Figura 14 - <i>Instagram</i> @orgulhodeserhetero – Acesso em: 22/08/2023.....	79
Figura 15 - <i>Instagram</i> @condutavaliosa – Acesso em: 22/08/2023.....	81
Figura 16 - <i>Instagram</i> @orgulhodeserhetero – Acesso em: 20/09/2024.....	83
Figura 17 - Site: www.antiotario.com.br 1 – Acesso em: 20/08/2023.....	88
Figura 18 - Site: www.antiotario.com.br 2 – Acesso em: 20/08/2023.....	89
Figura 19 - Site: www.antiotario.com.br 3 – Acesso em: 20/08/2023.....	91
Figura 20 - Site: www.antiotario.com.br 4 – Acesso em: 20/08/2023.....	92
Figura 21 - Site: www.antiotario.com.br 5 – Acesso em: 20/08/2023.....	94
Tabela 1 - Estado da Arte.....	22
Tabela 2- Metodologia e montagem do arquivo.....	53

LISTA DE SIGLAS

AAD 69	Análise Automática do Discurso
AD	Análise do discurso
BBC Radiodifusão)	British Broadcasting Corporation (Corporação Britânica de
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CFDG	Coletivo Feminista Diva Guimarães
CMC	Comunicação Mediada por Computador
CNN	Portal de notícias
Covid-19	Doença do Coronavírus, ano 2019
G1	Portal de Notícias
KTD	Knowledge Discovery in Texts
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Queer, Intersexo, Assexuados, Pansexuais, Neutros +
NEV	Núcleo de Estudos de Violência da Universidade de São Paulo
OME	Outras Masculinidades Emergentes
OMS	Organização Mundial da Saúde
PL	Projeto de Lei
SARS-CoV-2	Vírus da família Coronavírus
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UnB	Universidade de Brasília
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
USFC	Universidade Federal de Santa Catarina
WEB	World Wide Web (Rede Mundial de Computadores)

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
LISTA DE IMAGENS E QUADROS	9
LISTA DE SIGLAS	10
INTRODUÇÃO	11
1 REFERENCIAL TEÓRICO	22
1.1 ANÁLISE DO DISCURSO MATERIALISTA	23
1.2 VIRILIDADES, MASCULINIDADES E RELAÇÕES DE GÊNERO	29
1.3 DISCURSO, LINGUAGEM E REDES SOCIAIS	41
2 METODOLOGIA DE PESQUISA	45
2.1 NATUREZA, TIPO E MODALIDADE DA PESQUISA	45
2.2 PROCEDIMENTOS ADOTADOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE	47
2.3 QUESTÕES ÉTICAS	49
2.4 ETNOGRAFIA VIRTUAL	50
2.5 ANÁLISE DO DISCURSO NOS AMBIENTES VIRTUAIS	55
3 GESTO DE LEITURA: MASCULINIDADES E SUAS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS NAS REDES SOCIAIS	59
3.1 GESTO DE ANÁLISE DA REDE SOCIAL <i>4CHAN</i>	61
3.2 GESTO DE ANÁLISE DE POSTAGENS DA REDE SOCIAL <i>INSTAGRAM</i>	71
3.3 GESTO DE ANÁLISE DO <i>SITE</i> ANTIOTÁRIO	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	100

INTRODUÇÃO

Considerando o contexto relativo aos casos de violência contra as mulheres, tais como as ocorrências de feminicídio e os crimes de misoginia observados diariamente no Brasil, seja de forma física, psicológica ou virtual, como pode ser observado na publicação das pesquisadoras Piccirillo e Silvestre (2023) do Núcleo de Estudos de Violência da Universidade de São Paulo, (NEV-USP), torna-se necessário investigar os discursos misóginos presentes nas redes sociais.

O dilema em pauta tem ganhado enfoque desde a publicação da lei 13.104/2015, conhecida como Lei do Feminicídio, elaborada para qualificar os casos de homicídio contra mulheres devido a sua condição de gênero, como apresentado pelo estudo acima.

Os casos de feminicídio têm aumentado enquanto os homicídios – qualificados como assassinatos oriundos pelos mais diversos motivos – apresentaram queda, haja vista que, segundo dados coletados entre os anos de 2017 e 2022, houve uma redução de 31% nos casos de homicídio; porém, nesse mesmo período, foi registrado um aumento de 37% dos casos de feminicídio no Brasil.

Por essa razão, é importante investigar como está a construção das masculinidades que causam a violência e a morte de mulheres em todo o país.

De fato, é frequente, ao acessar as redes sociais, encontrar publicações com conteúdos agressivos ou violentos direcionados às mulheres ou referindo-se a elas, mormente relacionados ao corpo e às identidades de gênero, no sentido de tratá-las na condição de objeto ou em posição de inferioridade, como pode ser observado na publicação abaixo, extraída da rede social *4Chan*:

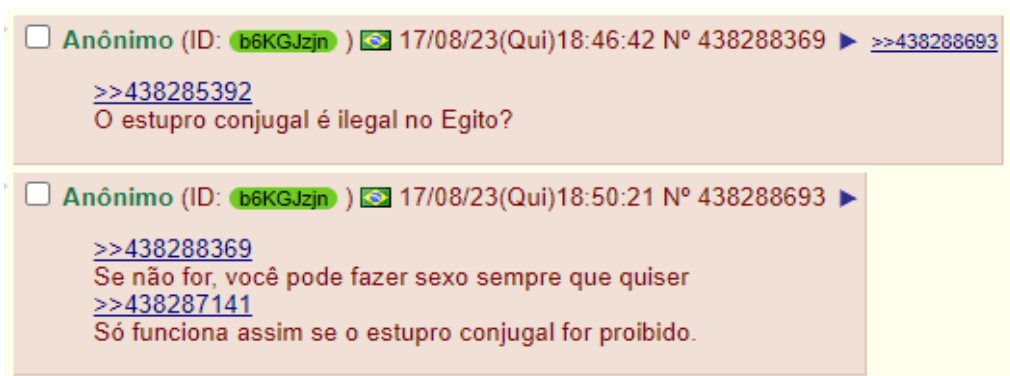


Figura 1 - Fórum de discussão da rede social 4Chan – Acesso: 20/08/2023

Na Figura 1, dois usuários anônimos discutem sobre o estupro conjugal no Egito, um deles faz a seguinte pergunta: “O estupro conjugal é ilegal no Egito?”, e o outro responde: “Se

não for, você pode fazer sexo, sempre que quiser.”

As publicações – datadas de 17/08/2023 – foram realizadas de forma anônima; pois, na referida rede social, não é necessário identificar-se para realizar postagens e interações. A questão do anonimato precisa ser pensada em relação à construção de discursos misóginos e das masculinidades.

Na publicação, a conversa expõe a forma como os usuários pensam a respeito do corpo das mulheres, como se este pudesse ser utilizado pelos homens para realização pessoal, mesmo sem o consentimento do cônjuge. Esse comportamento configura uma violência de gênero e pode ser observado com frequência nas redes sociais e nos dados apresentados por Piccirillo e Silvestre (2023).

Outros aspectos observados nas publicações das redes sociais estão relacionados às críticas, quando estas são direcionadas às mulheres no período eleitoral, pois levam em consideração o gênero, e não a profissão ou determinado posicionamento defendido pelas candidatas, como ocorre quando um homem faz uma crítica a outro homem, mediante a qual se busca criticar o comportamento do homem, e não a sua condição de gênero.

Nas eleições de 2018, puderam ser observados diversos tipos de discursos violentos direcionados à candidata Manuela D’Ávila, a vice-presidente da república pelo Partido Comunista do Brasil, na chapa do então candidato a presidente Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores. Tal afirmação pode ser constatada na visualização da imagem abaixo, extraída da rede social *Instagram* e exposta pela própria candidata no portal de notícias Brasil de Fato (Ferreira, 2022):

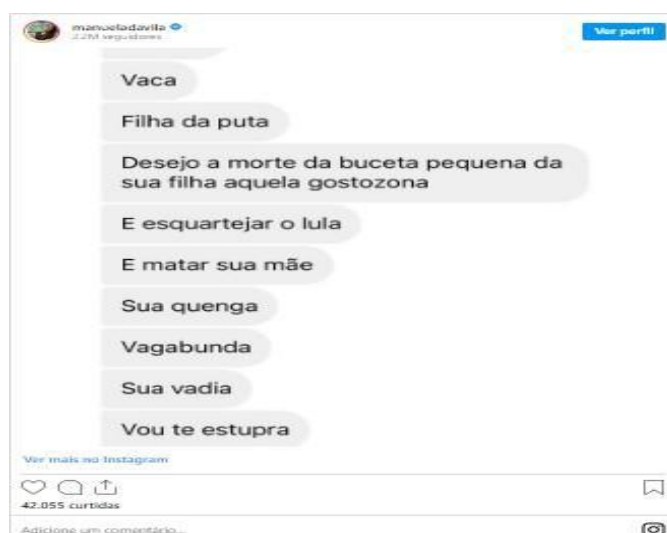


Figura 2 - Conversa privada do Instagram – Manuela D’Ávila – Acesso em: 20/08/2023

Na publicação, nota-se que, ao reportar-se a uma candidata mulher nas redes sociais, os

comentários, em muitos casos, são em tom de violência e formados por discursos machistas e misóginos, agredindo o gênero ou o seu corpo. No entanto, quando se trata de um candidato homem, a forma de violência é diferente daquela direcionada às mulheres, visto que as críticas incidem sobre seu comportamento ou sobre seu posicionamento político.

Outra forma de ataque aos homens em redes sociais ocorre por meio de notícias falsas, havendo como exemplos o fechamento de igrejas, a promoção da homossexualidade nas escolas ou o desenvolvimento de um projeto autoritário de país, ilustrado na matéria da jornalista Braun (2022), cuja publicação está disponível no portal BBC News Brasil, conforme a imagem abaixo:



Figura 3 - *Twitter* dos irmãos Flávio e Eduardo Bolsonaro. Acesso em: 20/08/2023

Portanto, percebe-se a diferença nas publicações direcionadas aos candidatos homens e mulheres, sob mero pretexto da condição de gênero. O conteúdo das publicações apresentadas acima é encontrado com certa regularidade nas redes sociais, em comentários nos quais as mulheres se tornam alvo de discursos violentos e, em alguns casos, são ameaçadas pelos mais diversos tipos de brutalidades nas redes sociais.

Não obstante, as postagens relacionadas aos homens levam em consideração outros fatores sem relação com a sua condição de gênero, demonstrando, assim, a presença de uma ideologia misógina e machista, comum nas postagens quando dirigidas às mulheres, sendo possível percebê-las por intermédio dos discursos revelados nos comentários.

A desigualdade de tratamento relacionado ao gênero se torna evidente ao analisar os

comentários quando concernentes às mulheres. Os enunciados mais encontrados são menções ao corpo e ao gênero feminino como objeto, ou apontam uma suposta incapacidade de elas exercerem determinadas funções de poder ou, até mesmo, de se posicionarem politicamente.

Pode-se observar, como apontam os pesquisadores Gomes e Silva (2022, p. 109), “(...) que os comentários sobre essas materialidades ancoram-se em regimes de verdade historicamente estabelecidos, os quais concebem a figura feminina como sujeito intelectualmente inferior ao homem e incapaz de desenvolver trabalhos tão significativos (...)”.

A motivação de pesquisar sobre a temática proposta teve origem na percepção dessa realidade de violência contra as mulheres nos mais diversos espaços, dentre eles, as redes sociais, tal como demonstrado nas postagens acima e nas reflexões sobre o tema nas reuniões do grupo OME (Outras Masculinidades Emergentes).

O pesquisador participa de um grupo reflexivo sobre as masculinidades, que tem como objetivo ser um espaço de discussão e de vivência para quem se identifica como homem e esteja disposto a repensar sua masculinidade, de forma crítica, bem como refletir sobre o papel dos homens na luta pela igualdade de gênero.

O grupo OME surgiu em Teixeira de Freitas no mês de agosto de 2020, com a iniciativa de alguns amigos que são casados com mulheres integrantes do C.F.D.G. (Coletivo Feminista Diva Guimarães), composto por feministas mobilizadas na luta política e social em busca de igualdade de direitos nas relações de gênero em Teixeira de Freitas e na região do Extremo Sul da Bahia.

Nos encontros do OME, percebeu-se que a luta pela igualdade de gênero perpassa também pelo engajamento dos homens e pela necessidade de estes repensarem seu papel social e a forma como contribuem para a manutenção da desigualdade de gênero, privilegiando os homens em detrimento das mulheres e demais gêneros que fogem à heteronormatividade.

Em uma das reuniões do grupo, foi abordada a questão de como as mulheres são descritas pelos homens nas redes sociais, seja em grupos de *WhatsApp* com a presença somente de homens, ou em páginas das redes sociais *Facebook* e *Instagram*, em situações em que sofreram feminicídio, violência sexual ou, até mesmo, por se posicionarem politicamente contra o patriarcado e o machismo.

Constatou-se, dentre outros elementos, a utilização de discursos misóginos e violentos observados em diversas publicações das redes sociais *Facebook* e *Instagram* e em grupos de *WhatsApp* com a presença exclusiva de homens.

As publicações observadas no encontro apresentavam textos, comentários, vídeos e imagens comparando as mulheres a objetos de uso e de posse dos homens, como automóveis e

motos, ou sugerindo que elas deveriam servir aos homens tanto sexualmente como cozinhando e cuidando dos filhos deles.

As mulheres que não cumpriam o papel esperado por esses homens eram desqualificadas e menosprezadas, sofrendo, assim, todo tipo de violência, tanto nas conversas de *WhatsApp* quanto nas postagens, que colocavam os homens em posição de julgadores e de proprietários das mulheres.

A partir dessa percepção, surge o interesse pela proposta da presente pesquisa: compreender como se estruturam os discursos proferidos por homens em páginas destinadas ao público masculino que abordam as relações de gênero nas redes sociais *Instagram* e *4Chan*, em perfis e fóruns que têm como público principal homens que se identificam com a heterossexualidade.

Assim, esta dissertação pretende identificar elementos da materialidade linguística e multissemiótica que expressam misoginia e representações de masculinidade ou de gênero, a partir da análise discursiva de conversas nas redes sociais. A partir disso, propõe-se a analisar a trama de como se dão as redes de significações e rearticulações das enunciações dos sujeitos sobre as relações de gênero e o que é “ser homem”, além de refletir sobre a constituição de posições-sujeito, marcas ideológicas, memórias do dizer e formações discursivas no posicionamento dos sujeitos nas postagens.

As redes sociais – por serem ambientes de produção de discursos e interação na contemporaneidade – são espaços de grande interesse para a montagem do arquivo, por isso compõem o campo de pesquisa deste trabalho, podendo ser as páginas do *Facebook*, do *Instagram*, do *Twitter*, do *WhatsApp*, do *Telegram*, dentre outros.

Nesses ambientes virtuais, encontram-se, com frequência, os discursos machistas, misóginos e violentos, isso porque esses meios são acessíveis ao público e apresentam uma infinidade de conteúdo. Para tanto, faz-se necessária a realização de um recorte para a montagem do arquivo da pesquisa.

Dessa forma, foram escolhidas duas redes sociais, o *Instagram*¹, por conter publicações publicizadas e de acesso aberto ao público, possibilitando a montagem do arquivo e a constituição da pesquisa. A outra rede social escolhida é o *4Chan*², devido à sua relevância em

¹ *Instagram* O aplicativo *Instagram* surgiu para o público no dia 6 de outubro de 2010. Foi desenvolvido pelos engenheiros de programação Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, cuja intenção, segundo eles próprios, era resgatar a nostalgia do instantâneo, cunhada ao longo de vários anos pelas clássicas *Polaroids*, câmeras fotográficas de filme, cujas fotos revelavam-se no ato do disparo (Piza, 2012, p. 07)

² *4Chan*: O *4Chan* nasceu em 2003 e rapidamente se tornou uma plataforma popular entre algumas comunidades “geek” da internet, nomeadamente entre amantes de séries de “anime” e “manga” japonesas.

casos de violência no mundo todo, por ter como uma de suas características principais o anonimato de seus membros e possuir grupos organizados que atuam nessa rede social, que fica hospedada na *Deep Web*³.

A rede social *4Chan* foi utilizada para organizar massacres em escolas de vários países do mundo, como no caso ocorrido no dia 14 de maio de 2022, em que um atirador em Buffalo, Nova Iorque, matou 18 (dezoito) pessoas em um supermercado, e no caso em que outro atirador matou 19 (dezenove) crianças e 2 (dois) adultos no dia 24 de maio de 2022, em uma escola do Texas. Ambos os ataques haviam sido organizados pela rede *4Chan* (Machado, 2022).

O *4Chan* tem outra particularidade que despertou o interesse para a composição do *corpus* da pesquisa: por ser uma rede social calcada no anonimato, possibilita aos usuários uma proteção para proferirem discursos misóginos, machistas e violentos, sem o receio de serem identificados e possivelmente penalizados.

A questão do anonimato é importante para a rede social *4Chan*, pois os usuários, nesse ambiente, não precisam apresentar foto de perfil ou nome, permanecendo ocultos e protegidos do risco de identificação. Nessa condição, tais indivíduos expressam ideologicamente afirmações que, pessoal ou publicamente, não o fariam. A respeito disso, Tashiro (2023) faz a seguinte reflexão:

É o efeito que ocorre quando há o relaxamento ou abandono de restrições sociais e inibições psíquicas em interações na internet, e que estariam presentes caso tais interações ocorressem face-à-face [*sic*]. Esta condição faz com que algumas pessoas exibam, enquanto online, certo comportamento de forma mais frequente ou mais intensa do que exibiriam pessoalmente. Alguns indivíduos podem demonstrar uma tendência a compartilhar sentimentos pessoais, revelar emoções, medos e desejos, assim como agir com incomum simpatia e generosidade (Tashiro, 2023, p. 10).

Outro recorte comum em pesquisas de campo são as coletas de dados relacionados a idade, a sexo, a classe social, a gênero, a raça, a posição geográfica etc.; porém, neste trabalho, o objeto de pesquisa são os discursos presentes nos enunciados, e não os sujeitos do discurso. Além disso, a modalidade de pesquisa proposta não contempla entrevista nem dados quantitativos dos enunciadores.

Porém, os seus conteúdos foram-se expandindo com o tempo e atualmente esse site oferece uma imensa variedade de temas e áreas de interesse, que vão desde a cultura pop a videogames, atividades de lazer, política, pornografia, tecnologia ou culinária (Arruda, 2018. p. 131)

³ A *Deep Web* representa uma camada do ciberespaço que possui, na maioria das vezes, conteúdos não recuperáveis ou indexáveis pelos mecanismos de busca. O resultado da falta de indexação e posterior não recuperação da informação ocasiona uma quantidade significativa de conteúdos não transitáveis e, portanto, não acessados em todo o ciberespaço (Monteiro e Vignoli, 2020. p. 03).

Diante desses pressupostos, a pesquisa justifica-se, em primeiro lugar, pela possível contribuição social na luta contra a misoginia, podendo ser um instrumento de debate acerca dos discursos misóginos nas redes sociais. Em segundo lugar, este estudo justifica-se também pela escassez de trabalhos de Análise do Discurso materialista, de tradição francesa pecheutiana sobre os discursos em relação às masculinidades nas redes sociais.

De fato, ao realizar a busca nos portais de periódicos científicos – tais como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e o Portal de Periódicos da Capes, com filtros ou *tags*⁴, a saber: *Análise do Discurso, Masculinidades, Misoginia e Redes Sociais* entre os anos de 2018 e 2023 – não foram encontrados resultados de trabalhos de dissertação e teses com essas abordagens, ou seja, utilizando os filtros mencionados.

Seguem, abaixo, os dados coletados na realização do Estado da Arte, a partir de palavras chaves que identificam a teoria, a metodologia e o objeto de pesquisa de trabalhos de áreas correlatas a esta pesquisa.

Foram localizados trabalhos correlatos na área de Análise do Discurso, porém filiada ao campo da AD Crítica, com o título “#ElaSóTem16Anos: Análise Discursiva Crítica de Postagens em Rede Social Caso de Estupro Coletivo no Rio de Janeiro”, da pesquisadora Passos (2019). Trata-se de uma dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Brasília (UnB), tendo como tema os discursos encontrados na rede social *Twitter*, após a ocorrência de um estupro coletivo de uma adolescente na cidade do Rio de Janeiro.

Outra pesquisa encontrada é uma dissertação para obtenção de título de mestra em área correlata, também apresentada à UnB, com o seguinte título: “Falar do Ódio Fora do Ódio: Testemunho de Ativistas Lésbicas Sobre o Discurso de Ódio nas Redes Sociais”, estudo desenvolvido pela pesquisadora Julianna Paz Japiassu Motter, em 2018.

A referida pesquisa construiu um testemunho sobre o discurso de ódio de três ativistas lésbicas na internet, tendo como origem os debates sobre o direito, o discurso de ódio e a liberdade de expressão, tendo como discussão a Lei 13.642/2018, popularmente conhecida como Lei Lola, norma que atribui à Polícia Federal a investigação dos crimes de ódio ocorridos na internet.

A terceira pesquisa citada nesta sessão, também de área correlata ao presente estudo, foi apresentada à Universidade Federal da Bahia (UFBA), como requisito para obtenção de título de mestrado da pesquisadora Neila Priscila do Santos Costa, em 2017, sob o título: “Discursos

⁴ As *tags* são estruturas de linguagem de marcação que contêm instruções e são delimitadas por uma marca de início e outra de fim. Elas são usadas para renderizar uma página no navegador.

Potencializadores de Violência Contra Mulheres na Internet”.

Tal pesquisa analisa a forma como os discursos realizados na internet potencializam a violência contra mulheres no ciberespaço e tem como fundamentação teórica a Linguística Aplicada Crítica, a Análise do Discurso Crítica, os Estudos Culturais e os Estudos de Gênero.

O trabalho a seguir foi apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) pelo pesquisador Márcio Welter, em 2021, como trabalho para obtenção de mestrado, com o título: “Método de identificação de padrões em discurso político a partir da descoberta de conhecimento”. Em tal estudo, o pesquisador busca realizar a Mineração de Texto para encontrar um padrão.

A realização do estudo das atas do parlamento brasileiro, em Brasília, através da metodologia de *Design Science Research*, para encontrar padrões em discursos dos políticos por intermédio do processo de descoberta do conhecimento em texto (*KTD - Knowledge Discovery in Texts*).

Tendo como base esse padrão, o pesquisador consegue mapear as temáticas dos discursos em período pré-eleitoral ao iniciar a composição de uma nova legislatura, percebendo a temática dos discursos entre partidos opositores e analisando se possuem características semelhantes, porém com pontos de vistas diferentes e se estão associados a determinada ideologia.

O próximo trabalho encontrado durante a composição do Estado da Arte desta pesquisa foi desenvolvido pela pesquisadora Dara Yanca Zimmermann, em 2021, como requisito para obtenção de grau de mestre pela Universidade Federal de Santa Catarina, sob o título: “A Apropriação da Ferramenta *Instagram Stories*⁵ pelo Estadão e as Narrativas Criadas no Noticiário Interativo ‘*Drops*’”.

A supracitada pesquisa concentra-se no campo do jornalismo, analisando a relação entre o poder de conexão das redes sociais e a possibilidade de criação de diferentes narrativas pelos jornalistas. Para isso, o estudo teve como base as postagens realizadas durante 15 (quinze) dias na rede social *Instagram* do jornal Estadão, com enfoque na ferramenta *Stories*⁵. Realizaram-se também entrevistas semiestruturadas com os profissionais do periódico na produção do noticiário e utilizou-se como metodologia a Análise Crítica da Narrativa, proposta por Luiz Gonzaga Motta.

O último trabalho encontrado na pesquisa para a composição do Estado da Arte desta dissertação é dos autores Marcos Paulo da Silva e Lucas Souza da Silva, sendo um artigo

⁵ *Stories* são uma ferramenta de redes sociais que permite aos usuários compartilhar fotos e vídeos, de forma temporária.

científico publicado em 2021, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com o título: “Disseminação de discursos de ódio em comentários de notícias: uma análise oriunda de notícias sobre o universo LGBTQIAPN+ em cibermeios sul-mato-grossenses no *Facebook*”.

No mencionado artigo, os autores analisam notícias publicadas pelo *Facebook*, tendo como hipótese o pano de fundo de que os discursos não se disseminam nos meios sociais se não tiverem respaldo na vida cotidiana. Dessa forma, os pesquisadores analisam as modalidades de discurso de ódio contra a comunidade LGBTQIAPN+, com base nos comentários das notícias públicas no *Facebook* no estado do Mato Grosso do Sul.

As metodologias utilizadas em tal artigo são a qualitativa e a quantitativa, com enfoque em três principais periódicos do estado: “Campo Grande News”, “Midiamax” e “Correio do Estado”. O método empregado para a realização da análise dos discursos se faz a partir da perspectiva da análise de conteúdo (Bardin, 2009).

A partir do exposto, percebe-se uma preocupação comum em relação à presente pesquisa e aos demais trabalhos encontrados para a composição do Estado da Arte: a forma como discursos realizados nas redes sociais são potencializadores de condutas violentas, sejam elas físicas ou psicológicas, direcionadas às mulheres, aos gays, às lésbicas e à comunidade LGBTQIAPN+, tendo como enunciadores, na maioria das vezes, homens héteros.

A pesquisa ainda se justifica pelos impactos sociodiscursivos contemporâneos, pois a temática movimenta setores da sociedade, sujeitos em posições sócioideológicas distintas e pelo avanço da luta pela equidade de gênero no meio social, como pode ser observado na Proposta de Lei 872/23, apresentada pela deputada federal Dandara, do Partido dos Trabalhadores, Haje (2023), com a finalidade de criminalizar a misoginia.

De acordo com a proposta, ao praticar, induzir ou incitar a misoginia, o criminoso terá pena prevista de reclusão de um a três anos e multa. Ao apresentar o PL na câmara dos deputados federais, em Brasília-DF, a proponente cita diversos setores e atores sociais.

A congressista Dandara fez referência ao movimento “*Red Pill*”⁶, organizado por homens que se identificam como héteros e cisgênero, numa vertente dos “*masculinistas*”⁷ que se opõem às feministas. Com efeito, o termo “*Red Pill*” é inspirado no filme “*Matrix*”, em cujo

⁶ O termo, em português, significa “pílula vermelha” e faz referência a uma cena do filme “*Matrix*”, de 1999. Nela, Neo (Keanu Reeves), o personagem principal da trama, é convidado a escolher qual pílula vai tomar: a azul, que o mantém preso à matrix (o mundo ilusório, mas que ele acredita ser a realidade), ou a vermelha, que lhe traria a consciência do que seria real de fato. Seguindo a mesma lógica, os *coaches* de masculinidade oferecem ao público a escolha entre as pílulas azul e vermelha. Para eles, a realidade atual, marcada pela emancipação feminina e pelo combate ao machismo, seria uma espécie de matrix. Nela, as mulheres exerceriam dominância sobre os homens, a partir dos direitos que conquistaram, chamados pelos *redpills* de “privilégios”. (Bertagnoli, 2023)

⁷ Masculinista é um termo que se refere a um conjunto de ideologias, movimentos políticos, culturais e econômicos que defendem os direitos dos homens, mesmo que isso signifique ir contra a luta pela igualdade de gênero.

enredo, o protagonista, após tomar a pílula vermelha “*Red Pill*”, passa a perceber a realidade.

Assim, os *masculinistas* acreditam possuir uma percepção sobre as reais intenções das mulheres em relação aos homens, invertem a realidade e passam a se colocar como vítimas das mulheres e, assim, praticam e incentivam a misoginia (Haje, 2023).

Outro Projeto de Lei apresentado em 2023 na Câmara Federal dos Deputados é o PL 869/2023, que altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Nesse projeto de lei, além da injúria em razão da misoginia, torna-se crime a indução ou a incitação da misoginia no Brasil, entendida como mecanismo de propulsão de violência contra as mulheres.

No ano de 2022, foi registrado o maior número de feminicídios em toda a história do país, haja vista que uma mulher era morta a cada seis horas no Brasil, Maia (2023). Todos esses elementos convocam a pensar como as masculinidades têm sido construídas discursivamente no meio social, em particular nas redes sociais, tal como a presente investigação se detém.

Sendo assim, há preocupações políticas, jurídicas e comunicacionais distintas como forma de estímulo para este trabalho, que se utiliza da perspectiva linguística como empreendimento do gesto de leitura a fim de compreender a temática proposta, utilizando os operadores teóricos, o sujeito, a ideologia, as formações e as memórias discursivas, presentes nas publicações.

Dito isso, busca-se analisar a forma pela qual esses discursos são construídos, com o objetivo geral de compreender como se estruturam os discursos proferidos por homens em páginas destinadas ao público masculino que abordam as relações de gênero, tendo como premissa os discursos machistas e misóginos encontrados nas redes sociais, pois os ambientes virtuais se tornaram um espaço oportuno para a disseminação de discursos violentos e de ódio contra as mulheres (Barbosa; Barbosa, 2021).

Tais discursos são direcionados às mulheres por intermédio de comentários que visam desqualificar e objetificar o gênero feminino, conforme salientam Barbosa e Barbosa (2021). Assim, esta pesquisa poderá contribuir para uma reflexão sobre a violência do machismo tanto no meio social como nos ambientes virtuais que associam os homens a aspectos positivos e dão às mulheres atributos negativos, associados a características depreciativas (Lerner, 2023).

Destarte, a pesquisa realiza uma reflexão sobre como se tem apresentado a relação de gênero nos discursos de enunciados produzidos em ambientes virtuais, além de buscar entender como se processam as lutas de embate à misoginia e em favor da equidade de gênero, tanto nas relações sociais virtuais quanto no meio social, sendo os homens também agentes responsáveis por essas mudanças.

A questão que a pesquisa busca elucidar apresenta-se no sentido de responder o seguinte:

como são construídos os processos de representações das masculinidades e quais elementos os sustentam por intermédio dos discursos machistas e misóginos proferidos por homens nas trocas de mensagens e postagens em perfis do *Instagram* e nos fóruns do *4Chan* que abordam as relações de gênero?

Este trabalho tem como objetivo geral compreender como se estruturam os discursos proferidos por homens em páginas destinadas ao público masculino que abordam as relações de gênero, a partir de um gesto de leitura ancorado na AD materialista em páginas do *Instagram* e nos fóruns do *4Chan* que abordam as relações de gênero destinadas ao público masculino, com enfoque nas categorias sujeito, ideologia, formação discursiva e memória discursiva.

A pesquisa tem como objetivos específicos identificar elementos da materialidade linguística e multissemiótica que expressam misoginia e representações de masculinidade ou gênero, a partir da análise discursiva de conversas nas redes sociais; analisar a trama de como se constroem as redes de significações e rearticulações das enunciações dos sujeitos sobre as relações de gênero e o que é “ser homem” ; e refletir sobre a constituição de posições-sujeito, marcas ideológicas, memórias do dizer e formações discursivas no posicionamento dos sujeitos nas postagens.

Para situar esta pesquisa de acordo com a temática, a metodologia e a teoria proposta, realizaram-se buscas em publicações referentes às mais diferentes áreas das ciências sociais e humanas dos últimos cinco anos. Os resultados serão apresentados, por categorias, no quadro 02.

Com a finalidade de traçar um panorama das temáticas e metodologias encontradas, segue o Estado da Arte com referência aos trabalhos encontradas nos principais meios de publicação científica, a saber: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Periódico CAPES e *SciELO*, *datados* entre os anos de 2018 e 2023.

Para a realização da busca pelas publicações, foram utilizadas estas *tags*: Análise do Discurso, Redes Sociais, Misoginia e Masculinidades. Ao inserir as quatro *tags* nos campos de pesquisa das plataformas mencionadas, não foi encontrado nenhum resultado, o que demonstra uma lacuna de pesquisa ao relacionar essas quatro categorias.

Porém, ao utilizar as *tags* separadamente, por exemplo Análise do Discurso e Redes Sociais, ou Masculinidades e Misoginia, encontraram-se algumas publicações – sejam teses, dissertações ou artigos, expostas no quadro 02 – as quais utilizam a análise do discurso de diferentes abordagens e com objetos de pesquisas diferentes na composição do *corpus*.

Após a seleção das publicações que mais se assemelham à presente dissertação, foram lidos os resumos científicos como etapa preliminar para a escolha dos trabalhos a serem

expostos abaixo. Após essa etapa, realizou-se a leitura dos trabalhos completos, com base nos tópicos citados acima, sendo: a) o tipo de abordagem realizada pelos diferentes pesquisadores; b) a problemática que incita cada investigação; c) a metodologia empregada; d) os principais resultados alcançados.

Ao término das buscas, foram encontrados e selecionados seis trabalhos científicos nos diferentes gêneros acadêmicos e nas diversas áreas das ciências sociais e humanas, conforme se observa no quadro abaixo, no qual tais publicações encontram-se organizadas em ordem alfabética.

Quadro 02 - Estado da Arte

Quadro 02: Estado da Arte	
Portal de Buscas	Autores em Ordem Alfabética
BDTD	Costa, Neila Priscila dos Santos (2018); Motter, Julianna Paz Japiassu (2018); Passos, Nair Luisa Rabelo dos (2019) Welter, Márcio (2021); Zimmermann, Dara Yanca (2021)
Periódico CAPES	Não foi encontrado nenhum resultado
<i>SciELO</i>	Silva e Silva (2021)

Fonte: Elaborado pelo autor

É importante observar que, após a realização do Estado da Arte, constatou-se que apenas um pesquisador do sexo masculino foi identificado com trabalho correlato que aborde as relações de gênero de forma violenta. Essa constatação demonstra que a temática aqui abordada desperta pouco interesse em homens cisgênero e heterossexuais.

Encerra-se, desse modo, a introdução desta dissertação, que está dividida em três capítulos: o primeiro dedica-se ao referencial teórico, no qual são apresentados os autores e as teorias norteadoras do trabalho; o segundo capítulo apresenta as metodologias utilizadas para a composição do *corpus* da pesquisa; e o terceiro realiza o gesto de análise e a aplicação da teoria e da metodologia.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Nas subseções deste capítulo, apresentam-se as linhas teóricas que fundamentam a presente investigação. No primeiro momento, realiza-se uma exposição sobre a Análise do Discurso materialista, em que se estabelece a relação existente entre o discurso, o sujeito e a

língua dentro de uma perspectiva histórica e ideológica.

Também será apresentada, nesta primeira subseção, a visão sobre ideologia, tendo como referência o teórico Althusser (1970), com a obra “Aparelhos Ideológicos de Estado”, em que se discute sobre a influência da ideologia imposta pelas instituições de estado em relação aos discursos que circulam no meio social. Essa obra colaborou para a elaboração da AD materialista.

Na segunda subseção, discute-se acerca das masculinidades, tendo como principais referências os teóricos Foucault (1998 e 2002) – partindo do estudo sobre a sexualidade na Grécia antiga, bem como sobre a noção de virilidade –, seguindo, de forma temporal, para os teóricos de Courtine (2013) e de Kimmel (1998), em que é realizada uma análise acerca da construção da masculinidade desde a Idade Média até a contemporaneidade, complementada por Bourdieu (2002) com a obra “A Dominação Masculina”.

Na terceira subseção, realiza-se o gesto de análise sobre a questão do gênero, tendo como referência as pesquisadoras Scott (1995) e Butler (2018), que problematizam como se dão essas relações entre homens, mulheres e demais gêneros, tendo como referência o período em que as mulheres e os movimentos LGBTQIAPN+ iniciam movimentos em busca de igualdade com os homens héteros, que historicamente se posicionaram como dominantes em relação aos demais gêneros.

1.1 ANÁLISE DO DISCURSO MATERIALISTA

Ao escolher como método de pesquisa a AD materialista, busca-se estabelecer a relação existente no discurso entre língua/sujeito/história ou língua/ideologia. Esse método permite analisar como são construídos os sentidos na coletividade, levando em consideração o contexto sócio-histórico.

Ao questionar os sentidos das palavras em dois contextos diferentes, o político e o científico, Pêcheux (2014) analisa se esse é um problema puramente linguístico, assim afirma que a linguística precisou elaborar uma teoria geral da língua por meio da qual seria possível a interpretação dos fenômenos linguísticos, bem como as categorias de análise fonológica, morfológica e sintática.

A linguística, segundo Pêcheux (2014), por intermédio dessas categorias, desenvolveu ferramentas capazes de analisar os elementos fônicos, os estudos das formas e as regras que regem a construção das frases pelo encadeamento das palavras e apontou que os níveis de

análise não podem, de maneira isolada, dar conta de compreender o fenômeno linguístico. O mesmo ocorre ao se deparar com o problema da produção e da interpretação do sentido de uma frase, passando, assim, para a teoria semântica.

Ao aplicar a teoria geral dos níveis de análise da fonologia, da morfologia e da sintaxe em línguas diferentes – como francês, inglês e árabe –, Pêcheux (2014) concebe que é difícil, no nível da semântica, essa aplicação que ocorre na teoria geral ao analisar o estudo particular. Faz-se necessário, assim, recorrer a outros campos da ciência, como o da sociologia, o da psicologia, o da história, o da literatura etc.

Nessa direção, Pêcheux (2014) aponta que, no caso da semântica, os laços que ligam as significações de um texto estão relacionados às suas condições sócio-históricas de produção e que esse elemento não é secundário; mas, sim, próprio das significações, e que a própria linguística se relaciona com essa demanda expressa pela oposição língua-fala.

Além disso, Pêcheux (2014) esclarece que o conceito de língua se opõe à noção de fala que representa a maneira pela qual cada indivíduo usa a língua e manifesta sua liberdade, porém essa liberdade está submetida a determinações sócio-históricas, levando a se pensar que, em determinada época e em determinado meio social, a fala – em suas formas políticas, literárias, acadêmicas etc. – organiza-se em sistemas marcados por esse par ideológico, liberdade e sistema que recobre a fala:

Na realidade, é mais conveniente conceber a língua (objeto linguístico) como a base sobre a qual processos se constroem; a base linguística caracteriza, nessa perspectiva, o funcionamento da língua em relação a si própria, quanto realidade relativamente autônoma; e é preciso, por conseguinte, reservar a expressão *processos discursivos* (processos de produção de discurso) ao funcionamento da base linguística em relação a representações (cf. exposto acima) postas em jogo nas relações sociais. Isso permite compreender porque formações ideológicas muito diversas podem se constituir sobre uma única base (resposta ao problema: uma só língua/várias culturas). (Pêcheux, 2014, p. 128)

Como se pode observar acima, Pêcheux (2014) sinaliza que os processos discursivos ou processos de produção de discurso, que levam em consideração o contexto das condições em que determinado discurso foi produzido, podem acolher formações ideológicas diversas e são o funcionamento da base linguística nas representações das relações sociais.

A AD materialista possui suas particularidades, segundo Gadet (2001), e se difere de disciplinas como “*discourses analysis*”, que existem nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, pois a AD materialista não se apoia na mesma configuração teórica e não possui a mesma forma. A AD materialista é imediata, um dispositivo que coloca em relação os campos da língua e da história, bem como de força e de dominação ideológica.

Segundo Maingueneau (2015), o termo “*discourses analysis*” foi utilizado pela primeira pelo linguista estadunidense Zellig Sabbetai Harris, em 1952; porém o termo se referia à linguística textual propriamente dita e buscava analisar a estrutura do texto, diferentemente da AD materialista, que é uma ciência da interpretação e tem como objeto de estudo sentidos dos discursos a partir da situação e do sujeito, que são as condições de produção.

Gadet (2001) diz que a AD materialista possui mais duas características diferentes de outras disciplinas da análise do discurso, estando ela apoiada no político, surgindo, assim, uma visão de intervenção política. A outra característica é apontada pela autora como sendo a forma desenvolvida por Michel Pêcheux, a qual impossibilita a AD sem a ancoragem na teoria do sujeito.

Assim, pode-se observar que a AD materialista possui como dispositivo de análise dos processos discursivos as relações da língua, com a história e o sujeito, sendo este último filiado a uma formação e a uma memória discursivas, bem como a determinada condição de produção do seu discurso.

O discurso, para Malidier (2003), parece um verdadeiro nó e não é um objeto primeiro ou empírico, é o lugar teórico no qual se enredam todas as grandes questões sobre a língua, a história e o sujeito, desenvolvendo-se no duplo plano do pensamento teórico e do dispositivo de análise.

Assim, antes de a AD materialista constituir-se como dispositivo de análise, essa teoria passou por algumas mudanças, sendo criada inicialmente como AAD 69, Análise Automática do Discurso, que, segundo Malidier (2003), iniciou-se tendo como base uma tese universitária defendida em 1968, por Pêcheux.

Em sua primeira publicação, Michel Pêcheux utilizou o pseudônimo de Thomas Hebert e, nessa obra, lançou os pilares do que veio a se tornar a AD materialista, tendo como base a linguística, o materialismo histórico de Marx e a psicanálise.

O objetivo de Pêcheux (2015), segundo Malidier (2003), era compreender como a ideologia se define, como funciona e qual a sua ligação com os processos discursivos e, mais tarde, com os processos inconscientes. Assim, Malidier (2003) expõe o surgimento da AD a partir de alguns conceitos iniciais que se transformaram ou foram abandonados posteriormente.

Segundo Malidier (2003), Pêcheux utilizou o pseudônimo de Thomas Hebert para lançar dois artigos, um sobre o conceito de ideologia e outro sobre a epistemologia nas ciências humanas. Com a questão da ideologia colocada nas ciências humanas, Pêcheux fez um suporte necessário para unir o materialismo histórico, a psicanálise e a linguística numa mesma

disciplina, a análise do discurso.

Ao entrar no laboratório de psicologia social da Escola Normal Superior e se tornar amigo de Paul Henry e Michel Plon, o objetivo de Pêcheux inicialmente era elaborar um sistema fechado e lançar uma máquina discursiva, de maneira que as condições de produção do discurso fossem delimitadas, e as possibilidades de enunciados disponíveis fossem previsíveis, por meio de um sistema informatizado com um algoritmo que foi chamado de AAD 69 (Análise Automática do Discurso de 1969) (Maldidier, 2003).

Além disso, segundo Maldidier (2003), com a atenção voltada para as máquinas, Michel Pêcheux dedica-se ao processo discursivo e apresenta as bases do que será a disciplina da AD, quais sejam as condições de produção, o interdiscurso e o processo de produção do discurso.

A noção de formação discursiva surge posteriormente. Com as contribuições de Antoine Culioli e Catharine Fux sobre a questão da ideologia, o ensaio de Althusser (1970), “Aparelhos Ideológicos de Estado”, exerceu forte influência sobre o pensamento de Pêcheux.

Na última fase de elaboração da AD, Maldidier (2003) aponta que a questão do inconsciente da psicanálise e a fala passaram a ter mais espaço, sendo este centrado nas definições do sujeito como produtor de discurso. Nesse contexto, a máquina discursiva foi abandonada, priorizando o interdiscurso, que passou a receber maior atenção.

Com efeito, neste último período, Maldidier (2003) anuncia que Pêcheux publica seu texto na conferência do México de 1977, sob o título “Remontemos de Foucault a Spinoza”. Nesse trabalho, ele tece crítica ao livro “A Arqueologia do saber”, de Michel Foucault, e a memória discursiva ganha força, passando a fazer parte do interdiscurso. Dessa forma, toda sua teoria começa a ser desconstruída e, posteriormente, reelaborada.

Por meio dessas etapas de desenvolvimento, o projeto de Pêcheux nasce na conjuntura dos anos de 1960, sendo progressivamente amadurecido, formando, assim, a AD materialista pecheutiana, que assume a forma de uma disciplina dentro da linguística. Essa área tem como objeto de estudo o discurso e leva em consideração os aspectos da língua, da história, da ideologia e do sujeito, sendo este último marcado pelo inconsciente, conforme Maldidier (2003).

Após a realização de um breve histórico do surgimento da AD materialista, aponta-se, adiante, os motivos pelos quais a escolha desta teoria metodológica fora selecionada para a realização da presente pesquisa.

A AD materialista utiliza-se da metodologia qualitativa, pois busca os sentidos do discurso, diferentemente de outras abordagens da análise do discurso, que podem empregar

tanto a pesquisa qualitativa como a quantitativa. Como afirmam Caregnato e Mutti (2006), ao utilizar a metodologia qualitativa, a AD materialista procura dar sentido aos fenômenos de interpretação do objeto de investigação. A esse respeito, Araújo e Silva (2017) consideram que:

[...] os estudos nessa linha de pesquisa possuem sempre um caráter qualitativo-interpretativista, que estuda o objeto de investigação em seu contexto natural na tentativa de dar sentido aos fenômenos levando em conta os significados que as pessoas lhe atribuem. (Araújo; Silva, 2017, p. 20)

A AD materialista terá como referência o método de Michel Pêcheux, apresentando uma visão de materialidade linguística e histórica, compreendendo a relação entre linguagem e ideologia, de modo que o discurso seja material e simbólico para o estudo do funcionamento dos mecanismos de produção de sentidos, sendo, então, o confronto do simbólico com a ideologia:

O que a análise de discurso procura dar a conhecer é o caráter histórico da linguagem, visto que esse campo de estudo é de ruptura, o que implica assim uma gama de reconsiderações no interior do próprio fazer linguístico. A análise de discurso francesa se constitui como uma disciplina de confluência, uma vez que se inscreve em um lugar em que se juntam três regiões de conhecimentos, quais sejam: o materialismo histórico, como uma teoria das formações sociais, inclui-se então a ideologia; a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; e por fim, a teoria do discurso, como determinação histórica dos processos semânticos. (Brasil, 2011, p. 172-173)

Segundo Caregnato e Mutti (2006), o método de Análise do Discurso materialista interroga os sentidos dos discursos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais ou não verbais, bastando que a materialidade produza sentidos, assim percebe-se que o *corpus* desta pesquisa – que são discursos proferidos nas redes sociais – pode ser analisado de acordo com essa metodologia escolhida.

Nesse viés, analisaram-se os discursos dos enunciados nas páginas das redes sociais, dentro da perspectiva relacionada ao contexto no qual estão inseridos tanto no campo ideológico, quanto no histórico-social e no da linguagem; afinal, segundo Pêcheux (2015), a Análise do Discurso é realizada tendo como base a ideologia, a história e a linguagem.

Entende-se, assim, que o sujeito, ao realizar um discurso, está filiado ideologicamente ao período sócio-histórico no qual está inserido. Dessa forma, ao analisar as relações de gênero presentes no discurso nas redes sociais, identificou-se como essa ideologia se construiu nesses ambientes virtuais, partindo da premissa de que a linguagem é a materialidade do texto que gera pistas no sentido que o sujeito pretende dar à sua manifestação comunicativa.

Já no aspecto da linguagem, segundo Orlandi (1996), não há transparência e

homogeneidade e pode não haver um sentido único, possibilitando diversas interpretações, pois o sentido pode não estar na palavra, pode ser simbólico, logo cabe ao analista interpretar o enunciado:

A análise de conteúdo, como sabemos, procura extrair sentidos dos textos, respondendo à questão: o que este texto quer dizer? Diferentemente da análise de conteúdo, a Análise do Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que se coloca é: como este texto significa. (Orlandi, 1996, p. 15-16.)

Segundo a AD materialista, os discursos são sempre pronunciados a partir de condições, dadas, por exemplo, um político, quando realiza um discurso sobre determinado projeto, pode variar a forma de abordar tal temática, dependendo da sua situação: se faz parte do governo ou se é de oposição.

Nesse sentido, ao propor analisar os enunciados das páginas *masculinistas* das redes sociais *Instagram* e *4Chan*, faz-se necessário observar em que condições dadas os discursos coletados nessas páginas e grupos foram realizados, não sendo possível a elaboração de uma análise fechada apenas no próprio discurso, ou seja, é necessário compreender quais são os elementos sócio-históricos e ideológicos que influenciam a elaboração desses discursos.

Ao trabalhar-se com essa linha teórica, será necessária a contextualização dos discursos proferidos; pois, como afirma Pêcheux (2015), os discursos são ideologicamente marcados. Assim, a pesquisa pretende analisar como se deram as construções dos elementos discursivos que sustentam os processos das representações das masculinidades, o que resultou na elaboração do *corpus* da pesquisa a partir dos enunciados encontrados nas redes sociais supracitadas.

Para tanto, no processo de interpretação realizado a partir da perspectiva ideológica, sócio-histórica e linguística, é importante ter ciência de que o intérprete também é um sujeito influenciado pelo seu afeto, por sua posição e por suas crenças, possibilitando que haja diversas interpretações para um mesmo enunciado, dependendo da posição do analista (Caregnato e Mutti, 2006).

Pode-se dizer, por exemplo, que, ao abordar determinado enunciado sobre religião, a posição do analista pode diferenciar-se, a depender da sua crença religiosa ou da sua visão espiritual; ou, até mesmo, se tiver alguma crença favorável ou contrária ao enunciado analisado:

Na interpretação é importante lembrar que o analista é um intérprete, que faz uma leitura também discursiva influenciada pelo seu afeto, sua posição, suas crenças, suas experiências e vivências; portanto, a interpretação nunca será absoluta e única, pois também produzirá seu sentido. (Caregnato; Mutti, 2006, p. 682)

Para a realização da AD materialista, é necessário captar a marca linguística e relacioná-la ao contexto histórico, para que se possa identificar quais são os elementos que influenciam a elaboração de determinado discurso coletado na pesquisa.

Assim, destacam-se os enunciados que apontam para os discursos de gênero construídos nas páginas com público-alvo masculino e, nesse contexto, espera-se compreender a relação sócio-histórica que influenciou a formação ideológica ali constatada.

1.2 VIRILIDADES, MASCULINIDADES E RELAÇÕES DE GÊNERO

Ao observar os discursos e narrativas machistas e misóginas nas redes sociais, é importante compreender sobre a forma como se deu a construção dessas masculinidades e como se chegou na contemporaneidade até esse modelo de homens que se posicionam no sentido de pensarem que possuem o direito de julgar e classificar as mulheres segundo a sua visão de mundo, acreditando que devem ser dominantes nas relações de gênero.

Ao investigar a história da sexualidade e encarando-a como um discurso que atravessa a produção de subjetividades na construção das ideias ocidentais, Foucault (1998) aponta como podemos começar a perceber a construção da dominação masculina, por meio de uma dimensão política que pode ser observada desde a antiguidade e que se dava em torno da manutenção da *pólis* grega no período clássico do século IV a.C.

É importante destacar que a sexualidade entre os gregos tinha um papel muito importante na vida social e ocorria entre os homens e os rapazes, bem como entre os homens e as mulheres, sendo elas esposas ou concubinas. No entanto, essa sexualidade era pensada e dominada exclusivamente pelos homens, tanto em relação aos rapazes quanto em relação às mulheres (Foucault, 1998).

Porém, na antiguidade, não se utilizava o conceito de gênero nem de masculinidade, a reflexão se dava em torno da virilidade que era pensada como uma característica que exaltava o sexo masculino, considerado superior e dominante.

A noção de superioridade em que os homens eram considerados perfeitos e biologicamente superiores, pensados politicamente como ativos e dominantes da esfera pública, aplicava-se também à *afrodisia*, termo grego que hoje pode ser compreendido como sexualidade.

É importante destacar que as relações na antiguidade grega, segundo Foucault (2005), até mesmo no casamento, eram reguladas por uma hierarquia definida pelo gênero. Sendo

assim, um homem, ao se casar com uma mulher mais rica ou mais velha, ficava numa posição desconfortável, como pode ser observado nesta citação:

Um outro elemento distintivo no diálogo de Plutarco é a personagem da mulher na perseguição ao rapaz. Todos os traços que a marcam são significativos. Ela é mais velha do que o rapaz, mesmo estando ainda na juventude; é mais rica do que ele; tem um status social mais importante; a vida passada já lhe deu experiência". Essa espécie de situação não é extraordinária na Grécia ao mesmo tempo por causa da raridade das mulheres e da estratégia dos casamentos. Mas se experimentava, contudo, uma certa reticência diante dessa espécie de união; e o marido mais jovem e mais pobre encontrava-se, em relação à sua mulher, numa situação um tanto incômoda, já que a preeminência do marido era estatutária nas relações matrimoniais. Aliás, nos textos consagrados à vida conjugal, encontram-se muitas observações sobre esses inconvenientes; Plutarco, na Vida de Sólon, recomenda ao magistrado que encontra o jovem empenhado junto a uma velha, "como um macho atrás de uma perdiz. (Foucault, 2005, p. 195)

No texto, Foucault (2005) aponta para questões fundamentais que marcam a masculinidade nos tempos atuais: a questão da riqueza material do homem como forma de dominação em relação à mulher e à idade preferencialmente mais avançada que a da mulher.

Esses elementos podem ser percebidos nos valores defendidos em páginas *masculinistas* quando se associa a ideia de que as mulheres procuram os homens para obterem vantagens financeiras ou no sentido de apresentarem mulheres mais velhas como preteridas para uma relação conjugal.

Os diálogos de Plutarco apresentados por Foucault (2005) ilustram a discussão entre partidários do amor pelos rapazes e do amor pelas mulheres, expondo as razões e os argumentos que justificam qual dos dois seriam melhores para uma relação.

Ao analisar um dos argumentos dos partidários do amor pelos rapazes, chamado na Grécia antiga de *pederástica*, faz-se necessário citar a relação que os gregos utilizavam para desqualificar as características do gênero feminino, ao citar os acessórios utilizados pelas mulheres como algo artificial (Foucault, 2005):

Os partidários do amor pelos rapazes fazem uma breve alusão ao argumento frequente que opõe tudo o que há de artificial nas mulheres (enfeites e perfumes em umas, navalhas, filtros e pinturas nas mais desavergonhadas), ao natural dos rapazes que são encontrados na palestra. Mas o essencial de seu argumento contra o amor pelas mulheres é que ele nada mais é do que uma inclinação da natureza. É a natureza, na verdade, diz Protógenes, que colocou em nós um apetite (orexis), levando os sexos um para o outro: era preciso que fôssemos levados a procriar como o somos a alimentar-nos. (Foucault, 2005 p. 199)

É interessante analisar que a afeição ao próprio sexo como valor e o desprezo aos elementos que compõem o universo das mulheres podem ser percebidos na memória discursiva *masculinista* e, até mesmo, por homens que não se percebem como machistas, porém criticam

os elementos presentes no gênero feminino e valorizam os símbolos do que é entendido como masculino.

Percebe-se, assim, que os afetos dos homens são direcionados a outros homens e que as mulheres são percebidas como algo da natureza, tendo como finalidade a procriação, presente nas formações discursivas religiosas, que apontam para as relações sexuais como meio apenas de procriação.

Protógenes entende a relação com as mulheres como sendo imperfeita e diferente da relação com os rapazes, sendo que esta é, então, vista como uma inclinação maior, (Foucault, 2005):

A naturalidade da atração para o outro sexo não condena, evidentemente, a indispensável prática que nos faz unir-nos às mulheres; mas ela limita seu valor ao de uma conduta que se pode encontrar em toda parte no mundo animal, e que tem como razão de ser uma necessidade elementar. O caráter natural das relações com as mulheres é invocado por Protógenes para marcar sua imperfeição e para traçar a diferença com um amor pelos rapazes que, este sim, desdenha tais necessidades e visa bem mais alto. (Foucault, 2005, p. 199)

O comportamento comum entre os homens de socializarem e buscarem programas sociais como o futebol, pescarias, barbearias, bares, entre outras atividades com a presença somente de homens para os quais os afetos são direcionados fazem parte de uma memória discursiva machista da antiguidade, afinal percebe-se que os homens *masculinistas* buscam na esposa ou na namorada momentos restritos às relações sexuais.

Outra característica analisada sobre a questão da sexualidade se dá no sentido de perceber a memória discursiva *masculinista* impregnada de noções de dominação, passando pelo domínio da riqueza material, da exigência de mulheres mais jovens, bem como o poder exercido pelo ato sexual, materializado pela penetração.

O papel social dos homens, nesse contexto, era reafirmado pela penetração, pois as mulheres e os rapazes eram passivos sendo os penetrados, denotando, assim, uma dimensão de dominação, uma vez que os rapazes e as mulheres eram dominados pelos homens livres, por meio da sexualidade:

Deve-se entender por esse princípio que a relação sexual — sempre pensada a partir do ato modelo da penetração e de uma polaridade que opõe atividade e passividade — é percebida como do mesmo tipo que a relação entre superior e inferior, aquele que domina e aquele que é dominado, o que submete e o que é submetido, o que vence e o que é vencido. (Foucault, 1998, p.190)

Segundo Foucault (1998), por intermédio dessa lógica androcêntrica, a pior humilhação para um homem é ser penetrado, pois a penetração simboliza dominação, assim o homem penetrado é dominado pelo que penetra. Dessa forma, tanto na sociedade grega quanto na

sociedade moderna, o papel masculino só pode ser entendido como honrado se o sujeito dominar e se for ativo em relação ao dominado, ou seja, em relação ao indivíduo passivo.

Podemos perceber que as definições de gênero como conhecemos hoje não se aplicavam aos gregos do período clássico. Isso implica que a ideia de masculinidade como é percebida nos tempos atuais não era cogitada na antiguidade, trata-se de uma definição mais recente. Na antiguidade, as relações sexuais não eram pensadas como são hoje, que podem ocorrer por pessoas do mesmo sexo ou de sexo oposto.

Segundo Foucault (1998), os homens podiam manter relações sexuais somente com os jovens que ainda não tinham barbas, uma vez que, quando crescessem as barbas de um jovem homem, não seria mais permitida a relação sexual deste com um homem adulto. Percebe-se, assim, que a valorização da barba, associada à ideia de masculinidade, remete à antiguidade e está presente nos tempos atuais em homens que usam a barba como símbolo da masculinidade.

Outro aspecto relevante diz respeito à dominação de si mesmo e à dominação em relação às mulheres, aos escravos e aos filhos. Esse fator era algo fundamental na vida política da Grécia antiga; pois, quanto maior domínio um homem tinha de si mesmo e dos demais atores sociais, mais bem preparado para gerir a vida pública este era considerado.

Na *pólis*, o homem capaz de ter o domínio próprio em relação aos seus desejos e em relação à mulher, aos filhos e aos escravos era considerado o mais apto a dominar o espaço público, restrito apenas aos homens livres:

A oposição entre um homem temperante e senhor de si e aquele que se entregava aos prazeres era, do ponto de vista da moral, muito mais importante do que aquilo que distinguia, entre elas, as categorias de prazer às quais era possível consagrar-se mais livremente. Ter costumes frouxos consistia em não saber resistir nem às mulheres nem aos rapazes, sem que este último caso fosse mais grave do que o outro. (Foucault, 1998, p. 167)

Percebe-se uma tentativa semelhante de julgamento por parte dos homens em relação às mulheres nos tempos atuais, ao elaborarem narrativas para julgar as mulheres com base em seus corpos, em seus comportamentos e em sua atuação na esfera pública. Essas narrativas podem ser encontradas em conversas nas redes sociais, em páginas destinadas ao público masculino.

Ao historicizar tais questões por meio da relação com o discurso, o analista de discurso francês Jean-Jacques Courtine discorre que essa forma de dominação esteve presente, desde a antiguidade, associada à noção de virilidade, como pode ser observado nas sociedades antigas, nas quais se usava o termo *andreia*, para designar coragem, afirmação pessoal e domínio sexual, que eram códigos de força e dominação masculina, em oposição ao covarde:

A *andrea* grega, com suas referências à guerra, à bravura, à dominação sexual, é um quadro valorativo: não mais o homem, por exemplo, mas aquele que “vale” mais, não mais aquele que representa o sexo varonil, mas aquele que representa da melhor forma possível, ou maximamente, o masculino. (Corbin; Courtine; Vigarello, 2013, p. 32)

A noção de virilidade atravessou os tempos e esteve presente também na Idade Média, na figura do cavaleiro, representado pela armadura de aço, pela lança, que domina a equitação; aliás, o domínio do cavaleiro em relação ao seu cavalo também serviu de exemplo para comparar o adestramento do animal em relação às mulheres:

Ele é o cavaleiro. Ele deve associar força e sagacidade. Ele deve manejar seu cavalo com delicadeza e firmeza, obriga-lo aos ziguezagues, exhibições, as danças também, e não mais adestra-los mais para embates truculentos. A corte palaciana dos séculos XVI e XVII acresce as etiquetas, cultiva as posturas, flexibiliza os corpos, reforçando a questão da aparência, ao passo que outrora predominava uma arte mais guerreira. (Corbin; Courtine; Vigarello, 2013, p.33)

A masculinidade dominante fora pensada e construída em oposição aos demais gêneros, assim é necessária, para a reafirmação dessa masculinidade, a existência do subalterno, numa interação mútua e desigual, de modo que o papel de dominado ficou delegado aos demais gêneros que diferem da masculinidade hegemônica, conceito apresentado por Kimmel (1998):

(...) entendo que as masculinidades são construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade, etc.). Assim, dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia. (Kimmel, 1998, p. 105)

Nesse contexto, faz-se necessário destacar o conceito de masculinidades, no plural, termo que aponta para diversas formas de construção das masculinidades no tempo e no espaço. Segundo (Kimmel, 1998), essas masculinidades vão desde a hegemônica, identificada pelo homem branco, hétero e cisgênero até as masculinidades subalternas.

Ao citar a relação de tempo e de espaço na construção das masculinidades, Kimmel (1998) refere-se aos períodos da Idade Antiga, da Idade Média, da modernidade e da contemporaneidade, levando em consideração os valores da sociedade europeia ocidental desde a antiguidade e da América do Norte na modernidade e na contemporaneidade.

A subalternidade das masculinidades apontadas por Kimmel (1998) refere-se a todas as construções entendidas como inferiores ou opostas à hegemônica, podendo citar, assim, a de homens negros, imigrantes, homossexuais, velhos, a de homens da classe trabalhadora e das

demais formas de ser homem que se distanciam da ideia hegemônica.

Nesta pesquisa, serão trabalhados os discursos nas redes sociais dos homens que se entendem ou se leem como pertencentes à masculinidade hegemônica, cisgênero⁸, hétero e branca, mesmo que alguns não possuam todos os critérios apontados por Kimmel (1998), mas que se veem ocupando essa posição.

A dominação masculina, em oposição ao gênero feminino, segundo Bourdieu (2002), demonstra a forma como se dava o processo da organização social e a divisão do trabalho na sociedade Cabila, tendo como base uma estrutura androcêntrica, na qual os homens tinham o domínio do espaço público, enquanto as mulheres tinham acesso apenas ao espaço privado.

Quando as mulheres transitavam no espaço público da sociedade Cabila, deveriam abaixar a cabeça e não olhar nos olhos dos homens, assim como na Grécia antiga, onde o espaço público era reservado somente aos homens, e as mulheres ficavam restritas ao espaço privado:

(...) fazer frente, a enfrentar, frente a frente, olhar no rosto, nos olhos, tomar a palavra publicamente, são monopólio dos homens; a mulher que na Cabila, mantém-se afastada dos lugares públicos, deve de algum modo renunciar, fazer uso público do próprio rosto e da sua palavra (ela anda em local público com os olhos baixos, voltados para os pés e a única expressão que lhe convém é; “eu não sei” (...)) (Bourdieu, 2002, p. 21).

Nessa perspectiva sociológica de Bourdieu (2002), a relação de dominação masculina está em todos os aspectos da vida da social androcêntrica da Cabila, onde a divisão do trabalho, das responsabilidades sociais, bem como das relações sexuais é marcada exclusivamente pela ótica masculina. De forma semelhante, nota-se que há, na sociedade ocidental dos dias atuais, uma forte resistência por parte dos homens em aceitar as mudanças nos papéis sociais, por isso eles tentam manter esse modelo de organização social.

Assim, os trabalhos considerados mais importantes e mais valiosos ficavam a cargo dos homens, enquanto os trabalhos menos importantes e de menor valor ficavam destinados às mulheres, que eram consideradas pelos homens da sociedade Cabila como incapazes de realizar um trabalho de maior valor.

Na contemporaneidade, a autora feminista Scott (1995) concentra-se nessas relações, tendo como referência as questões do sexo masculino, feminino e demais categorias de identidade, e aponta marcos importantes para a compreensão das relações sociais de gênero. Nesse sentido, faz-se necessário compreender o conceito de gênero nos dias atuais, como

⁸ Cisgênero é um termo que se refere a pessoas que se identificam com o sexo biológico que lhes foi atribuído no nascimento.

apresenta Joan Scott:

(...) as feministas começaram a utilizar a palavra "gênero" mais seriamente, num sentido mais literal, como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos. A referência à gramática é ao mesmo tempo explícita e plena de possibilidades não-examinadas. (Scott, 1995, p. 72)

Percebe-se que o conceito de gênero é oriundo do feminismo, movimento de mulheres que buscam espaço de igualdade nas relações sociais entre homens e mulheres. A autora faz uma análise gramatical do termo “gênero” e afirma que este é pleno de possibilidades não-examinadas, pois o uso gramatical envolve regras formais que resultam na atribuição de masculino e feminino; porém, nas línguas indo-europeias, segundo Scott (1995), há uma terceira categoria, que são os sem sexo ou o gênero neutro.

Scott (1995) explica que, de acordo com a gramática, o conceito de gênero pode ser empregado também como relações de classificação, por exemplo: gênero alimentício, gênero musical, gênero textual, etc. No entanto, o uso desse termo pelas feministas dos Estados Unidos atribuía-se ao sentido de rejeição ao determinismo biológico implícito nos termos “sexo” ou “diferença sexual”.

A noção de “sexo”, para se referir a homens e mulheres, estava impregnada pelo determinismo biológico, e a ideia de feminilidade era utilizada para colocar as mulheres na condição de dóceis, de frágeis, de incapazes de desenvolverem atividades de relevância social, restando-lhes, por consequência, os cuidados com o espaço privado, a casa e os filhos.

Dessa maneira, a concepção do termo “sexo” já não atendia mais à luta das feministas, que passam a adotar o conceito de gênero como forma de relacionar os estudos sobre homens e mulheres, de forma recíproca (Scott, 1995):

O termo "gênero" enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centrava nas mulheres de maneira demasiado estreita e separada utilizaram o termo "gênero" para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico. Segundo esta visão, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado. (Scott, 1995, p. 72)

Ao utilizar um novo termo para se referir aos estudos que envolvam as relações entre homens e mulheres na vida social, as pesquisadoras feministas, segundo Scott (1995), buscavam transformar os paradigmas disciplinares que sustentavam os trabalhos científicos, acrescentando novos temas e fazendo um exame crítico dos critérios adotados nas pesquisas acadêmicas existentes.

A noção de gênero como categoria para compreensão das relações entre homens e

mulheres no meio social é reforçada por Judith Butler, que entende a importância do substantivo “gênero” para a representação política das mulheres, percebidas historicamente como inferiores nessas relações, como afirma a autora:

Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres. Isso parecia obviamente importante, considerando a condição cultural difusa na qual a vida das mulheres era mal representada ou simplesmente não representada. (Butler, 2018, p. 12)

Assim, percebe-se a importância da teoria feminista ao categorizar os gêneros como forma de se colocar em sociedade e de as mulheres serem representadas politicamente desvinculando-se da noção de feminilidade imposta historicamente a elas como condição de fragilidade e de submissão aos homens, restringindo-lhes, por consequência, a autonomia e a vida social ao domínio masculino.

Dessa forma, o conceito de gênero para se referir a homens e mulheres passou a ser usado amplamente, e a visão pré-estabelecida pelos conceitos de “sexo” e de “diferença sexual”, impregnados de ideias hierárquicas no sentido de privilegiar os homens em detrimento das mulheres, deixa de ser a única forma de se referir a essa temática.

A autora ainda discorre sobre a importância do estabelecimento da representação do sujeito no contexto da política e da linguística, afinal os atores sociais só se percebem representados ao se reconhecerem enquanto sujeitos, como afirma Butler:

Os domínios da “representação” política e linguística estabeleceram a priori o critério segundo o qual os próprios sujeitos são formados, com o resultado de a representação só se estender ao que pode ser reconhecido como sujeito. Em outras palavras, as qualificações do ser sujeito têm que ser atendidas para que a representação possa ser expandida. (Butler, 2018, p. 13)

No entanto, a autora alerta que a noção de identidade definida e compreendida pela categoria “mulheres” como sujeito de representação política, presente no discurso feminista, cumpre uma função normativa da língua que pode distorcer o que é tido como verdadeiro para essa mesma categoria, pois o próprio conceito de sujeito mulheres não é percebido como estável e permanente, de acordo com Butler (2018):

Os domínios da “representação” política e linguística estabeleceram a priori o critério segundo o qual os próprios sujeitos são formados, com o resultado de a representação só se estender ao que pode ser reconhecido como sujeito. Em outras palavras, as qualificações do ser sujeito têm que ser atendidas para que a representação possa ser expandida. (Butler, 2018, p. 13)

Porém, a autora afirma que os sistemas políticos e jurídicos produzem sujeitos para posteriormente representá-los, afinal esses sistemas regulam a vida social, limitando, proibindo, regulamentando os indivíduos, estando esse sujeito-mulher condicionado a esse modelo que produz sujeitos com traços de gêneros determinados por uma estrutura de dominação, o que resultaria num fracasso na luta pela emancipação das mulheres (Butler, 2018).

Percebe-se que, nessas condições e mesmo com o avanço das conquistas das mulheres no meio social, o modelo de estrutura política e jurídica continua sendo um modelo patriarcal de dominação masculina, como pondera Butler: “A crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca a emancipação.” (Butler, 2018, p. 14)

Ao analisar a luta das mulheres contra a dominação masculina, percebe-se que, apesar de séculos de organização e conquistas promovidas pelo movimento feminista, a estrutura patriarcal persiste, adaptando-se constantemente para preservar um projeto de poder que privilegia os homens em detrimento das mulheres. Essa dinâmica é ressaltada por estudiosos como Butler (2018) e Bourdieu (2002), que evidenciam a continuidade de mecanismos de opressão e a necessidade de uma resistência contínua diante dessas estruturas enraizadas.

Pierre Bourdieu (2002) discute a noção das relações entre homens e mulheres no meio social, expondo que, na Cabila, sociedade localizada na Argélia e objeto de estudo do autor, produz-se um modelo de organização que pode ser observado também na Europa ocidental e nas américas, com a finalidade de manter o gênero feminino no seu papel social de dominado e reproduzir o modelo de hegemonia masculina.

Estas instituições – Estado, Igreja, Escola e Família – atuam no sentido de controlar e determinar a postura do corpo, das roupas, da maneira de andar, de falar, de sentar, estabelecendo também quais são as atividades que os meninos e as meninas devem exercer desde a infância, excluindo as mulheres das atividades públicas, que são reservadas aos homens:

O trabalho de reprodução esteve garantido, até à época recente, por três instâncias principais, a Família, a Igreja e a Escola, que, objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes. É sem dúvida, à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculina, é na família que impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita pela linguagem. (Bourdieu, 2002, p. 97)

Sobre o papel das instituições em relação aos espaços e tarefas destinadas às mulheres, o elemento ideológico é fundamental para a manutenção dessas relações de gênero na sociedade, pois o comportamento e os discursos dos indivíduos são influenciados pela

ideologia. Nesse ponto, é importante compreender o papel do Estado na manutenção das instituições e, por conseguinte, das relações hierarquizadas de gênero, tal como exposto por (Bourdieu, 2002).

Essa perspectiva vai ao encontro do pensamento de Althusser (1970), que apresenta o papel do Estado como um dos responsáveis pela manutenção e reprodução de determinada ideologia da ordem vigente, por meio dos aparelhos de Estado. Os aparelhos de Estados apresentados por Althusser (1970) referem-se às escolas, aos sindicatos, à polícia, aos partidos, entre outras instituições que fazem parte do Estado.

Nesses aparelhos, entendidos como locais de lutas, as ideologias são produzidas e reproduzidas. O autor chama esses espaços de matrizes de poder que podem direcionar a rede de domínio na sociedade, sendo neles que ocorrem as interpelações, local em que os sujeitos podem ser levados a se identificarem com dada ideologia ou a serem contra ela:

Por outras palavras, a Escola (mas também outras instituições de Estado como a Igreja ou outros aparelhos como o Exército) ensinam «saberes práticos» mas em moldes que asseguram *a sujeição à ideologia dominante* ou o manejo da «prática» desta. Todos os agentes da produção, da exploração e da repressão, não falando dos «profissionais da ideologia» (Marx) devem estar de uma maneira ou de outra «penetrados» desta ideologia, para desempenharem «conscienciosamente» a sua tarefa – quer de explorados (os proletários), quer de exploradores (os capitalistas), quer de auxiliares da exploração (os quadros), quer de papas da ideologia dominante (os seus «funcionários»), etc. (Althusser, 1970, p. 22)

O sujeito, ao ser interpelado por determinada ideologia do aparelho de Estado, caso se identifique, poderá tornar-se um reprodutor ideológico em seus discursos ou ações, por exemplo: se em determinada corporação, como a polícia, há uma ideologia de violência estruturada, os sujeitos interpelados poderão ser reprodutores dessas ideias. Essa violência pode ser observada na forma de atuação de alguns policiais interpelados, materializando a ideologia por meio da truculência policial apresentada cotidianamente nos jornais. Isso significa que os sujeitos podem se posicionar no meio social no sentido de realizar a manutenção dessa ideologia violenta ao apoiar o comportamento dos policiais.

No entanto, há a possibilidade de o indivíduo se “contraidentificar” com determinada ideologia e, nesse caso, tal sujeito irá contra a ordem vigente; como exemplo, podemos citar uma escola, sendo esta considerada outro aparelho de Estado (Althusser, 1970).

Ao deparar-se apenas com autores homens em seus materiais didáticos, uma aluna ou um aluno pode questionar a exclusão das mulheres como produtoras de conhecimento e ir contra a ideologia machista apresentada na instituição escolar, por meio dos seus livros. Nesse sentido, percebe-se que, mesmo quando os aparelhos de Estado reproduzem determinada ideologia, os

indivíduos podem ou não se identificar com tais ideologias e podem, ainda, tornar-se reprodutores dessas ideologias ou, por outro lado, podem ir contra a ideologia hegemônica. Fato é que, nesta pesquisa, o que se constatou, nos discursos do cotidiano, é a existência de uma reprodução das ideologias que sustentam a dominação masculina.

A dominação masculina legitima-se por meio de uma alegação ancorada na natureza biológica, que é, por sua vez, ela própria uma construção social, reforçada pelos discursos e julgamentos dos homens em relação às mulheres. Essa dominação parte do senso comum e não precisa ser justificada, o eterno feminino ou masculino são produtos de um trabalho incessante das instituições Estado, Igreja, Família e Escola, que atuam no sentido de reforçar os estereótipos e os papéis de homem e de mulher na sociedade:

A força particular da sociodicéia [sic], lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações; ela legitima uma dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica, que é por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada. O trabalho de construção simbólica não se reduz a uma operação estritamente *performativa* de nomeação que oriente e estruture as *representações*, a começar pelas representações do corpo (o que ainda não é nada). (Bourdieu, 2002, p. 16)

Segundo Silva (1999), percebe-se que a noção de masculinidade e diferenciação entre os corpos de homens e de mulheres como dois modelos diferentes, (*two-sex-model*) são conceitos recentes oriundos de meados do século XVIII, com a ascensão da sociedade burguesa europeia; pois, até então, o corpo da mulher era percebido como o inverso do corpo masculino, o que justifica a visão de inferioridade que lhe é atribuída, adversamente à perfeição do homem.

Já no século XIX, o conceito de virilidade apresentado por Corbin, Courtine e Vigarello (2013) abre espaço para o conceito de masculinidade, como expôs Silva (1999), após as novas definições de corpos de homens e de mulheres. Porém, esse novo conceito apenas reafirmou o domínio masculino em relação às mulheres, que continuam subordinadas ao espaço privado enquanto os homens dominam o espaço público.

Assim, com o avanço das conquistas sociais das mulheres – a partir do século XIX, por meio dos movimentos feministas –, os homens se viram ameaçados e, afetados por essa percepção, dão início ao culto às masculinidades na modernidade:

Sob a ameaça de uma feminilidade inerente a alguns homens, decorrente do medo de tornarem-se homossexuais, e diante da obrigatoriedade de por a prova o seu sexo forte, os homens tiveram que cultivar mais do que nunca a sua masculinidade e a sua virilidade, caracterizando também a primeira crise da identidade masculina. (Silva, 1999, p. 11)

A questão do corpo é algo essencial para caracterizar a dominação, a perfeição e a

superioridade dos homens em relação às mulheres, tanto na antiguidade quanto na Idade Média. Porém, ao término dessa concepção de corpo perfeito, há uma reação por parte dos homens em relação à perda da hegemonia corporal.

Como resultado, a ideia de virilidade, bem como a noção de dominação masculina e as masculinidades vêm sofrendo uma perda de sentido. De acordo com Gay (1995), à medida que as mulheres conquistam novos espaços na vida social, inicia-se um processo de igualdade entre os gêneros. Essa transformação provoca uma sensação de ameaça à virilidade, à masculinidade e ao papel tradicional de dominação que muitos homens se sentem compelidos a defender. Como resultado, observa-se uma reação por parte dos homens, que pode se manifestar de diversas formas em resposta a essas mudanças sociais.

Sob essa ótica, a maneira como os homens enfrentarão essa nova realidade, em que mulheres e pessoas de outros gêneros estão se libertando da dominação masculina e lutando por igualdade, provoca uma resistência entre aqueles que não aceitam essas mudanças. Esses homens tentam manter os modelos de hierarquia social baseados no gênero.

Assim, surge a problemática que esta pesquisa busca responder: como são construídos e quais elementos sustentam os processos de representações das masculinidades a partir dos discursos machistas e misóginos proferidos por homens mediante as trocas de mensagens e postagens em páginas do *Instagram* e nos fóruns do *4Chan* que abordam as relações de gênero?

1.3 DISCURSO, LINGUAGEM E REDES SOCIAIS

A historicidade está sempre presente quando se fala do discurso na AD materialista; pois, ao interpelar o sujeito do discurso, está posta a relação língua/sujeito/história e, ao abordar a sociedade à qual este sujeito pertence, analisa-se a questão da sociedade em determinado contexto histórico, por intermédio da memória discursiva, do interdiscurso e das condições de produção do sentido político e histórico (Orlandi, 2011).

Ao analisar os discursos nas redes sociais, a relação sujeito e sociedade estará automaticamente entrelaçada, pois não é possível falar em sociedade sem pensar o sujeito Orlandi (2011), visto que as redes sociais são um fenômeno social contemporâneo, o qual, porém, carrega os discursos de sujeitos que são interpelados por uma formação discursiva, ideológica e por uma memória discursiva.

Para o desenvolvimento da pesquisa, faz-se necessária a compreensão das redes sociais virtuais e a análise de como a ideia de redes sociais acompanham os seres humanos desde os primórdios e exercem influência na sociedade até a contemporaneidade. Porém, sabe-se que,

nos tempos atuais, as redes sociais adquiriram um novo significado e passaram a influenciar a vida social de diversas maneiras jamais vistas anteriormente.

Assim, entende-se como redes sociais, organizações sociais que acompanham os seres humanos e os animais desde as primeiras civilizações, unem coletivos sociais em busca de sobrevivência, como podem ser observados em animais agrupados em bandos para caçar e se proteger, assim como nos centros urbanos, onde seres humanos se organizam também em grupos, seja por identificação, por sobrevivência ou mesmo por afinidade de pensamento, como afirma Zenha (2017).

Segundo Zenha (2017), com o advento da internet, a noção de grupos sociais passa a existir também em ambientes virtuais, possibilitando que pessoas se conectem de uma maneira até então desconhecida pela humanidade. Assim, o conceito de redes sociais – anteriormente atrelado à ideia de se reunir animais ou grupos de seres humanos em bandos para caçar e lutar pela sobrevivência – passa por mudanças.

Na contemporaneidade, esse conceito pode ser percebido como pessoas que se reúnem em determinada página virtual hospedada numa plataforma digital, composta por usuários com comportamentos, afinidade de pensamento e visão de mundo semelhantes.

O conceito de redes sociais virtuais, segundo Zenha (2017), refere-se a diversas pessoas conectadas via internet, por aparelhos eletrônicos, sejam eles celulares, *tablets*, computadores entre outras tecnologias, por meio aplicativos, tais como *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram*, *4Chan* etc., permitindo a interação de pessoas ou de grupos de usuários por troca de mensagens de textos, imagens, vídeos, áudios etc.

Assim, cada rede social possui características diferentes. Segundo Jonatas (2023), as redes sociais são aplicativos e sites utilizados por pessoas e organizações que conectam milhares de pessoas pelo mundo, sejam elas familiares, amigos, clientes ou, até mesmo, pessoas desconhecidas, porém que possuem afinidade sobre uma temática específica ou interesses em comum.

As redes sociais mais populares no Brasil, segundo Jonatas (2023), são o *Facebook*, o *Instagram*, o *Tik Tok* e o *Twitter*. Essas redes sociais podem ser acessadas por qualquer pessoa que tenha um dispositivo como computador, celular ou *tablet* conectado à internet. A primeira rede social a migrar do mundo real para o mundo virtual foi a *SixDegrees*, segundo Jonatas (2023).

A rede social *SixDegrees* – criada em 1997, em Nova Iorque – tinha esse nome porque permitia ao usuário listar até seis degraus de separação que incluíam amigos, familiares, colegas de trabalho e seguidores, formando, assim, uma rede. Além disso, ela permitia que os usuários

criassem perfis, realizassem postagens e fizessem interações entre o administrador do perfil e os seus seguidores. Essa rede social chegou a ter 3,5 milhões de seguidores e foi fechada no ano de 2001.

Após o fechamento do *SixDegrees*, surgiram outras redes sociais, tais como o *MySpace*, *Friendster*, *Orkut* e *Hi5*. Alguns anos depois, surgiram as redes sociais que estão em atividade até os dias de hoje, tais como o *Linkedin*, em 2003, e o *Facebook*, que foi criado em 2004, segundo Jonatas (2023).

Já o *Instagram* foi criado por Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger no ano de 2010, conforme o CanalTech (2023). Essa rede social alcançou a quantia de dez milhões de usuários em apenas um ano de existência e, no ano de 2021, atingiu a marca de dois bilhões de usuários nas redes.

A outra rede social utilizada nesta pesquisa é o *4Chan*, que, de acordo com Furtado (2012), foi criado por Christopher Poole, em meados de 2003, quando tinha apenas 15 anos de idade. A ideia inicial era aproximar pessoas que gostam de mangá⁹ e anime¹⁰. Todavia, com o passar do tempo, o *4Chan* acabou se tornando conhecido por ser considerado uma rede antissocial, pois permite que seus usuários publiquem e comentem postagens – de forma anônima, ou seja, sem qualquer tipo de identificação – e tenham total liberdade para debater ou para publicar sobre qualquer assunto.

Tendo como origem o anonimato, surgiram diversos movimentos virtuais que se materializaram na vida real, sendo alguns negativos e violentos, e outros de ativismo político e de busca por justiça. Essa plataforma é responsável também pela criação de memes¹¹ que ficaram conhecidos no mundo todo.

Uma marca atribuída ao *4Chan*, segundo Furtado (2012), também se tornou conhecida pelo surgimento de fóruns de discussão violentos, como invasões e ataques a escolas, criação de notícias falsas que acabaram viralizando nas redes sociais fora do *4Chan*, surgimento de movimentos extremistas, publicações de conteúdos que envolvam pedofilia, ativismo político e o surgimento dos usuários que se autointitulam de *Anonymous*.

Segundo esses usuários, não se trata de um grupo, são apenas pessoas com objetivos em

⁹ Mangá é o nome dado às histórias em quadrinhos de origem japonesa. A palavra surgiu da junção de dois vocábulos: “man” (involuntário) e “gá” (desenho, imagem). Ou seja, mangá significa literalmente “desenhos involuntários”.

¹⁰ Anime ou animê (como é dito no Brasil) é o nome dado para o tipo de desenho animado produzido no Japão. No entanto, de acordo com o conceito japonês dos animes, esse termo é utilizado para classificar todos os tipos de animações, independentemente da sua origem (nacional ou estrangeira).

¹¹ Meme é uma mensagem quase sempre de tom jocoso ou irônico que pode ou não ser acompanhada por uma imagem ou por vídeo, sendo intensamente compartilhada(o) por usuários nas mídias sociais.

comum e que atuam nas mais diversas redes sociais, vazando documentos, fazendo denúncias e circulando informações constrangedoras sobre personalidades do mundo artístico, de empresas e da política (Furtado, 2012).

O *4Chan* foi escolhido para esta pesquisa por conter fóruns que abordam os mais diversos assuntos, de forma anônima, fazendo com que os participantes não tenham qualquer pudor em publicar o que pensam. Esse ambiente, portanto, traz à tona ideias que não seriam publicadas numa rede social mais conhecida, que tem certo controle de publicações sensíveis e que exige a identificação de seus usuários.

Porém, em diversas situações, movimentos, ideias e publicações iniciadas no *4Chan* acabam sendo repostadas e alcançam as redes sociais mais populares, causando impactos no meio social e tendo como conteúdo imagens, textos ou *gifs*¹² de caráter violento e ofensivo, como pode ser visto em ataques a personalidades do meio artístico e político.

Segundo Furtado (2012), o *4Chan* consegue ter uma capacidade de mobilização muito grande. Em determinada situação, por exemplo, o cantor estadunidense Justin Bieber abriu uma votação para consultar seus fãs e saber em qual país eles queriam que ele realizasse um show. Na ocasião, os usuários do *4Chan* fizeram com que o país escolhido fosse a Coreia do Norte, causando constrangimento ao cantor.

Assim, percebe-se que essa rede social possui um poder de mobilização considerável e tal mobilização pode ser usada não só para a realização de brincadeiras, como a ocorrida com o cantor Justin Bieber, mas também para episódios violentos, como ataques a escolas, geração de conteúdo ofensivo para minorias (como mulheres, imigrantes, comunidades LGBTQIAPN+), publicações racistas e proliferação de notícias falsas relacionadas a política e a empresas.

As redes sociais tornaram-se um fenômeno na sociedade contemporânea, sendo utilizadas em massa. Elas atingem 85% da população brasileira, considerando que havia cento e oitenta e um milhões de usuários no país em 2023, segundo Souza (2023). No Brasil, as redes sociais mais populares são o *WhatsApp*, o *YouTube* e o *Instagram*.

Essas redes ocupam um espaço considerável no cotidiano da população brasileira e, segundo Souza (2023), o *WhatsApp* é utilizado, em média, vinte e oito horas por mês pelos brasileiros; já o *Instagram* é usado, em média, dezesseis horas mensais; e o *Facebook*, em média, doze horas mensais.

¹² *GIF* significa *Graphics Interchange Format* (Formato de Intercâmbio Gráfico). O *GIF* é um formato de arquivo rasterizado projetado para imagens relativamente básicas que aparecem principalmente na Internet.

Para se ter uma dimensão da popularização das redes sociais no Brasil, o portal Techtudo (2023) publicou o número de usuários cadastrados nas dez maiores redes sociais disponíveis para os brasileiros, aqui serão listada as cinco maiores redes sociais por usuários cadastrados no Brasil, iniciando pelo *WhatsApp*, que lidera com 142,2 milhões de contas; o *YouTube*, com 142 milhões de usuários; o *Instagram*, com 113 milhões; o *Facebook*, com 109,1 milhões de usuários; e o *Tik Tok*, com 82 milhões de usuários cadastrados.

Segundo Recuero (2009), no século XXI, as relações sociais sofrem diversas influências ocasionadas pelo advento das redes sociais virtuais e, na atual conjuntura, percebe-se certo estranhamento quando um indivíduo não está conectado a determinada rede social, pois as discussões acerca de política, cultura, esporte, educação, religião, economia, noticiários e demais esferas da sociedade passam pelas redes sociais.

Dessa forma, como afirma Recuero (2009), as redes sociais, além de conectarem as pessoas de idades, gêneros, espaços geográficos e classes sociais diferentes, também exercem influências sobre os indivíduos, que formam laços sociais a partir de ambientes virtuais e podem interagir a qualquer momento com pessoas que estão em qualquer lugar do mundo, bastando que estejam conectados à internet e a uma mesma rede social.

Essas interações podem ser síncronas ou assíncronas (síncronas são interações em tempo real, e assíncronas são interações que não ocorrem em tempo real), e o indivíduo passa a ser o protagonista na sua página da rede social, podendo abordar o tema que for do seu interesse ou de sua preferência.

O usuário dessas redes pode também passar a seguir determinada página do seu interesse, na qual encontrará outras pessoas que possuem uma visão de mundo ou tenha uma ideologia semelhante à sua, seja referente ao contexto político, social, econômico, cultural, religioso, seja referente a diversas outras áreas do conhecimento.

Por conseguinte, são criadas páginas com as mais diversas temáticas e finalidades, podendo ter como objetivo compra e venda de produtos, troca de receitas culinárias, divulgação artística, agrupamentos ideológicos, políticos, torcidas de clubes esportivos, entre outros assuntos.

2 METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo, apresentam-se os recortes metodológicos adotados na presente pesquisa, notadamente, via articulação entre AD materialista e Etnografia Virtual.

2.1 NATUREZA, TIPO E MODALIDADE DA PESQUISA

Nesta seção, serão apresentados os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa, bem como o tipo de abordagem, a modalidade da pesquisa, as principais categorias de análise e como será elaborada a composição deste trabalho.

A abordagem desta pesquisa é de natureza qualitativa-interpretativista, pois os estudos nessa linha possuem uma característica de investigação em seu contexto natural, buscando dar sentido aos fenômenos e levando em consideração os significados que os indivíduos lhe atribuem (Araújo; Silva, 2017).

A metodologia qualitativa-interpretativista ancorada na AD materialista pecheutiana possibilita o estudo do discurso, levando em consideração que o discurso é a materialidade da ideologia, e a língua é a materialidade do discurso, oportunizando-se trabalhar a relação língua-discurso-ideologia (Orlandi, 1999).

O tipo da pesquisa será descritivo e interpretativista, logo tem como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno e pode ser usada para estudar os tipos de determinado grupo, como por idade, por sexo, por procedência, por nível de escolaridade etc., além de possibilitar a verificação de opiniões, crenças, preferências partidárias etc. (Lose; Magalhães, 2019).

Outra metodologia que será utilizada é a pesquisa etnográfica, a qual, segundo Godoy (1995), abrange estudos que abordam eventos os quais ocorrem na vida em grupos, em estruturas sociais e no comportamento dos indivíduos enquanto membros de comunidades. Dessa forma, a metodologia qualitativa etnográfica atende diretamente à proposta da pesquisa, por ser uma metodologia flexível e que possibilita ao pesquisador explorar diversos campos dentro das especificidades atendidas por essa modalidade, como afirma Godoy:

Considerando que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. (Godoy, 1995, p. 23)

Nessa perspectiva, a metodologia qualitativa etnográfica, associada a etnografia virtual serão ferramentas que darão suporte a montagem do arquivo para a realização da pesquisa proposta que terá como modalidade a pesquisa de campo e o estudo de caso, que são utilizadas para o estudo de um determinado grupo ou comunidade em relação a sua estrutura social, ressaltando a interação entre os componentes do grupos escolhidos e que consiste no estudo

profundo de um ou poucos objetos de pesquisa para permitir seu amplo e detalhado conhecimento (Lose; Magalhães, 2019).

A composição do *corpus* da pesquisa será realizada com a montagem do arquivo nos ambientes virtuais citados e ocorrerá da seguinte forma: ao acompanhar as páginas e fóruns selecionados, serão escolhidas postagens realizadas pelos administradores das páginas e comentários dos seguidores – que podem ser imagens ou textos verbais –, posteriormente será realizada a captura de tela (conhecida também como *print*¹³) dessas imagens, para a realização da análise.

Nas postagens que constituem o *corpus* da pesquisa, tanto nas publicações como nos comentários, observa-se que os conteúdos são de caráter violento contra as mulheres, sendo eles filiados a uma ideologia machista, que busca desqualificar as mulheres apenas baseado em seu gênero e valorizar os homens como naturalmente dominantes.

Os autores dos comentários serão ocultados, pois o objetivo da pesquisa não será o de analisar os usuários ou os participantes das páginas escolhidas, mas as formações discursivas, formações ideológicas, memórias discursivas e as condições de produção dos discursos selecionados.

2.2 PROCEDIMENTOS ADOTADOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE

O critério de seleção das páginas escolhidas foi atender à temática da pesquisa, possuir um número maior de seguidores dentre as páginas observadas. As postagens selecionadas serão as que possuem maior interação nas páginas escolhidas dentro da temática da pesquisa.

Existem diversas páginas nas redes sociais que abordam as temáticas de gênero, porém algumas delas estão inativas há algum tempo, com poucas atualizações ou com poucos seguidores, estas não entrarão na pesquisa.

Assim, as páginas ativas, com publicações e interações frequentes e que tenham uma quantidade elevada de seguidores atendem aos critérios de montagem do arquivo para a composição da pesquisa, visto que trazem material atualizado, abordam a temática da pesquisa e têm relevância nos ambientes virtuais, pois atingem uma grande quantidade de usuários.

Para a composição da pesquisa, será selecionado um conjunto de postagens, extraídas

¹³ *Print* é um recurso utilizado para capturar a imagem do que está aparecendo na tela do celular. Por meio dessa função, é possível compartilhar fotos, textos e postagens com outras pessoas, além de permitir que esse conteúdo fique salvo na galeria de fotos do *smartphone* para a posteridade, utilizando uma simples combinação de teclas do telefone (Garcia, 2019).

entre janeiro de 2023 e julho de 2024, período em que a pesquisa está sendo realizada. A partir de publicações e comentários encontrados nas capturas de telas nos fóruns e páginas das redes sociais escolhidas, os materiais coletados são etiquetados, enumerados e organizados por local de coleta, título e data de acesso.

Desse *corpus* maior, serão selecionadas postagens que, direta ou indiretamente, relacionem-se com a temática da pesquisa e que serão analisadas, tendo como referência as metodologias e a teoria que fundamentam a investigação.

Diante disso, para a análise das postagens, a presente pesquisa deve ancorar-se em alguns operadores teóricos importantes, a saber:

- a) Ideologia – conforme Pêcheux (2014), trata-se da naturalização dos sentidos, pois os sentidos parecem ser óbvios, naturais, límpidos e transparentes, porém não são, pois as palavras possuem inúmeros sentidos que advêm da posição do sujeito, o enunciador. O sujeito da ideologia é o sujeito, assujeitado, por acreditar que as palavras carregam um único sentido. Esse conceito pode ser observado no discurso religioso, por exemplo: ao citar o enviado de Deus, um cristão considerará que esse enviado é Jesus Cristo, porém um islâmico considerará Maomé o enviado de Deus;
- b) Sujeito – consoante sujeito dividido entre consciente e inconsciente, que não é dono dos sentidos que produz, que transmite sentidos de diferentes formas, tendo com origem os gestos, as opções, as escolhas, os posts nas redes sociais, como pode ser observado nos discursos políticos no Brasil. Quando um indivíduo que se posiciona como de esquerda e faz a seguinte afirmação: “não passarão”, ele está se referindo a políticos que tentam golpear a democracia e o voto, durante o processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff. Já um indivíduo que se posiciona ideologicamente como de direita, ao fazer uso desse mesmo termo (“não passarão”), estaria fazendo referência ao ministro Alexandre de Moraes, da Suprema Corte, ao aplicar a lei contra os invasores da Praça dos Três Poderes, em janeiro de 2024, na tentativa de implantarem um golpe de estado no Brasil;
- c) Memória discursiva – analisa o acontecimento discursivo, as mudanças que ocorrem no discurso e as novas significações que o acontecimento histórico evoca com as novas séries dos enunciados que se formam por meio da desestabilização do que é dito normalmente, nos sentidos da memória social histórica, podendo ser citada como exemplo a “liberdade de expressão”, que, no

período da Ditadura Militar brasileira (1964-1985), era utilizado para que os brasileiros pudessem manifestar seus anseios políticos, enquanto, nos tempos atuais, a extrema direita brasileira utiliza essa mesma expressão para defender a publicação de notícias falsas na internet;

- d) Formação Discursiva – O que se pode e deve ser dito em determinado contexto ideológico é influenciado pela posição estabelecida dentro da luta de classes. Essa situação determina a forma como as ideias são expressas, seja por meio de discursos, de sermões, de panfletos ou de programas. Exemplos de formações discursivas incluem a perspectiva cristã, progressista, conservadora, machista ou religiosa.

2.3 QUESTÕES ÉTICAS, CRITÉRIOS DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO E QUADRO DE SÍNTESE

Em relação às questões éticas associadas à pesquisa social qualitativa, o presente estudo inscreve-se nas condições estabelecidas para a pesquisa com humanos, conforme a Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde¹⁴ e, dessa maneira, procederá com a execução da pesquisa após a aprovação em comitê de ética, conforme calendário do Sistema CEP-CONEP, via Plataforma Brasil.

O *corpus* da pesquisa será composto por materiais coletados em ambientes virtuais, em páginas das redes sociais *Instagram* e *4Chan*, por meio de *prints* de postagens e comentários publicizados. Além disso, serão colocadas tarjas sobre os nomes dos autores dos comentários; pois, nesta pesquisa, busca-se analisar os discursos, e não os sujeitos presentes na montagem do arquivo.

As páginas que abordam as temáticas e que atendem a esta pesquisa serão monitoradas para a montagem do arquivo, entre o segundo semestre do ano de 2023 e o primeiro semestre do ano de 2024, período estabelecido pelo cronograma da pesquisa.

Nessa etapa, serão realizados diversos *prints* para a composição do banco de dados que servirá como base para a seleção das postagens analisadas neste estudo. Como mencionado, as páginas escolhidas serão definidas por terem maior número de seguidores e por terem grande volume de interação nos comentários. Assim sendo, estabelece-se como critério de inclusão, nesta dissertação, o disposto a seguir:

¹⁴ Disponível em: <www.antiotário.com.br>.

- a) Páginas que atendam à temática da pesquisa, ou seja, que tenham como conteúdo principal as relações de gênero, com a predominância ideológica “*masculinista*”;
- b) Postagens que contenham imagens e textos com orientação machista e misógina e que tenham grande fluxo de interação entre o administrador da página e os seguidores;
- c) Páginas das redes sociais que tenham um elevado número de seguidores. Foram analisadas mais de uma dezena de páginas, e as que possuem mais de oitocentos mil seguidores foram escolhidas por terem grande volume de postagens e comentários;
- d) Fóruns do *4Chan* e páginas do *Instagram* que abordem as relações de gênero. Para os fins da presente pesquisa, como critérios de exclusão tem-se o seguinte: nas páginas escolhidas, algumas postagens fogem à temática da pesquisa e abordam formas de se conseguir sucesso na vida profissional ou realizam venda de produtos ou cursos, essas postagens não serão incluídas no *corpus* desta pesquisa;
- e) Postagens com conteúdo de vídeo, pois a proposta deste estudo é analisar as imagens, os textos e os comentários dos administradores das páginas e dos seguidores;
- f) Publicações com pouca interação ou que já tenham ocorrido há mais de cinco anos, com pouca ou nenhuma repercussão;
- g) Fóruns e comentários do *4Chan* que não atendam à temática da pesquisa e que utilizem o espaço de interação para anunciar, oferecer produtos e serviços, ou divulgar sites e *blogs* sem relação com a pesquisa;

Como resumo da metodologia adotada, visualiza-se, abaixo, um quadro da proposta:

Quadro 1 - Metodologia e montagem do arquivo

Abordagem	Qualitativa	
Tipo	Descritiva, Interpretativista, Etnográfica	
Modalidade	Pesquisa de Campo – Estudo de Caso	
Sujeitos	Anônimos em Fóruns na <i>Deep Web</i>	
	<i>Prints</i> extraídos das redes sociais	
	Categorias de análise e tratamento dos dados	
Instrumentos de montagem do arquivo	Etnografia Virtual	Análise do Discurso
Etapas da pesquisa	Visitas às páginas das redes sociais escolhidas e seleção das postagens que atendam à Pesquisa.	Gesto de leitura e análise dos discursos coletados mediante captura de tela.
Procedimentos de Análise	Formação Discursiva, Formação Ideológica, Ideologia, Sujeito, Memória Discursiva.	Análise com base nas categorias teóricas da AD de orientação materialista.

Fonte: Elaborado pelo autor.

2.4 ETNOGRAFIA VIRTUAL

Para a realização da montagem do arquivo, será utilizado o método da etnografia virtual, que, segundo Hine (2004), é um método de montagem de arquivo a partir de espaços na internet, sejam eles, *sites*, *blogs*, redes sociais, periódicos digitais entre outros, em que o pesquisador pode interagir ou não com os membros dos espaços pesquisados.

A pesquisadora afirma que, no campo virtual, podem ocorrer duas formas de montagem do arquivo, a depender do objetivo da pesquisa, sendo a primeira forma mais silenciosa, chamada por ela de *“lurker”* ou *“insider”*, que, em tradução para o português, seria “o espreitador” ou “o infiltrado”, ou seja, nesse caso, o pesquisador não interfere junto aos participantes das páginas selecionadas, permitindo uma observação mais sutil e menos intrusiva. Nessa modalidade, portanto, não há interação entre o pesquisador e o meio investigado.

A segunda de maneira é chamada de “ativa”, sendo feita mediante interação com os sujeitos da pesquisa. Na categoria “ativa”, podem ser realizadas entrevistas, bate-papos, perguntas, entre outras formas de interação. Nesse caso, os sujeitos são identificados na pesquisa e, por essa razão, há a necessidade de submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e autorização deste para que o estudo possa ser executado.

Na presente pesquisa, pretende-se realizar a montagem do arquivo no formato de *“lurker”* ou *“insider”*, pois o pesquisador irá seguir as páginas do *Instagram*, entrar nos fóruns do *4Chan*, porém não realizará comentários nem publicações, por não haver necessidade de interação com os membros das páginas, nem a identificação dos sujeitos pesquisados, sendo o objeto da pesquisa a análise dos discursos proferidos nesses ambientes virtuais. Também não será realizada a análise dos membros ou participantes das páginas ou dos grupos.

Para este tipo de pesquisa, caso a montagem do arquivo ocorra no formato “ativo”, corre-se o risco de não haver colaboração nem autorização por parte dos autores dos comentários, já que este estudo se propõe a analisar, de maneira crítica, os elementos discursivos que, a partir de sondagens prévias, percebeu-se que são ofensivos ou que contêm um teor de ódio.

Assim, se o pesquisador se apresenta e expõe os objetivos da pesquisa, pode haver certa resistência ou negação de colaboração por parte dos membros e participantes dessas redes sociais, em relação à pesquisa.

O analista do discurso na modalidade “*lurker*”, segundo Hine (2004), atua de maneira semelhante à de um jornalista investigativo que traz à tona discursos que circulam em circuitos fechados de poder, porém – diferentemente do jornalista, que expõe sujeitos, fatos e discursos –, interessa ao pesquisador preservar os sujeitos e evidenciar as redes de sentido e os discursos.

O processo de montagem do arquivo será delimitado em dois recortes: o primeiro temporal, marcando determinado período para o início e para o fim da montagem do arquivo, dentro do cronograma estabelecido pelo projeto da pesquisa; o segundo recorte, por sua vez, é o de escolha das páginas e grupos que serão pesquisados, de maneira que atendam à temática da pesquisa.

A proposta metodológica deste estudo, etnografia virtual, leva o pesquisador até o seu objeto de pesquisa, por meio da *internet*, para que se possa realizar a montagem do arquivo, a partir de observações ou interações em ambientes virtuais:

A etnografia virtual deve observar com detalhes as formas experimentadas no uso da tecnologia, bem como os sentidos construídos em torno dessas formas culturais. Consiste na submersão do investigador no mundo em que estuda por um tempo determinado, tomando nota das relações, atividades e significações que se criam entre aqueles que participam dos processos sociais desse mundo. (Passarelli; Grisolia; Tavernari, 2010, p. 07)

A modalidade de etnografia virtual também conhecida como netnografia, segundo Montardo e Passerino (2006), surgiu oriunda da etnografia, metodologia de pesquisa oriunda da antropologia, relacionada ao campo de estudo da cultura, que teve sua origem entre o final do século XIX e início do século XX.

A etnografia consiste em um trabalho de campo realizado pelo pesquisador que coletava dados para compreender elementos de determinada comunidade ou cultura e tinha um caráter subjetivo, já que dependia da análise e da interpretação do pesquisador. A partir da década de 1920, século XX, a etnografia passou a ser utilizada por outras áreas, como a sociologia, a psicologia e a educação.

O método etnográfico é um modelo que está ligado a outros métodos, conforme afirma Kozinets (2014), podendo ser entrevistas, análise do discurso, análise literária, semiótica, videografia, entre outros; porém cada um desses métodos pode utilizar a etnografia de maneira particular, a depender da pesquisa, sendo a etnografia um método que combina com outras modalidades de pesquisas.

Já a netnografia, segundo Kozinets (2014) é um método de pesquisa baseado no trabalho de campo online, que se utiliza de comunicação mediada por computador como fonte de dados

para, então, chegar à compreensão do fenômeno cultural. Nessa modalidade, o pesquisador reconhece a importância da comunicação online na vida dos membros de determinada cultura. Nesta pesquisa, a comunicação que compõe o *corpus* ocorre nas redes sociais, e a netnografia será utilizada para analisar os discursos realizados nesse âmbito, bem como os possíveis impactos desses discursos no meio social, ou melhor, na vida fora da comunicação intermediada por computador, conforme afirma Kozinets:

O uso do termo e abordagem da netnografia no projeto geral sinalizaria não apenas a presença, mas o peso do componente online. Significaria que um tempo significativo foi gasto interagindo e tornando-se parte de uma comunidade ou cultura online. (Kozinets, 2014, p. 62)

Segundo o autor a netnografia segue seis passos para a realização da montagem do arquivo e pesquisa, sendo esses, planejamento do estudo, entrada, montagem do arquivo, interpretação, garantia de padrões éticos e representação da pesquisa, como pode ser observado na imagem pelo autor abaixo (Kozinets, 2014):

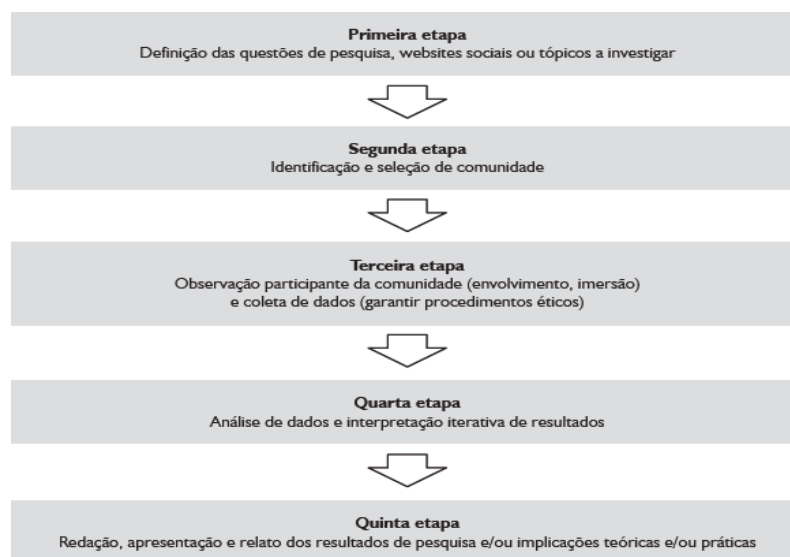


Figura 4 - Fluxograma simplificado de um projeto de pesquisa netnográfica

Nesta pesquisa, as etapas são estabelecidas a partir da definição das redes sociais pesquisadas. Optou-se pelo *Instagram* – por este ser uma rede social com número de participantes maior em relação às demais pesquisadas e pela alta interação que proporciona – e pelo *4Chan* – por ser este uma rede que, ao priorizar o anonimato dos membros, faz com que os discursos sejam realizados sem o receio da identificação, sendo assim os integrantes dos

fóruns publicam sem o pudor de outras redes.

A segunda etapa realiza a definição da comunidade a ser pesquisada, que são os grupos masculinistas organizados em páginas das redes sociais; a terceira etapa dedica-se à observação das publicações e das interações. No caso do *Instagram*, o enfoque é dado a postagens publicizadas, estando elas disponíveis a todos, o que dispensa a autorização dos participantes, pois as postagens são públicas; já na rede social *4Chan*, os usuários são anônimos.

Na quarta etapa, utiliza-se o quadro teórico-metodológico da pesquisa, qual seja a Análise do Discurso materialista, com a realização do gesto de análise dos dados coletados, que são os discursos proferidos nas comunidades online escolhidas. Na quinta etapa, faz-se a apresentação dos resultados da análise dos dados coletados.

Observa-se, assim, que, com a popularização da *internet* e a criação de *blogs*, segundo Montardo e Passerino (2006), a metodologia da netnografia passou a ser utilizada com maior frequência nas pesquisas, afinal os espaços virtuais passaram a ter uma quantidade maior de usuários e a ser percebidos como campos de pesquisa, inicialmente chamados por Hine (2005) de comunicação mediada por computador (CMC), que possuía uma dinâmica diferente de uma pesquisa *in loco*.

Com a necessidade de metodologias para a realização de pesquisas nos ambientes virtuais, entendidos como contextos culturais, há uma adaptação da etnografia para essa finalidade:

Nós podemos sugerir, então, que uma troca metodológica, a requisição do contexto *on-line* como um site de campo etnográfico foi crucial no estabelecimento do status das comunicações de Internet como cultura. Enquanto experimentos psicológicos demonstraram sua opacidade, métodos etnográficos foram capazes de demonstrar sua riqueza cultural. É possível ir mais longe e sugerir que nosso conhecimento da Internet como um contexto cultural está intrinsecamente ligado com a aplicação da etnografia. O método e o fenômeno definem o outro em um relacionamento de mútua dependência. O contexto *on-line* é definido como um contexto cultural pela demonstração de que a etnografia pode ser aplicada a ele. Se nós podemos estar confiantes de que a etnografia pode ser aplicada com sucesso em contextos *on-line* então nós podemos ficar seguros de que estes são, realmente, contextos culturais, uma vez que a etnografia é um método para entender a cultura. (Hine, 2005, p.8)

A etnografia virtual foi inicialmente utilizada para analisar *blogs* e interações em ambientes online. No entanto, com a declaração da pandemia de covid-19 pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2019, acontecimento que afetou o mundo todo, o distanciamento social tornou-se uma das principais medidas para conter a propagação do vírus SARS-CoV-2. A partir de então, observou-se que a metodologia da etnografia virtual poderia ser usada também para pesquisas que, anteriormente eram realizadas de maneira presencial, possibilitando que pesquisas continuassem e se desenvolvessem mesmo na condição do

isolamento social.

Além da contribuição da etnografia virtual para a realização de pesquisas em ambientes virtuais, essa metodologia teve importância também para a realização de pesquisas durante a pandemia de covid-19, conforme relata Campos (2021); pois, devido ao isolamento social, o método possibilitou a continuidade de trabalhos que deveriam ter sido interrompidos em razão da impossibilidade de contato pessoal:

Na pandemia, os pesquisadores foram obrigados a repensar a realização da pesquisa etnográfica, adaptando-a ao contexto virtual. Todavia, a chamada etnografia virtual nos leva a pensar os desafios teóricos e metodológicos em relação à clássica noção de trabalho de campo em antropologia e as interações entre pesquisadores e pesquisados, bem como o emprego de técnicas de coleta de dados próprias da produção de conhecimento antropológico, como a observação participante e as diversas modalidades de entrevistas e, por fim, as estratégias de análise do material empírico. (Campos, 2021, p. 469)

Como pode ser observado, Campos (2021) aponta que a metodologia da etnografia virtual surgiu a partir da popularização da internet e foi inicialmente utilizada para analisar *blogs* e páginas virtuais; todavia, com o processo pandêmico da covid-19, tal metodologia passou a adquirir novas dimensões, expandindo significativamente o campo de pesquisa. Ao empregar abordagens que sustentem os objetivos propostos, ela pode ser aplicada em uma variedade de ambientes virtuais, enriquecendo a análise e a compreensão dos fenômenos investigados.

2.5 ANÁLISE DO DISCURSO NOS AMBIENTES VIRTUAIS

Para a realização da análise da pesquisa, será utilizada a AD materialista, fundada pelo filósofo e linguista Michel Pêcheux. Esse método tem como fundamento o tripé língua, discurso e ideologia e leva em consideração o discurso a partir do local, da posição e do período em que determinado sujeito elabora o seu discurso (Orlandi, 2005).

Na AD, pode-se compreender como as relações de poder são significadas e simbolizadas, Orlandi (2005), atendendo a uma necessidade da pesquisa que busca desvelar as relações hierárquicas de poder, na questão do gênero.

Essas relações favorecem os homens em detrimento das mulheres e podem ser encontradas nos sentidos dos discursos realizados nas redes sociais em páginas *masculinistas*; pois, segundo Orlandi (2005), são os sentidos que estabelecem a intersecção entre a linguística e a filosofia, sendo as ciências sociais a área do conhecimento norteadora desta pesquisa.

As categorias da AD que serão utilizadas nesta pesquisa são as de ideologia, de formação discursiva, de memória discursiva e de sujeito histórico, que, segundo Orlandi:

De acordo com este conceito, as pessoas são filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos por intermédio da ideologia e do inconsciente. O interdiscurso é articulado ao complexo de formações ideológicas representadas no discurso pelas formações discursivas: algo significa antes, em outro lugar e independentemente. As formações discursivas, por sua vez, são aquilo que o sujeito pode e deve dizer em situação dada em uma conjuntura dada. O dizer está, pois, ligado às suas condições de produção. Há um vínculo constitutivo ligando o dizer com a sua exterioridade. (Orlandi, 2005, p. 11)

Como pode ser observado, os discursos encontrados nas redes sociais possuem uma filiação ideológica e determinada característica estilística e tipológica que se constitui na relação da linguagem com as condições de produção e podem ser observadas por meio das formações discursivas, conforme Orlandi (2005), presentes nas páginas selecionadas; pois, antes mesmo das postagens e dos comentários serem realizados nas redes sociais, há anteriormente uma ideologia machista e misógina que sustenta tais discursos e que está ligada ao contexto de produção discursiva.

A Análise do Discurso (AD), conforme Pêcheux (2014), considera o significado do discurso levando em conta o tempo e o espaço, e não atribui total autonomia ao sujeito. Ela rejeita a ideia de um sujeito onipotente ou de um sistema completamente autônomo. Para a AD, o discurso é visto como um fenômeno social e histórico, que envolve a interação entre falantes e ouvintes, onde o aspecto linguístico é apenas um pressuposto. Essa abordagem critica a ideia de que o sentido é claro e evidente, destacando a ambiguidade dos discursos. Segundo a AD, o discurso não é transparente; pelo contrário, é opaco, pois seu significado pode mudar ao longo do tempo, em diferentes contextos e de acordo com as condições em que é produzido.

De acordo com Pêcheux (2014), não se deve separar a estrutura do acontecimento, a linguagem está relacionada a sua exterioridade, ou seja, ao interdiscurso, definido por ele como memória discursiva. Assim, o que já foi dito torna possível o que é dito, pois as pessoas são filiadas a determinado saber discursivo que não se aprende, mas produz efeitos por meio da ideologia e do inconsciente. O interdiscurso articula-se com as formações ideológicas representadas no discurso pelas formações discursivas.

Sendo assim, os sentidos das palavras podem mudar no tempo e no espaço e a depender da posição social que determinado sujeito ocupa. Assim, busca-se analisar quais são os sentidos construídos nos discursos analisados nas redes sociais, levando em consideração que poderá haver maneiras diferentes de dizer algo, a depender do contexto e da posição do sujeito (Araújo;

Silva, 2017).

Na AD, não se realiza uma leitura do texto observando apenas o início e o fim, realiza-se uma análise mais profunda, que é possibilitada pela descrição-interpretação na qual se verificam as posições do sujeito, os locais estabelecidos e as regularidades discursivas, a partir da materialidade da pesquisa (Araújo; e Silva, 2017).

Nessa perspectiva, a proposta de análise da AD se manifesta por meio da construção de um dispositivo de interpretação capaz de colocar o dito em relação ao não dito; o que é dito em determinado lugar em relação ao que é dito em outro lugar para compreender a opacidade da língua, a determinação dos sentidos pela história e pela constituição ideológica e do inconsciente do sujeito, como afirma Orlandi (2015).

O dispositivo de análise da AD entende que o enunciado é o lugar da interpretação e pode-se tornar outro com a manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos. Nessa relação, leva-se em consideração o interdiscurso, que é o discurso do outro na sociedade e na história, podendo haver a possibilidade de identificação que abre a possibilidade para a interpretação (Orlandi, 2015).

Segundo Orlandi (2013), a materialidade do gesto de interpretação também se manifesta no discurso eletrônico e digital, pois o pesquisador – ao construir seu dispositivo analítico e o seu objeto de análise; seus objetivos e seu campo teórico, espaço em que ocorrerá a busca pelos resultados – pode trazer várias interpretações que gerarão diferentes tipos de conhecimentos do objeto simbólico dos processos de significação.

A interpretação é aberta, e a significação é sempre incompleta nos seus processos de compreensão, pois as análises são sempre diferentes, o que faz a AD ter um caráter dinâmico e aberto; e o objeto da análise, inesgotável. Dessa forma, a análise não se realiza sobre o objeto, mas sobre o processo discursivo que é parte dele, como afirma Orlandi (2013).

Ao pensar a escritura digital, a referida autora associa o conceito de arquivo à noção de memória, fazendo a distinção entre a memória discursiva e a memória metálica. Dessa forma, a memória discursiva é relacionada ao interdiscurso, constituído pelo esquecimento; e a memória metálica é como a memória das máquinas. A memória de arquivo é atrelada à memória institucional, que instiga a ilusão da literalidade, como se a linguagem fosse transparente.

Para a realização do processo de análise desta pesquisa, cujo *corpus* é constituído por discursos virtuais coletados em redes sociais, faz-se necessária a realização da passagem entre a superfície linguística e o objeto discursivo. Para que esse procedimento seja realizado, é mister que esse material já tenha sido “de-superficializado” pelo analista, com um primeiro tratamento, apontado por Orlandi (2015).

Por conseguinte, O processo de "de-superficialização" refere-se à materialidade da linguagem, ou seja, envolve como as coisas são ditas, quem as diz e em que contexto ocorre a comunicação. Nesse processo de enunciação, o sujeito fornece pistas que ajudam a entender como o discurso se transforma em texto, levando em consideração as formações imaginárias. Segundo Orlandi (2015), essas formações são as imagens que se tem sobre diferentes figuras, como um eleitor, um reitor, um aluno, um pastor ou um político, por exemplo.

Para isso, é necessário aplicar o chamado "esquecimento número 2", que se refere ao controle da enunciação. Isso significa que a impressão de que algo só poderia ser dito em determinada situação deve ser superada. Dessa forma, é possível eliminar os efeitos de ilusão e transformar o discurso em um objeto de análise. Isso possibilita estudar o que foi dito em diferentes contextos, levando em consideração outras memórias discursivas. (Orlandi, 2015).

Em sequência, após esse primeiro procedimento, começa a aparecer o modo de funcionamento do discurso por meio da relação que existe em diferentes superfícies linguísticas e detecta-se a relação do discurso com as formações discursivas. De acordo com Orlandi (2015), ao converter o objeto bruto em objeto teórico, linguisticamente "de-superficializado", trata-se criticamente da impressão da realidade do pensamento.

Esse procedimento permite que o analista realmente analise a discursividade, que é seu objetivo principal. Ele dá início ao processo discursivo, em vez de se concentrar apenas no produto final, e ajuda o sujeito a compreender os efeitos linguísticos e ideológicos envolvidos. Essa é a primeira etapa de análise praticada pelo dispositivo analítico:

Os procedimentos da Análise de Discurso têm a noção de funcionamento como central, levando o analista a compreendê-lo pela observação dos processos e mecanismos de constituição dos sentidos e de sujeitos, lançando mão da paráfrase e da metáfora como elementos que permitem um certo grau de operacionalização dos conceitos. (Orlandi, 2015, p. 75)

A análise é realizada em etapas que consideram as características e o funcionamento do discurso. Essas etapas refletem o caminho que o analista traça ao interagir com o material empírico, passando por diferentes níveis de compreensão. A primeira etapa envolve a transição da superfície linguística para o texto; a segunda, do objeto discursivo para a formação discursiva; e a terceira, do processo discursivo para a formação ideológica. (Orlandi, 2015).

Tendo como referência as metodologias e a teoria apresentada neste capítulo, serão realizados os procedimentos de análise desta pesquisa, tendo como dados as publicações e os comentários extraídos das redes sociais citadas, tendo em conta as seguintes etapas:

1. Etapa 01 – Seleção, constituição e etiquetagem do *corpus*, pois “compreendemos a contextualização do tema em que se insere o(s) conceito(s)-análise, as condições de produção, o ponto de inquérito do analista e a descrição do analisado” (Souza, 2014, p. 41).
2. Etapa 02 – Pré Análise discursiva com o objetivo de “o analista, no contato com o texto, procura ver nele sua discursividade e incidindo um primeiro lance de análise – de natureza linguístico enunciativa constrói um objeto discursivo” (Orlandi, 2009, p. 77).
3. Etapa 03 – Análise discursiva, focando no objeto discursivo as formações discursivas, elementos da materialidade linguística, operações semânticas, metafóricas e outros deslizamentos de sentidos. Já “a análise em si envolve a circunscrição do conceito-análise e a escolha, interpretação e análise por meio de perguntas heurísticas” (Souza, 2014, p. 21).
4. Etapa 04 – Gesto de leitura – aprofundamento da análise discursiva, indicando as categorizações de sentidos encontradas, as relações entre formações e ideologias determinadas, a dimensão histórica etc.

Conclui-se, assim, o capítulo do referencial teórico, no qual foram expostas as bases teóricas e metodológicas a serem aplicadas no próximo capítulo, no qual serão realizados os gestos de análises dos discursos presentes nos enunciados pesquisados nas redes sociais *Instagram* e *4Chan* das páginas *masculinistas* selecionadas.

3 GESTO DE LEITURA: MASCULINIDADES E SUAS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS NAS REDES SOCIAIS

Neste capítulo, realiza-se uma análise das postagens com base em uma seleção de prints extraídos do corpus da pesquisa. Esse corpus é composto por 60 imagens, coletadas durante a pesquisa de campo realizada entre 2022 e 2024 nas redes sociais *Instagram* e *4Chan*. As imagens foram escolhidas de perfis que abordam principalmente as relações de gênero, de acordo com os critérios estabelecidos para esta pesquisa.

Vale ressaltar que a montagem do arquivo que compõem o *corpus* é constituída somente de materiais publicizados e não tem como foco analisar os sujeitos das postagens; mas, sim, os enunciados proferidos nos ambientes virtuais públicos, por meio das postagens e comentários.

No campo virtual, observou-se que, mesmo em páginas com temáticas diferentes das

relações de gênero e administradores no qual não se reconhecem possuidores de caráter machista e misógino, também são encontrados discursos de homens se referindo às mulheres de forma violenta, porém esse é um tema que pode ser explorado futuramente em outra pesquisa.

Como afirma Carmo (2024), há um enredamento discursivo presente na *Web*¹⁵, que pode ter um caráter racista, machista, xenofóbico, entre outros ataques às minorias sociais. Nesta pesquisa, buscaram-se os enunciados de homens que se percebem naturalmente superiores às mulheres e se sentem autorizados a se posicionarem depreciativamente em relação aos gêneros que fogem à heteronormatividade masculina, sendo, assim, filiados a uma formação discursiva *masculinista*.

Faz-se mister ressaltar que, segundo Malidier (2003), o sujeito não é fonte de sentido do discurso, o sentido é construído historicamente por meio da memória; assim, pode-se estabelecer uma relação entre os enunciados misóginos nas redes sociais e a forma de organização social da Grécia antiga, segundo Foucault (1998). Observa-se que o interdiscurso está presente nesses enunciados pesquisados, pois os discursos realizados nas redes sociais, em nossa época, refletem os valores presentes nas sociedades antigas e medievais, tanto no período grego (em Atenas e Esparta) como no período medieval, conforme descrito por Corbin, Courtine e Vigarella (2013).

Ao realizar a análise das postagens em redes sociais que abordam como tema principal as relações de gênero, tendo como teoria metodológica a AD materialista pecheutiana, faz-se necessário levar em consideração a interseccionalidade da aplicação da AD materialista, como a apresentada por Cestari (2017):

Minha abordagem resulta do diálogo que estabeleci com o pensamento feminista negro durante minha tese de doutorado quando constatei que as análises *do discurso classistas realizados de gênero* chocam-se com os limites das epistemologias dominantes e instigam aos diálogos com as vertentes dos estudos sobre as relações raciais e relações de gênero, com lutas dos movimentos feministas e negro. (Cestari, 2017, p. 184)

A autora propõe a intersecção de outros recortes de análise da AD materialista no sentido de fortalecimento da compreensão dos sujeitos que, ao realizarem seus discursos abordando as relações de gênero, estão propiciando um deslocamento do sujeito por intermédio da língua e da história (Cestari, 2017).

Isto posto, apresenta-se a delimitação utilizada neste trabalho, esclarecendo que esta

¹⁵ A *World Wide Web* (tradução em português: Rede Mundial de Computadores; em inglês: WWW, A *Web*) designa um sistema de documentos em hipermídia (ou hipermedida) que são interligados e executados na Internet.

pesquisa realizou um recorte de duas redes sociais como campo de pesquisa. Nesse processo, observou-se que a dinâmica de cada rede social é diferente, haja vista que, no *Instagram* – por exigir identificação dos usuários –, os comentários são mais ponderados; já no *4Chan*, onde os usuários são anônimos, os comentários apresentam um caráter violento.

Dessa forma, este capítulo será subdividido em três subseções, de modo que a primeira executa as análises das capturas de tela ou *prints* extraídos da rede social *4Chan*, em fóruns de discussão que envolvam as categorias feminismo, gênero, mulheres e misoginia; a segunda seção incumbe-se da análise dos *prints* extraídos da rede social *Instagram* nos perfis que abordam as relações de gênero; e, por sua vez, a terceira seção realiza o gesto de análise com as capturas de telas extraídas do sítio eletrônico *Antiotário*¹⁶. A referida página foi também escolhida para a composição da pesquisa, porque seu proprietário possui três perfis que, somados, alcançam 1.137.000 de seguidores no *Instagram*.

Esses dados foram atualizados na etapa final desta pesquisa, em setembro de 2024, sendo estes perfis destacados pelo maior volume de interação entre as páginas *masculinistas* pesquisadas, identificadas como *@sejahomem.oficial*, *@saberdoslobos* e *@condutavaliosa*.

3.1 GESTO DE ANÁLISE DA REDE SOCIAL 4CHAN

O gesto de análise dos enunciados extraídos da rede social *4Chan*, conhecida pelo anonimato dos seguidores e criadores de tópicos de discussão inicia-se pela figura 5, que aborda a relação entre família, mulher, namoro e casamento.

Na imagem abaixo, lê-se o seguinte enunciado: “Sua família escolhe uma mulher compatível para você, que seja educada, bem-educada, de bom temperamento, que tenha valor além dos seus buracos etc etc. O sistema funciona, afinal criou você. Certifique-se de que ela não seja uma prima de segunda grau, comum entre seu povo.”

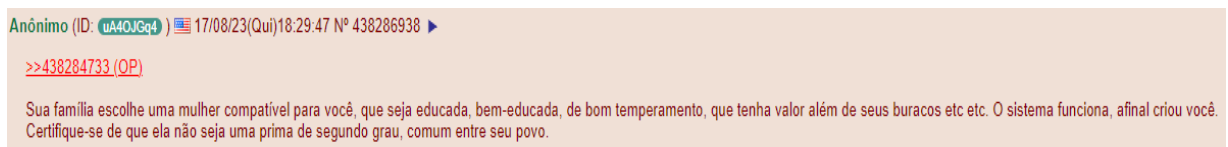


Figura 5 – 4Chan – Acesso em: 20/08/2023

Percebe-se que, ao dizer que a família escolhe uma mulher para um indivíduo, a forma como a mulher é percebida tem o sentido de objeto, algo que possa ser escolhido, como um

¹⁶ Disponível em: <www.antiotário.com.br>.

carro ou uma casa, não sendo a mulher um sujeito e, sim, o um objeto. O verbo “escolhe” tem o sentido de algo selecionado, um objeto não tem desejo, nem vontade, assim pode ser escolhido, o sentido do enunciado da figura 5 coloca a mulher nessa condição.

O enunciado apresenta também os adjetivos *educada*, *bem-educada* e de *bom temperamento*. O adjetivo “educada” é uma atribuição de valor, porém o sentido de “educada”, acompanhado da expressão “bom temperamento” – partindo de um enunciado filiado a uma ideologia machista –, muda o sentido de valor.

O enunciado conota uma mulher obediente, não possuidora de um temperamento que possa afrontar o marido. Recorda-se, nesse momento, que, de acordo com Foucault (1998), o homem da Grécia antiga tinha o domínio da vida privada, reservando a mulher restritamente ao papel de cuidar da casa, sendo submissa ao homem.

No Brasil, a capa da revista semanal Veja, publicada em abril de 2016, é ilustrada pela “quase primeira dama” Marcela Temer, apresentada como modelo de mulher ideal a um homem dominante, como seu marido, Michel Temer, que – na data da publicação matéria – era vice-presidente da república.



Figura 6 – Matéria da revista Veja – Acesso 13/10/2024

Ao apresentar Marcela Temer como uma mulher mais jovem, caracterizada pelos

adjetivos “bela”, “recatada” e “do lar”, o enunciado aponta que essa noção está filiada à memória discursiva, como afirma Pêcheux (2015), o qual explica que o papel das mulheres estava restrito a *oikos*, espaço privado. Esse papel também sinaliza uma noção de hierarquia na qual Plutarco aponta para a inconveniência de um homem ser casado com uma mulher mais velha (Foucault, 2005).

Outra memória discursiva presente na relação entre o ex-presidente Michel Temer e sua esposa Marcela Temer, apresentada por Foucault (2005), diz respeito à dominação material, já que o político é um homem rico; e sua esposa, de família pobre, o que reforça a noção de que seja conveniente que um homem, ao se casar, tenha mais riqueza material que sua esposa.

O contexto da matéria publicada pela revista *Veja* era a discussão sobre o processo de *impeachment*¹⁷ da presidenta Dilma Rousseff, apresentada pela mídia hegemônica da época como uma mulher nervosa e explosiva, o que pode ser observado na capa da revista *Istoé* (figura 7), publicada em 1º de abril de 2016. A referida capa é ilustrada por uma foto da presidenta Dilma Rousseff com expressão de raiva, junto à seguinte frase: “As explosões nervosas da presidente”.

De fato, essa publicação, considerada misógina pela juíza de direito Tatiana Dias da Silva, levou à condenação da revista e a um direito de resposta da presidenta, que, na época do lançamento dessa edição, vinha sofrendo uma tentativa de golpe de estado, consolidado posteriormente no mês de agosto do mesmo ano.

Retomando as publicações das revistas, observa-se o interdiscurso entre as duas publicações, a da *Veja* e a da *Istoé*, considerando que a primeira apresenta uma mulher jovem, loira e educada como um estereótipo de mulher ideal, ao passo que a segunda apresenta a presidente Dilma Rousseff como uma mulher explosiva e desequilibrada.

As capas das revistas *Veja* e *Istoé* apresentam uma formação discursiva de como uma mulher deve ser e de como não deve ser, privilegiando Marcela Temer em detrimento de Dilma Rousseff. Essas capas dialogam com a postagem da figura 5, que sugere que uma mulher deve ser educada e ter bom temperamento:

¹⁷ No contexto político, ela se refere a um processo que visa destituir um governante de seu cargo por algum crime ou conduta imprópria



Figura 7 – Capa da revista Istoé – 01/04/2016.

O movimento “Red Pill” possui uma base ideológica misógina e defende a ideia de que a mulher deve servir ao homem, assim a noção de mulher ideal dialoga com a noção de ser educada e de ter bom temperamento, termos apresentados no enunciado da figura 5. Mais adiante, o enunciador profere as expressões misóginas de forma mais violenta ao dizer que a educação e o bom temperamento são valores “além dos buracos da mulher”.

Nesse sentido, os “buracos” são referências à vagina, ao ânus e à boca, partes do corpo que podem ser utilizadas nas relações sexuais e que têm o sentido de objeto para a satisfação sexual dos homens, como apresentado por Foucault (1998), ao tratar da relação sexual como um atributo, considerando o histórico dos homens gregos da antiguidade.

A memória discursiva presente no enunciado da figura 5 apresenta mudanças na forma como o sujeito direciona seu discurso em relação ao gênero feminino. Se na antiguidade a mulher era vista como submissa ao homem, a partir deste enunciado pertencente à conjuntura contemporânea, observa-se um teor violento e de desqualificação da mulher enquanto ser humano pensante, independente e autônomo. Além disso, a mulher é colocada apenas como um objeto a ser selecionado e, posteriormente, usado sob desfrute de seus “buracos”.

No final do enunciado, o sujeito afirma que o sistema funciona, pois criou ele. Tal afirmação insinua a eficácia do sistema patriarcal como modelo de sociedade que dá certo dentro dessa lógica *masculinista* e finaliza, alertando o outro usuário do tópico do *4Chan*, sobre

o risco de ser uma prima de primeiro grau.

Percebe-se, assim, o interdiscurso presente na formação discursiva do enunciado da figura 5, pois a noção de que o modelo patriarcal de sociedade é um modelo que funciona, é uma construção de sentido histórica que é reforçada no discurso na figura 5 (Maldidier, 2003).

Nesse ponto, levantam-se também as relações de incesto, o que conota uma resposta xenofóbica, pois acusa o outro usuário de pertencer a um povo que possui essa prática; porém, como os usuários são anônimos, não é possível identificar a qual povo o enunciadador está se referindo.

Na figura 8, extraída da rede social *4Chan*, também filiada a uma ideologia machista, o sujeito enunciadador publica uma postagem que expõem uma memória discursiva misógina, racista e violenta, como pode ser observado nos termos “feminismo genocida” – que coloca o movimento feminista como capaz de realizar um genocídio com os homens brancos –, “pipi rosinha” – que representa os homens brancos –, “pau de chocolate” – que remete a homens negros – e “ebonização peniana”.



Figura 8 – *4Chan* – Acesso em: 20/09/2024

Na expressão “ebonização peniana”, o substantivo “ebonização” representa a cor ébano, que é uma cor escura; também é utilizada como um termo carinhoso a uma pessoa negra, como na frase: “você é meu ébano”. A ebanização (grafia correta da palavra) é um processo de tingimento que escurece a madeira, deixando-a mais bonita. Nesse sentido, a expressão supracitada estaria sugerindo o escurecimento do pênis, ou seja, estaria insinuando um processo de eliminação do pênis branco em favorecimento ao pênis negro.

No trecho “está cientificamente comprovado que o feminismo genocida o pipi rosinha

quando mulheres tem liberdade de escolha elas sempre escolhem o pau de chocolate”, o sujeito do discurso evoca uma formação discursiva – conforme Pêcheux (2015) – misógina e racista, no sentido de que, quando se fala em cientificamente comprovado, remete-se à ideia de que as mulheres, quando podem escolher, optam pelo homem negro, ou seja, aquele que tem o “pau de chocolate”, que, no imaginário racista, é viril, sexualmente mais forte e, por essa razão, o preferido pelas mulheres.

O conceito de virilidade apresentado também na Grécia antiga representa o homem dominante, que é o vencedor; o homem que penetra, que, no imaginário da ideologia “*Red Pill*”, é o símbolo maior da masculinidade na contemporaneidade, já que o conceito de virilidade foi substituído pelo conceito de masculinidade, como apresentado pelos autores Gay (1995) e Corbin, Courtine e Vigarella (2013).

Nesse sentido, optando pelos homens negros, haveria um genocídio contra os “pipis rosinhas”, simbolizando que os homens brancos não teriam mais filhos, pois não seriam escolhidos pelas mulheres para ter relações sexuais, sendo a “ebonização total”, de acordo com o enunciado, “apenas mais um fato da vida”, ou seja, apenas mais um dos problemas com que os homens brancos precisam lidar.

O sujeito do discurso se coloca numa condição de vítima quando afirma que esse é “apenas mais um fato da vida”, demonstrando estar afiliado à ideologia “*Red Pill*”, que posiciona os homens como vítimas das mulheres, que, nessa concepção ideológica, são enganadoras, manipuladoras e se relacionam com os homens apenas para se aproveitarem deles.

No comentário dessa postagem, outro usuário da rede faz o seguinte comentário, “pipi rosinha só se reproduzir através do estupro, tiro o estupro e deu liberdade para as mulheres = aniquilação total do pipi rosinha feminismo é uma palavra-código para pipi rosinha genocídio”.

O enunciado do sujeito do discurso – também afiliado a uma ideologia machista e misógina – faz parte de uma formação discursiva na qual, segundo Pêcheux (2015), em um contexto de anonimato, o sujeito não possui qualquer pudor em se revelar misógino e afirmar que os homens brancos só conseguem relacionar-se com as mulheres a partir da prática do

estupro.

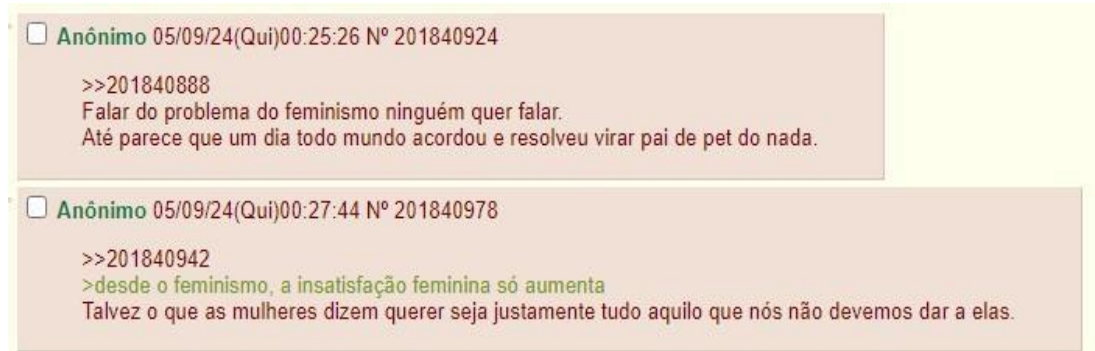


Figura 9 – 4Chan – Acesso em: 20/09/2024

Reafirma-se, assim, a memória discursiva de que – de acordo com Pêcheux (2015) – as mulheres, na condição de objetos, não teriam opção de escolha em se relacionar ou não com os homens brancos, evocando também uma memória histórica associada a uma sociedade escravagista, já que os homens responsáveis pela prática dos estupros, nesse contexto, na maioria das vezes, eram os brancos.

Na Figura 9, extraída da rede social 4Chan, o enunciado aborda o movimento feminista, que é amplamente atacado pelos *masculinistas*, uma vez que estes consideram esse movimento uma ameaça à masculinidade, entendida por eles como superior. Essa visão se opõe à perspectiva do feminismo, já que este defende que as mulheres são iguais aos homens em direitos e autonomia e que não há uma relação de superioridade e inferioridade entre os gêneros (Butler, 2018).

A crença na ideia de que os homens são superiores às mulheres evoca a memória discursiva que parte da antiguidade, passando pelas relações de gêneros da Idade Média e início da Idade Moderna, conforme Corbin, Courtine e Vigarello (2013).

O termo *andreaia* – conceito grego que tem origem em *andreas*, que significa “poderosa” – vem da palavra que é formada por *aner* – que significa “homem” – e *andrós* – que significa “do homem, relativo ao homem, másculo, varonil, desenvolvido para designar virilidade, coragem, força, dominação sexual, qualidades que, com o passar do tempo, ganharam outras conotações.

Não obstante, na Idade Média, essa noção de virilidade, coragem e força é representada pelos cavaleiros medievais, que dominavam a equitação; e a figura do cavalo era simbolizada pela mulher, que deveria ser dócil, obediente e submissa ao cavaleiro, como explicam Corbin, Courtine e Vigarello (2013).

A formação discursiva filiada a uma formação ideológica *masculinista* – segundo

Pêcheux (2015) – coloca o homem da antiguidade e do período medieval na condição de superioridade e dominação em relação à mulher, em conformidade com Corbin, Courtine e Vigarello (2013). Essa ideologia, como se observa no enunciado da Figura 9, é encontrada também no discurso masculinista contemporâneo.

Ademais, essa ideologia masculinista pode ser observada também no caso do CEO¹⁸ Tallis Gomes, noticiado nos principais jornais do país no dia 22 de setembro de 2024, quando teve grande repercussão devido ao conteúdo misógino e machista de seus enunciados e também devido à relação das mulheres CEOs brasileiras que repudiaram o seu discurso.

Na ocasião, o CEO Tallis Gomes, segundo o portal G1 (2024), em conversa no *WhatsApp*, havia feito as seguintes afirmações: "Se sua mulher fosse CEO de uma grande companhia, vocês estariam noivos?"; "Deus me livre de mulher CEO". Em seguida, o referido CEO dissertou: "salvo raras exceções, mulheres em cargos de liderança passam por um processo de masculinização".

Nas afirmações publicizadas pelo portal G1 (2024), há uma relação com o enunciado da Figura 9: o CEO Tallis Gomes reafirma a ideia de que, para ter cargo de liderança, uma mulher deve passar por um processo de masculinização, ou seja, para que ela possa liderar outros homens, ela deve se masculinizar; pois, nessa concepção ideológica machista e misógina, uma mulher não tem capacidade para isso. Sendo apenas mulher, é necessário que ela se masculinize.

Ao interrogar seus amigos, no grupo, se eles aceitariam a ideia de que as esposas deles se tornassem uma CEO, ele mesmo responde: "Deus me livre", conotando a não aceitação de uma mulher fora da condição de submissão, implicada apenas com o espaço privado, dos filhos e não pertencente ao espaço público, menos ainda na condição de liderança. Essa memória discursiva evoca os valores e a estrutura social presente na antiguidade grega, em que a vida da mulher era restrita ao espaço privado (Foucault, 1998).

Em seguida, o CEO Tallis Gomes faz as seguintes afirmações: "A mulher tem o monopólio do poder de construir um lar e ser base de uma família — um homem jamais seria capaz de fazer isso. Pra quê fazer a vida dessa mulher pior dessa forma?"; "o mundo começou a desabar exatamente quando o movimento feminista começou a obrigar a mulher a fazer papel de homem". Tanto no enunciado da Figura 9, como na postagem do CEO Tallis Gomes, o movimento feminista é responsável pela masculinização da mulher, partindo de um imaginário no qual o movimento feminista "obriga" a mulher a se comportar como homem, o qual, na

¹⁸ CEO é a sigla inglesa de Chief Executive Officer, que significa Diretor Executivo em português. CEO é a pessoa com maior autoridade na hierarquia operacional de uma organização. É o responsável pelas estratégias e pela visão da empresa.

ideologia *masculinista*, é quem exerce o papel de dominador, de mais forte, de líder, superior à mulher, enquanto esta é vinculada restritamente à fragilidade, à dominação e à submissão.

Na figura 9, o enunciador faz a seguinte afirmação: “Falar do feminismo ninguém quer falar. Até parece que um dia todo mundo acordou e resolveu virar pai de pet do nada”. Nesse enunciado, observa-se o julgamento de ser responsabilidade do feminismo o fato de muitas famílias, nos dias atuais, optarem por não ter filhos. Esse comentário se apoia na visão de que o feminismo, de acordo com a ideologia *masculinista*, retira da mulher a condição de permanência restrita ao lar, ao espaço privado de cuidado com a casa e, por isso, opta-se por ter animais de estimação ao invés de filhos; afinal, se a mulher não cuidar da casa e dos filhos, os homens não terão capacidade para realizar tal tarefa, historicamente destinada às mulheres.

Na sequência, outro usuário, também na figura 9, faz o seguinte comentário, “Talvez o que as mulheres dizem querer seja justamente tudo aquilo que nós não devemos dar a elas”. A produção de sentido desse enunciado concorda com a publicação das figuras 5 e 6, que apontam para as mulheres como objeto, ou seja, alguém sem capacidade de desejo, e que as conquistas das mulheres não aconteceram em razão das lutas feministas e delas mesmas, mas como uma concessão cedida pelos homens.

☐ Anônimo 09/04/24(qua)22:46:51 No. 201838171

>>201838095

Mulher só faz merda quando não tem o homem pensando por elas. Eles não conseguem fazer o básico de causa e consequência.

Mas enfim, merece tudo isso. Quem colocou tudo a perder foram elas quando adotaram o feminismo e se juntaram ao estado para foder o homem.

Todo castigo pra mulher moderna é pouco.

A sociedade vai colapsar, mas elas serão as primeiras a agonizar de verdade.

Figura 10 – 4Chan – Acesso em: 20/09/2024

Na figura 10, a ideologia e a formação discursiva masculinista dialogam com as figuras 5, 6 e 9, ao afirmar que “mulher só faz merda quando não tem um homem pensando por elas”. Tal comentário insinua a falta de autonomia das mulheres ao afirmar a necessidade de serem orientadas por um homem e de serem incapazes de tomar decisões, por não conhecerem “o básico de causa e consequência”.

O termo “causa e consequência” se refere às relações em que duas coisas se concatenam de maneira que uma seja efeito de outra, podendo ser chamada também de relação de causalidade, como no enunciado: “A rua está molhada porque choveu”.

O motivo de a rua estar molhada é a chuva. Esse é um pensamento simples, de fácil elaboração, porém o sentido de o enunciador atribuir às mulheres a incapacidade de compreender essas relações simples acusa uma ideologia misógina que acredita na

superioridade física e intelectual dos homens, em relação às mulheres.

Posteriormente, o enunciado diz o seguinte: “Quem colocou tudo a perder foram elas quando adotaram o feminismo e se juntaram ao estado para foder o homem todo castigo para mulher moderna é pouco. A sociedade vai colapsar, mas elas serão as primeiras a agonizar de verdade.” Ao analisar esse enunciado, observa-se que, assim como nas Figuras 5, 6, 9 e 10, o feminismo é colocado como o mal da sociedade, sendo responsabilizado pela corrupção do papel da mulher.

Na afirmação, o enunciador aponta o feminismo e o Estado como responsáveis por “foder” o homem e declara que todo castigo para a mulher moderna é pouco. Esse comentário evoca uma memória discursiva e uma formação discursiva que remetem o moderno em oposição ao antigo. Nesse sentido, nota-se o modelo patriarcal da antiguidade, em que o homem tinha o privilégio absoluto nas relações sociais, laborais, financeiras, sexuais, do saber formal e do espaço público, como afirma Foucault (1998).

Assim, o feminismo e o Estado – ao garantirem direitos e busca por condições iguais entre homens e mulheres na contemporaneidade – prejudicaram os homens, no sentido de perderem os privilégios em favorecimento das mulheres nas conquistas dos direitos. Nesse sentido, a ideologia masculinista evoca uma formação discursiva situada numa conjuntura na qual os homens se veem em condição de perda de espaço na vida social, sendo esse fenômeno responsável por colapsar a sociedade.

Ao deixar de se restringir apenas ao espaço privado, onde cuida dos filhos e do marido, a mulher que conquista o espaço público, o trabalho e a independência financeira representa uma ameaça a um modelo de sociedade que foi construído ao longo da história, desde a antiguidade até a Idade Média ocidental, como afirmam Corbin, Courtine e Vigarello (2013).

Esse modelo de sociedade, ao ser questionado pelas mulheres organizadas pelo movimento feminista, estabelece mudanças nos papéis sociais e nas condições de privilégios e direitos na vida contemporânea, conforme Butler (2018), o que é percebido pelos masculinistas como uma ameaça não somente aos seus privilégios, mas também como a organização da sociedade como um todo. Isso explica a ideia do colapso social provocado pelo feminismo observado em diversas postagens de fóruns misóginos do *4Chan*.

Anonymous 09/17/24(Tue)12:33:24 No.202349252

ideia de debate: Marina Helena e Tabata Amaral de biquíni brigando na lama

Figura 11 – 4Chan – Acesso em: 20/09/2024

Na figura 11, o enunciado apresenta uma abordagem diferente das publicações anteriormente analisadas, extraídas da plataforma *4Chan*; pois, em vez de utilizar o feminismo como responsável pela destruição da sociedade moderna, o conteúdo desta publicação sugere que as candidatas à prefeitura de São Paulo no pleito de 2024, Marina Helena e Tabata Amaral, são tratadas como objeto sexuais.

Na postagem que diz “ideia de debate: Marina Helena e Tabata Amaral de biquíni brigando na lama”, o enunciado – também filiado a uma formação discursiva misógina – pode ser analisado pela redução das candidatas mulheres apenas a corpos a serem contemplados pelos homens; afinal, na condição de mulheres, não teriam a capacidade de ter ideias para debaterem sobre a governança da cidade de São Paulo.

A luta na lama, segundo Jha (2015) surgiu na Índia há cerca de 2500 anos e até os dias atuais é um esporte de grande popularidade no país, e assim como no Brasil ocorre com o futebol, é uma das poucas formas de jovens pobres daquele país tentarem uma ascensão financeira por que alguns torneios pagam grandes quantidades de dinheiro.

Porém, na Índia, a presença das mulheres nessa modalidade de luta não é bem recebida, visto que os indianos alegam uma distração ocasionada pela presença de mulheres, o que pode prejudicar as lutas, como relata a jornalista responsável pela matéria. Ela declara que, ao entrar na arena de combate após negociar com o proprietário do estabelecimento, foi vista, com surpresa, pelos lutadores.

No ocidente, essa modalidade de luta livre na lama, realizada por mulheres vestindo apenas biquínis, possui outro contorno: a objetificação do corpo da mulher, como pode ser observado na matéria publicada pela CNN (2010), que cita um anúncio de uma agência de emprego na Inglaterra em processo de recrutamento de mulheres para lutar na lama, sendo que, entre as exigências, encontram-se os quesitos de ter boa aparência e utilizar apenas biquíni.

Ao comparar a postura dos indianos em relação ao esporte, nota-se que eles valorizam essa prática como um meio de mobilizar a sociedade e proporcionar ascensão financeira a poucos lutadores. No entanto, ao mesmo tempo, eles negam a presença de mulheres nas arenas. Em contraste, no Ocidente, as mulheres jovens, com boa aparência e vestindo apenas biquínis, são frequentemente utilizadas nessas arenas. Essas duas abordagens refletem diferentes formas de machismo.

De um lado, os indianos, ao valorizarem o esporte, segregam as mulheres; de outro lado, no ocidente, o costume de utilizar os corpos das mulheres como atração reduz o gênero feminino a apenas objeto de uso dos homens, demonstrando, assim, que – apesar de serem culturas

diferentes – as masculinidades leem as mulheres como alguém excluído da vida social ou, pelo menos, não nas mesmas condições que os homens.

As publicações analisadas nesta sessão com postagens retiradas apenas da rede social *4Chan* que tem como principal característica o anonimato dos seus usuários, apresentam um discurso mais violento e agressivo, pois o anonimato assegura ao enunciador a proteção contra qualquer tipo de retaliação por suas publicações.

Revelam uma sociedade, machista, misógina e violenta dos homens em relação às mulheres, que mesmo após séculos de lutas por equidade social, ainda são percebidas e lidas por parte da sociedade como inferiores, incapazes, submissas, perigosas e como uma ameaça à masculinidade que tem como referência os valores das sociedades antigas e medievais.

O *4Chan* por ser utilizado na *Deep Web* e por ter o anonimato como uma de suas principais características revela discursos que, provavelmente, não seriam possíveis de serem encontrados em outras plataformas nos quais os usuários são identificados com nomes e fotos, acrescentando na pesquisa enunciados que fazem parte do imaginário de muitos homens, porém que não são ditos em outros ambientes.

3.2 GESTO DE ANÁLISE DE POSTAGENS DA REDE SOCIAL *INSTAGRAM*

A seguir será realizada a análise das capturas de tela extraídas da rede social *Instagram*, nas páginas intituladas, *@orgulho_de_ser_hétero*, *@condutavaliosa* e *@sejahomem_oficial* e *@thiagoshutzoficial*.

Assim, a primeira imagem analisada foi capturada no perfil hospedado no *Instagram* intitulado *@orgulho_de_ser_hetero*, este perfil atende a pesquisa por ter como temática principal as relações de gênero ancorado numa ideologia machista e filiado a formação discursiva “*Red Pill*”:



Figura 12 - Instagram @orgulho_de_ser_hetero – Acesso em: 20/08/2023.

Na figura 12, encontra-se uma famosa atriz de filmes pornográficos, Mia Khalifa, com a seguinte frase ao lado da imagem: "Casa-se com uma mulher que saiba cozinhar, porque um dia a beleza acaba, a fome não".

A mulher da figura 12 usa uma roupa que destaca seu corpo de maneira sexista e carrega uma bandeja, demonstrando que está servindo supostamente vários homens, pela quantidade de bolinhos e na descrição da publicação o autor usa as seguintes *hashtags*¹⁹, #machismo #homofobia #feminismo #machoescroto #bbb20 #quarentena #elenão #babu #racismo #democracia #orgulhohetero.

As *hashtags* dão um contorno ideológico a postagem, utilizando de ironia ao apresentar os substantivos machismo, homofobia, feminismo, macho escroto, orgulho hétero, pois ao citar esses vocábulos o administrador do perfil apresenta as críticas que eventualmente receberá de usuários da rede social *Instagram* pela sua publicação.

Outras *hashtags* também acompanham a postagem, porém dando um contexto temporal na publicação, sendo elas bbb20, quarentena, ele não, Babu e democracia. A *hashtag* #bbb20 se refere ao *reality show* *Big Brother Brasil* transmitido pela Rede Globo de televisão anualmente e no ano de 2020 o programa ocorreu no contexto da pandemia.

Já as *hashtags*, orgulho hétero, Babu, racismo, e democracia, são entendidos pela discussão levantada pelo participante da atração televisiva, o ator Babu, pois a sociedade brasileira nesta época passava por um forte debate envolvendo temas como a diversidade de gênero, racismo, democracia e o ator abordava esses temas com frequência no programa.

¹⁹ *Hashtag* é um termo associado a assuntos ou discussões que se deseja indexar em redes sociais, inserindo o símbolo da cerquilha (#) antes da palavra, frase ou expressão.

Outra hashtag publicada ao lado da imagem é uma referência ao ex-presidente da república Jair Bolsonaro, eleito em 2018. Durante a campanha eleitoral milhares de mulheres foram às ruas para repudiar sua candidatura e utilizavam a hashtag #EleNão nos cartazes e nas redes sociais.

O presidente eleito declarava com frequência enunciados de cunho machista ou de ofensa a minorias como negros, mulheres e a comunidade LGBTQIAPN+, sugerindo assim que o administrador do perfil tem uma simpatia com o discurso do presidente Jair Bolsonaro e que publicou as *hashtags* em tom de provocação.

A AD materialista utiliza o tripé língua, discurso e ideologia como aponta Orlandi (2005), com isso, urge interrogar a nomeação da página como orgulho de ser hétero, considerando que o uso do termo orgulho remete-se à luta dos movimentos LGBTQIAPN+, especialmente pela luta por visibilidade da comunidade gay. Importa questionar as relações de poder que perpassam a noção de orgulho nesta categorização.

O termo orgulho surgiu na chamada Rebelião de Stonewall em 28 de junho de 1969 em Nova Iorque, Estados Unidos, sendo considerada à maior Parada do Orgulho Gay no mundo como afirma Kodama (2023), no entanto faz-se necessário analisar o porquê dos homens héteros utilizarem o mesmo termo para tentarem criar um movimento a partir das redes sociais, *sites* e proposições de criação de leis com o título de Dia do Orgulho Hétero, apresentada por diversos parlamentares em câmaras municipais, estaduais e na câmara federal em Brasília.

Como exemplo pode-se citar o Projeto de Lei N.º 925, de 2019, apresentado pelo Sr. Pastor Sargento Isidório, que se identifica como ex-gay, na Câmara Federal em Brasília, e visa instituir o "Dia Nacional do Orgulho Heterossexual", a ser comemorado anualmente no terceiro domingo de dezembro (Mazieiro, 2019).

Na apresentação do PL o deputado, pastor e “ex-gay”, argumenta que a criminalização da homofobia iria gerar uma guerra santa no Brasil, pois os homens héteros não aceitariam ser criminalizados pela prática de discriminação contra a comunidade LGBTQIAPN+.

Percebe-se através deste discurso um possível desejo velado do deputado e pastor de se associar de alguma forma do termo símbolo do movimento LGBTQIAPN+, o substantivo “Orgulho”, mesmo que seja com a complementação do adjetivo hétero, demonstrando assim um desrespeito a causa, mas ao mesmo tempo um reconhecimento do seu valor.

Assim, torna-se perceptível a relação de violência e poder na tentativa de impedir a criação de uma lei que serve como proteção de uma comunidade historicamente violentada, aponta também a forma como a heteronormatividade se percebe no direito de tomar um termo que se tornou símbolo para este movimento, o substantivo masculino de alto apreço “Orgulho”.

Além disso, observa-se que a publicação da figura 12 é uma postagem realizada por um sujeito filiado a um discurso machista, misógino, pois ao analisar os itens que compõem o *print*, a mulher é colocada numa posição de servidão ao homem nos aspectos sexual e doméstico, atividades voltadas ao espaço privado, como apresentou Foucault (1998), ao demonstrar que na Grécia antiga as mulheres tinham essas duas funções, cuidar do *oikos* o espaço privado e servir ao homem sexualmente.

Observa-se também, que enquanto as mulheres são jovens, devem servir aos homens com sua beleza e quando envelhecem devem servir cozinhando para eles e cuidando da casa, uma ideologia que segundo Foucault (1998) fora construída desde a antiguidade nos papéis sociais da Grécia antiga no qual as atividades domésticas eram reservadas as mulheres, sendo essa ideia reproduzida até os dias atuais.

A relação de etarismo associado às relações de gênero pode ser percebida também na antiguidade grega, como afirma Foucault (1998), naquela sociedade os homens eram aconselhados a se casar com aproximadamente 30 (trinta) anos de idade com uma mulher de aproximadamente 15 anos de idade, assim o discurso que evoca uma formação discursiva etária remete também a tradições similares dos gregos da antiguidade.

Essa filiação ideológica, de acordo com a AD parece naturalizar os sentidos, por parecerem ser óbvios, límpidos e transparentes, como aponta Orlandi (1996), porém não são, pois, as palavras possuem diversos sentidos, a depender da posição e das condições que o discurso fora produzido, como afirma (Pêcheux, 2015).

Como no caso da postagem da figura 12, o administrador colocou a *hashtag* *#machismo*, porém por se tratar de uma página de caráter machista e misógina, essa *hashtag* parece ter intenção de ironia por parte do administrador da página, mas é apenas a materialização da ideologia que fundamenta o perfil dele no *Instagram*.

Em relação as mudanças de sentido que um mesmo enunciado pode carregar, faz-se necessário a seguinte reflexão. Se um visitante do perfil *@orgulho_hetero_oficial* filiado a uma ideologia progressista e que defenda o posicionamento no qual às mulheres não devam ser consideradas submissas, inferiores e não caiba a elas o papel de servidão aos homens, se esse indivíduo utilizar a mesma *hashtag* *#machismo*, não será entendido como uma ironia e sim como uma crítica a postagem.

Assim percebe-se que ao denunciar o conteúdo do perfil a memória discursiva demonstrará como um mesmo discurso pode variar a depender da posição em que o enunciador ocupa num determinado contexto social utilizando um mesmo discurso, porém com significados diferentes.

Tendo como origem a noção de sujeito da AD materialista, pode-se compreender que o enunciador da postagem da figura 12, o administrador do perfil é um sujeito dividido entre o consciente e o inconsciente, pois não é dono dos sentidos que produz, por ser filiado a uma ideologia que já existe anteriormente a ele (Orlandi, 2005).

Este sujeito se torna apenas um reproduzidor de uma ideologia preexistente (Pêcheux, 2015), essa reprodução se dá a partir de gestos, escolhas e opções das mais diferentes formas publicadas nas redes sociais. Por consequência, tais escolhas configuram os sentidos construídos, aceitos como naturais e socialmente esperados.

Esse indivíduo, enquanto um sujeito no discurso, é assujeitado por acreditar que seus discursos, suas postagens, carregam sentido único, porém os discursos, os enunciados e as palavras carregam sentidos diferentes, a depender da posição do sujeito, do local em que é proferido e da época.

A linguagem não é transparente, é opaca e carregada de sentidos como afirma Orlandi (1996), afinal o mesmo discurso pode ter sentidos opostos a depender de que posição o sujeito produtor do enunciado está ocupando.

Outra categoria observada na figura 12 são as formações discursivas, que filiadas a uma formação ideológica machista, a formação discursiva ocorre numa certa condição dada como apontado por Pêcheux (2015), que pode ser numa igreja, num sindicato, num partido político, no caso desta pesquisa às páginas das redes sociais que são espaços virtuais que reúnem indivíduos com uma mesma formação ideológica que determina o que pode e o que deve ser dito aos seus integrantes.

Importa ressaltar que tais dimensões constroem os integrantes, leitores e seguidores a partir desses processos de identificação, acolhimento e pertencimento a amplificar o discurso de objetificação e violência contra às mulheres, reforça a ideologia machista presente nas postagens e comentários das páginas, observa-se que há um reforço aos comentários que reafirmam o conteúdo da postagem e uma reprovação aos que discordam das publicações.

Assim, aqueles seguidores que concordam com o discurso da postagem são reforçados pelos demais membros da comunidade, enquanto aqueles que criticam o conteúdo machista e misógino são tratados pelos membros da página como se fossem inocentes e que são enganados pelas mulheres, pois ainda não aprenderam a —verdade sobre a vida, que somente os *masculinistas* julgam saber (Oliveira e Silva, 2021).

A seguir será realizado o gesto de leitura de outra publicação selecionada na rede social *Instagram* do perfil @sejahomemoficial:



Figura 13 - Instagram @sejahomem_oficial – Acesso em: 22/08/2023.

Na figura 13, publicada no perfil masculinista @sejahomem_oficial do *Instagram*, apresenta-se a ideia de que os homens que são amigos, cuidam e ajudam as mulheres, são homens fracos e que serão enganados por elas, afinal na ideologia “*Red Pill*” essa atividade do cuidado é historicamente compreendida como sendo feminina, assim os homens que realizam os cuidados são lidos como menos homens que os demais:

As mulheres têm, portanto, na construção da sociabilidade burguesa, ampliada a teia de mediações que concorrem para o processo de alienação que coíbe a possibilidade de realização de projetos livres. Cuidar dos familiares, dos companheiros, em concomitância com as atividades sócio-ocupacionais, para cumprir normas historicamente criadas e interpretadas como inerentes à natureza feminina, tornam-se aspectos de uma realidade que tende a desprender-se de seus sujeitos e apresentar-se como eterna (Guedes e Daros, 2009).

Observa-se, na figura 13, um menino carregando a mochila, podendo ser da sua colega ou irmã, não se sabe o contexto, enquanto ela está beijando outro menino, faz-se entender que o menino portador da mochila tinha alguma intenção de beijá-la, mas acabou sendo preterido pela menina, por ser menos homem que o outro apresentado na imagem com as mãos nos glúteos da menina, dando uma conotação sexual.

No segundo comentário da figura 13, pode ser lido o seguinte enunciado: ” Mulher só respeita o homem que ela não consegue dominar, isso desde pequena”. Este enunciado reforça a ideologia *masculinista* oriunda de uma formação discursiva misógina em que as mulheres são uma ameaça aos homens e buscam constantemente meios para dominá-los, colocando a sexualidade como ponto central nesse jogo de dominação, assim como a importância da

sexualidade na Grécia antiga (Foucault, 1998).

O marcador discursivo “só” é um operador que estabelece sentido de restrição, conforme Ortega (2008). Essa atribuição de restrição reforça estereótipos de masculinidade, bem como quais seriam os papéis de homens *viris* e não *viris* por exemplo.

A ideia de que a mulher respeita somente os homens que as dominam é oriunda de uma memória discursiva ativada através de uma memória histórica social na qual os homens eram considerados naturalmente dominantes e as mulheres submissas, como apresentado por Foucault (1998) na antiguidade grega.

Assim percebe-se que os homens que cuidam, como pode ser observado na figura 13 carregando a mochila, são dominados e não dominantes lidos pela ideologia *masculinista* ocupantes de uma posição inferior à das mulheres, sendo conseqüentemente preteridos, nessa mesma visão, os homens que não cuidam são os desejados pelas mulheres.

Segundo Foucault (1998), o homem que não tivesse o domínio da vida privada, sobre sua mulher, filhos e escravos na Grécia antiga era considerado inapto para a vida social pois para provar sua virilidade era necessário demonstrar domínio sobre sua mulher e sua propriedade, tendo em vista esta formação discursiva, pode-se observar que os *masculinistas* defendem esse modelo de relação nos enunciados das imagens a seguir.

Assim, percebe-se que a memória discursiva da antiguidade pode ser encontrada nos enunciados dos dias atuais, porém com novas significações e através de novos acontecimentos históricos, como é o movimento “*Red Pill*” *masculinista*, organizado em ambientes virtuais nas redes sociais que evocam uma memória social histórica da antiguidade, presente nos enunciados das páginas pesquisadas.

O movimento “*Red Pill*” é recente, o site pesquisado existe há cerca de 15 anos e surgiu nas redes sociais com os chamados *Coachs*²⁰ que se apresentam como orientadores de homens que estão sendo vítimas da manipulação das mulheres feministas, esse movimento é uma reação às conquistas sociais alcançadas pelas mulheres no século XX que não aceitam continuar vivendo como objetos e na posição de dominadas pelo patriarcado (Bertagnoli, 2023).

A tentativa de manutenção da dominação destes homens masculinistas em relação às mulheres, remete a uma memória do período em que os homens dominavam a vida social e privada na Grécia antiga e as mulheres eram apenas objeto de posse dos homens, não tendo

²⁰ Coach" é uma palavra de origem inglesa que se refere a um treinador ou instrutor. O verbo "to coach" significa treinar, preparar e instruir. Por conseguinte, o termo "coaching" descreve o processo pelo qual um profissional orienta e instrui uma pessoa no treinamento adequado.

autonomia nem voz, Foucault (1998), ao observar as conquistas alcançadas pelas feministas o movimento *masculinista* se coloca como um movimento reacionário de tentativa do retorno a um passado que não existe mais (Gay, 1995).

A figura 13 fora extraída na rede social *Instagram*, desta vez na página *@sejahomem.oficial* que tem seus conteúdos publicados em outras páginas menores, porém do mesmo administrador, como pode ser observado na figura 15, que são *@saberdoslobos* e *@condutavaliosa*, apresentada pelo próprio administrador do perfil, que afirma também ter mais de seis milhões de seguidores e um site para ofertar seus cursos, sendo o site intitulado *antiotário*²¹.

O título da página *@saberdoslobos* remete às características do lobo que se espera que os homens tenham, segundo Shimizu (2020) os lobos enxergam tão bem a noite quanto durante o dia, assim um homem lobo tem uma visão aguçada e consegue ver o que os outros não enxergam.

Outra característica é que o lobo é o dominante na alcateia, considerado macho *Alpha*²², o dominador e sedutor. Dessa forma, o *Coach* e administrador do perfil do *Instagram* promete aos seus seguidores que se fizerem o curso ofertado por ele, se tornarão como os lobos, machos *Alpha*:

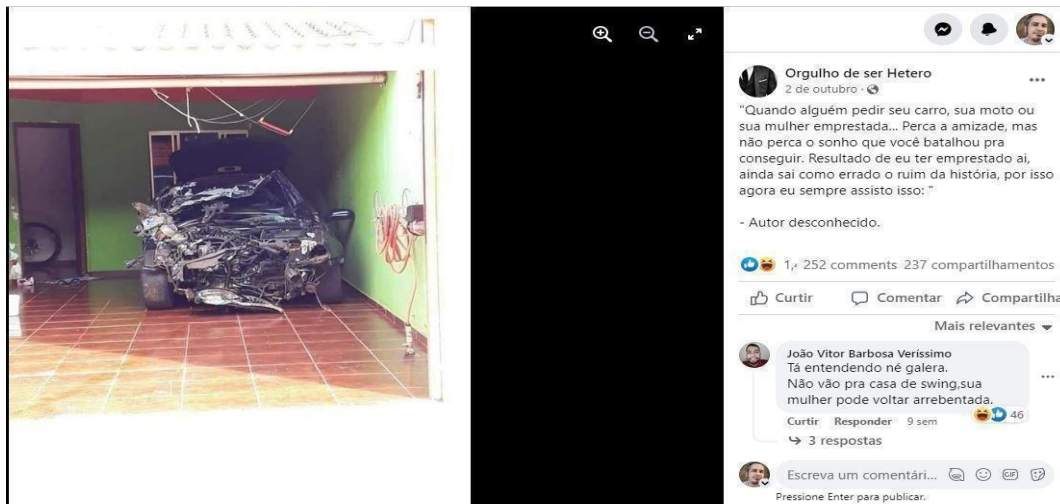


Figura 14 - Instagram @orgulhodeserhetero – Acesso em: 22/08/2023.

Na figura 14, extraída do perfil *@orgulhodeserhetero*, apresenta a imagem de um carro com a frente destruída, supostamente após ter colidido em outro carro, caminhão, muro ou

²¹ Disponível em: www.antiotario.com.br.

²² No caso do ser humano, um macho alpha (ou homem alpha) é a designação de um indivíduo dominante e confiante, que exerce uma função de liderança perante outros elementos do grupo. As características do homem alpha permitem com que ele tenha uma elevada capacidade de sedução e conquista.

qualquer outro objeto que tenha causado forte avaria no automóvel, e o administrador do perfil coloca a seguinte legenda na imagem. “Quando alguém pedir seu carro, sua moto ou sua mulher emprestada... Perca a amizade, mas não perca o sonho que você batalhou pra conseguir. Resultado de eu ter emprestado aí, ainda sai como errado o ruim da história, por isso agora eu sempre assisto isso.”

O enunciado colocado na legenda que está classificado como autor desconhecido denota um discurso em que não se sabe o autor nem quando foi proferido, porém que faz parte de uma filiação ideológica e de uma formação discursiva que atende ao anseio do perfil machista e misógino do administrador e dos seus seguidores, que curtem e concordam com o enunciado.

Na Grécia antiga, segundo Foucault (1998), para ser considerado um cidadão, o homem tinha que ser nascido e ter pai e mãe também nascidos na cidade-estado, deveria ter mais de 18 (dezoito) anos, possuir domínio da vida privada, ou seja, não depender de ninguém economicamente e possuir, uma mulher, terras, filhos e escravos que tinham com a finalidade de servi-lo.

Neste contexto, o homem tinha a posse da mulher numa relação de sujeito e objeto, ao analisar o enunciado da postagem, o administrador do perfil equipara a mulher a um carro ou uma moto, em que o homem se achar que deve poder emprestar a um amigo, tanto o carro, quanto a moto ou a mulher, posicionando a mulher a uma condição de objeto, assim como na Grécia antiga.

A formação discursiva é complementada por uma formação ideológica presente no imaginário dos homens masculinistas que tem como referência, ainda que não intencionalmente, os valores gregos da antiguidade e que entendem que as mulheres devem ser posse dos homens. Essa mentalidade materializada no discurso, causa inúmeros casos de violência e feminicídio, pois se a mulher é uma posse do homem, então ela não pode se relacionar com outro homem, como pode ser observado na matéria publicada pelo portal (G1, 2024).

O caso ocorreu no dia 24 de setembro de 2024 na cidade de Boa Vista em Roraima, um homem estava acompanhado da sua atual namorada grávida, entrou na casa de uma amiga da sua ex-companheira e esfaqueou ela na presença da namorada e da amiga da ex- namorada. De fato, enquanto a ex-companheira estava no hospital cuidando dos ferimentos causados pela faca, o agressor enviou diversas mensagens para a vítima dizendo que ela deveria ir embora da cidade com a seguinte ameaça: "Ou tu é só minha ou será de ninguém".

O discurso presente na mensagem, ou “tu é só minha ou será de ninguém”, reflete a formação ideológica de posse do homem sobre a mulher e a coloca na condição de objeto, assim

como na antiguidade grega, em que os homens podiam fazer o que quisessem com a mulher, filhos e escravos no espaço privado, pois não iriam receber qualquer punição, por serem posses dele.

O enunciado da postagem, assim como a mensagem enviada pelo agressor citado na matéria do referido Portal, pertence a mesma formação discursiva e ideológica. Assim, ao analisar a semelhança entre uma postagem de um perfil *masculinista* e uma mensagem enviada após o cometimento de um crime, demonstram que os discursos misóginos proferidos nas redes sociais influenciam na prática de violência fora as redes sociais.

Abaixo do enunciado que serve como legenda para a imagem da figura 14, um seguidor faz o seguinte comentário, “Tá entendendo né galera. Não vão pra casa de swing, sua mulher pode voltar arreventada”. Este enunciado reforça a ideia de que as mulheres são posse dos homens pois o uso do pronome “sua” ao se referir a mulher, conota que o substantivo (mulher) pertence a alguém ou algo de que se fala.

E ao seguir o enunciado o enunciador completa, “sua mulher pode voltar arreventada”, fazendo uma alusão ao automóvel da imagem que pertence ao homem e que foi arreventado por outro objeto, o homem ao ter uma relação com a mulher também arreventa ela sexualmente, o verbo arreventa tem o sentido de intensidade, estourar, irromper, destruir dentre outros significados, o que remete a ideia de um estupro.

Percebe-se que a violência do discurso é mascarada por brincadeira ou humor, pois nas reações ao enunciado observa-se *emojis*²³ de risos, refletindo a violência física e psicológica que é direcionada às mulheres fora do ambiente virtual:



Figura 15 - Instagram @condutavaliola – Acesso em: 22/08/2023.

²³ *Emoji* é um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa. O termo é de origem japonesa, composto pela junção dos elementos e (imagem) e moji (letra).

A figura 15 foi extraída do perfil @condutavaliosa na rede social *Instagram*, aborda uma outra modalidade de discurso misógino em que a mulher é colocada como mercadoria, ou seja, objeto de compra e venda, assim como nos discursos analisados acima, os enunciadores que administram os perfis “*Red Pills*” são filiados a uma memória discursiva em que os homens precificam as mulheres para uso pessoal.

A publicação apresenta o seguinte discurso: “Homem: Você dormiria comigo por 1 milhão de reais? Mulher: Por um milhão de reais? Claro que sim. Homem: Você também dormiria por 10 reais? Mulher: Não! O que você pensa que eu sou?? Homem: Nós já sabemos o que você é... Estamos apenas discutindo o preço...”

Na publicação, que tem como plano de fundo um homem vestido um paletó, camisa e calça social em frente a um prédio que é uma réplica do *Parthenon de Atenas*²⁴ evoca uma memória discursiva diretamente da Grécia antiga, pois a referência é percebida pela arquitetura grega ao fundo.

Na Grécia antiga, uma das condições para ser considerado cidadão, o indivíduo deveria possuir o domínio da vida privada como afirma Foucault (1998), ou seja, possuir terras, escravos, esposa, filhos e concubinas, percebe-se assim que a ideologia do sujeito parece ser límpida e transparente, pois o indivíduo acredita que os sentidos dos discursos carregam sentidos únicos como aponta Pêcheux (2015), porém o discurso é opaco e muda com o passar do tempo adquirindo novos significados.

Na postagem apresentada na figura 15 o sujeito do discurso que é dividido entre consciente e inconsciente, reproduz uma memória discursiva que remete ao período da Grécia antiga, porém com uma nova roupagem discursiva presente nos indivíduos “*Red Pills*” em que as mulheres são negociadas por valores, sugere também o nome do perfil @condutavaliosa, nesse sentido o enunciado busca valorar a conduta das mulheres por meio do dinheiro.

E coloca o homem que possui o dinheiro na condição de poder sobre a mulher que ao buscar o dinheiro do homem se coloca na posição de submissão e de atendimento aos desejos sexuais masculinos, o que aponta a fragilidade da ideologia “*Red Pill*” que só consegue ter uma relação sexual com uma mulher mediante pagamento.

Na obra “A dominação Masculina” de Bourdieu (2002), a dominação dos homens em relação às mulheres ocorre de diversas formas, pela da violência, com o uso da cultura, das posições sociais e também do dinheiro, que se utiliza da divisão do trabalho, nessa relação os

²⁴ *Emoji* é um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa. O termo é de origem japonesa, composto pela junção dos elementos e (imagem) e moji (letra).

homens possuem os melhores postos e mais bem remunerados, enquanto as mulheres com os trabalhos considerados inferiores e com remunerações menores, como nos casos da relação entre médico e secretária.

Se a verdade é que, embora apareça apoiar-se na força bruta, das armas ou do dinheiro, o reconhecimento da dominação supõe sempre um ato de conhecimento, isso não implica igualmente que estejamos embasados a descrevê-las com a linguagem da consciência, por um “viés” intelectualista e escolástico(...) (Bourdieu, 2002, p.52).

Nessa relação de dominação, os homens utilizam do dinheiro como meio de obtenção da submissão das mulheres, da utilização dos seus corpos, seja para o trabalho, seja para o prazer sexual, como apontado no enunciado da figura 15, em que apresenta em um dos comentários o seguinte discurso: “Isso tudo é mentira. Mulher gosta de pobre pq está sempre duro (...)”.

Nesse comentário, observa-se que mais uma vez a relação entre o dinheiro, o corpo e o sexo estão presentes, pois relaciona adjetivo “duro”, que possui duplo significado nesta sentença, duro no sentido de não ter dinheiro e duro no sentido de estar com o pênis ereto, nesse sentido a mulher prefere o homem pobre, pois este tem ereção e pode proporcionar prazer a ela, porém não tem dinheiro.

Por sua vez, o homem que possui dinheiro atrai essa mulher por ela também gostar de dinheiro, mas este homem que lhe dá o dinheiro não irá dar prazer como o homem pobre que é duro:



Figura 16 - Instagram @thiagoschutzoficial – Acesso em: 20/09/2024.

A figura 16 foi capturada do perfil @thiagoschutzoficial no *Instagram*, este perfil carrega o nome do seu administrador, também conhecido nas redes sociais como “Calvo do Campari”,

este apelido se tornou conhecido nas redes sociais por fazer parte do movimento antifeminista “*Red Pill*”, Thiago fez um vídeo que ganhou enorme repercussão nas redes sociais e o levou a receber este apelido (Wandermuren, 2023).

No vídeo, o influenciador relata que se recusou a beber cerveja com uma mulher porque já estava bebendo Campari, o “Calvo do Campari” afirma no vídeo que por estar bebendo Campari e ser interpelado por uma mulher para beber cerveja, a mulher estaria o testando para ver se podia dominá-lo ao tentar mudar a sua bebida, e que se ele aceitasse beber o que a mulher sugeriu, seria dominado pelo resto da vida por ela.

A reprodução do discurso machista do Coach “*Red Pill*” repercutiu muito mal nas redes sociais ao ponto da empresa que produz a bebida “Campari” se pronunciar afirmando que não tem nenhuma relação com o *Coach*, que levou o nome da marca da bebida a viralizar nas redes sociais naquela semana.

O perfil *@thiagoshutzoficial* é um dos maiores no Brasil a defender a ideologia “*Red Pill*”. Na postagem da figura 16, apresenta-se a imagem de uma ovelha negra cercada por ovelhas brancas, o termo *ovelha negra* é considerado um termo racista, pois a ovelha negra é aquela que no imaginário popular tem um comportamento diferente das demais, não segue regras e desrespeita as hierarquias.

Porém na imagem, o administrador coloca a ovelha negra como a que está cercada de mulheres com as seguintes características: “Faz um Pix, Mãe solteira, Quero homem provedor, Feministas e Minas do Job”.

Partindo da premissa que a publicação foi realizada num perfil “*Red Pill*” portanto filiado a uma ideologia machista e misógina, faz-se necessário o trabalho de de- superficializar a materialidade linguística segundo Orlandi (2015), esse processo é a passagem da superfície linguística para o objeto discursivo e para tal é necessário reconhecer em que circunstância o discurso é dito, neste caso o perfil misógino *@thiagoshutzoficial*.

Partindo desta premissa é necessário analisar os enunciados expostos na imagem, o primeiro enunciado é: “Faz um pix”, assim como na figura 15, a relação entre o homem como provedor e a mulher como a dependente, estabelece uma relação de poder do homem sobre a mulher através do dinheiro, que neste caso é utilizado para que o homem possa usar o corpo da mulher.

O segundo enunciado que compõem a imagem, “Mães solteiras”, o sujeito do discurso coloca a mãe como a responsável por criar um filho sem a presença do pai, dando a entender que ela não teve a capacidade de se manter junto ao homem que gerou o filho, ou que essa mulher realiza relações sexuais com diversos homens e não sabe quem é o pai.

O enunciado “Mães solteiras” remete também a uma memória discursiva da antiguidade, pois na Esparta grega da antiguidade, a responsabilidade da criação dos bebês era exclusivamente das mães, pois os pais eram considerados inaptos para a criação dos filhos como afirma (Corbin, Courtine e Vigarello, 2013).

São as mulheres, portanto, que se ocupam das crianças, como se os pais não tivessem nenhuma responsabilidade em sua formação. Invocou-se o fraco interesse dos pais por seus meninos pela frequência da mortalidade infantil antes dos 5 anos, que convidava a não manifestar demasiado apego antes dessa idade. Mas a responsabilidade coletiva dos homens no “adestramento” espartano, explica, sem dúvida, o desengajamento individual dos pais (Corbin, Courtine e Vigarello, 2013, p. 16).

A realidade do Brasil reafirma essa formação discursiva misógina, pois observa-se que os dados de abandono paterno no país são recorrentes como aponta Leal (2024), este fenômeno causa impactos negativos na vida do filho e da mãe, como a sobrecarga financeira para a mãe, impactos emocionais como a sensação de solidão, luto pela perda do parceiro e a angústia de explicar a ausência do pai aos filhos.

Um estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas em 2022 aponta que 11 milhões de mulheres criam filhos sozinhas no Brasil, e um levantamento realizado pela Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (ARPEN) apontou que em 2022, mais de 164 mil crianças foram abandonadas pelo genitor ainda no útero materno.

No ano de 2023, esse número passou dos 106 mil até julho, a ausência da figura paterna durante o desenvolvimento das crianças e adolescentes pode causar um impacto na saúde física e mental delas e em muitas situações, causam danos irreparáveis, que podem perdurar por toda uma vida (Praser, 2023).

O terceiro enunciado apresentado na imagem tem o seguinte conteúdo: “Quero homem provedor”, ao analisar esse fragmento observa-se que no imaginário “*Red Pill*” em meio as mulheres que querem Pix, as mães solteiras, as feministas e as minas do Job, existem também aquelas que querem homem provedor e que nesse rebanho os homens devem estar atentos para saber diferenciar uma da outra.

Sendo assim, essa ideia é reforçada pela legenda colocada na imagem pelo administrador do perfil: “lascou parceiro”, pois no meio do rebanho os homens representam a figura do pastor, que é aquele que tem o trabalho de conduzir as ovelhas e que deve saber diferenciar uma da outra, esse discurso reforça a formação discursiva misógina do movimento “*Red Pill*” encontrada no perfil @thiagoshutzoficial.

Outro fragmento encontrado na imagem é: “feministas”, que segue a mesma formação discursiva dos sujeitos dos discursos, divididos entre o consciente e inconsciente e que acreditam que os discursos possuem sentido único, ao atribuírem as feministas como responsáveis por organizar as mulheres contra os homens.

As feministas, segundo Scott (1995), adotaram o termo gênero para definir de forma recíproca homens e mulheres justamente para descolar a noção de feminilidade imposta historicamente às mulheres, que remetia a fragilidade, submissão, cuidados domésticos, delicadeza, porém ao adotar o conceito de gênero, as mulheres escapam do entendimento de uma condição biológica que as tornavam inferiores e passam a pensar como uma categoria diferente dos homens, porém não associadas à feminilidade.

Nesta formação discursiva presente numa conjuntura dada pelos homens que se entendem como *masculinistas*, as feministas são responsáveis pela destruição da família e de colocar o homem numa posição inferior à da mulher, que no rebanho está disfarçada de uma ovelha branca, podendo ser uma armadilha para o homem que não souber reconhecê-la.

O último enunciado analisado é: “Minas do Job”, que na gíria da internet são as prostitutas ou as mulheres que realizam trabalhos em redes sociais voltadas a indústria do sexo, como *OnlyFans*²⁵ e *Privacy*²⁶, este enunciado segue a mesma formação discursiva das ilustrações anteriores em que colocam as mulheres na condição de usarem seus corpos para ganharem o dinheiro dos homens.

A ovelha negra no centro da imagem representa o homem, que tem uma conduta diferente de todas as mulheres que o cerca, as mulheres do “Faz um Pix”, “As Minas do Job”, das que “Querem homem provedor”, “Feministas” e “Mães solteiras”, assim há uma inversão dos valores. Se no imaginário popular e racista a ovelha negra é a que tem um comportamento reprovado pela família, no imaginário “*Red Pill*”, essa ovelha são eles, o que pode ser analisado pela memória discursiva como uma desestabilização dos sentidos dos discursos em que há mudanças e novas significações (Pêcheux, 2015).

Encerra-se assim a subseção de análise dos discursos extraídos da rede social *Instagram* a partir dos perfis “*Red Pills*” @sejahomemoficial, @orgulhodeserhetero, @condutavaliosa e @thiagoshutzoficial que são os perfis com maior quantidade de seguidores, postagens e

²⁵ OnlyFans é uma rede social em que criadores de conteúdo podem cobrar uma assinatura mensal para que seus seguidores acessem suas publicações.

²⁶ O Privacy é uma plataforma brasileira de conteúdo digital por assinatura. Desde sua criação em 2020, o serviço acumulou mais de 24 milhões de usuários mensais e mais de 150 mil produtores de conteúdo. A plataforma chama atenção principalmente por permitir conteúdo sexualmente explícito.

interações encontrados durante a pesquisa nesta rede social.

Segundo Carmo (2024) percebe-se o enredamento discursivo nas diversas postagens, pois alguns termos aparecem com frequência em postagens em perfis e redes sociais diferentes, porém no mesmo intuito que é reforçar a ideologia *masculinista* de depreciação do gênero feminino.

Observou-se que os termos feministas, a objetificação do corpo, a dominação masculina através do dinheiro, a incapacidade das mulheres de serem autônomas, a negação das mulheres em serem donas de casa e cuidarem dos filhos e a intenção de enganar os homens são frequentes nos enunciados filiados a uma formação discursiva *masculinista*.

3.3 GESTO DE ANÁLISE DO SITE ANTIOTÁRIO

Nesta terceira subseção do gesto de análise desta pesquisa os discursos analisados serão do site *www.antiotario.com.br*, este site entrou na lista de pesquisa pois o proprietário é conhecido por ser um *coach* “*Red Pill*” que vende cursos e treinamentos para os homens não serem enganados pelas mulheres.

O proprietário do site, Rafael Aires é também administrador de três perfis na rede social *Instagram* analisados na subseção anterior, ele se apresenta como experiente em desenvolvimento pessoal e afirma possuir 6 milhões de seguidores, vale lembrar que todo material que compõem o *corpus* da pesquisa é publicizado e está aberto para o público, nenhuma postagem extraída está em local privado ou restrito.

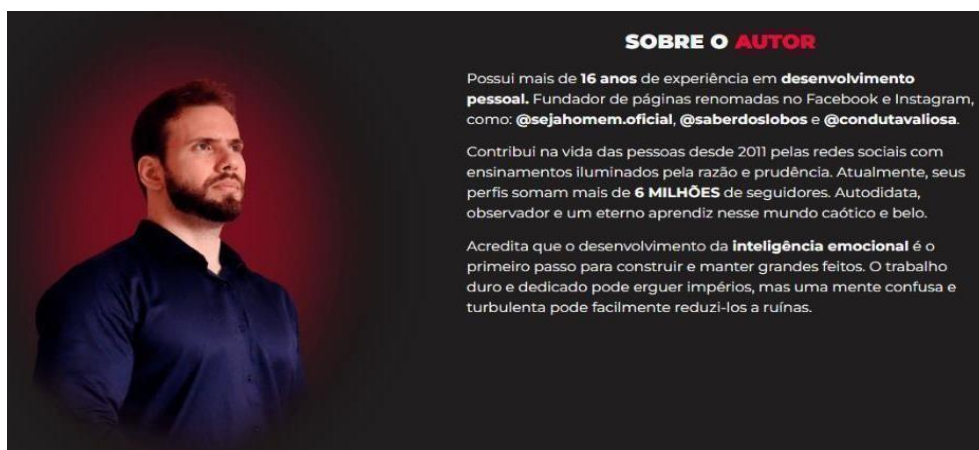


Figura 17 - Site: *www.antiotario.com.br* 1 – Acesso em: 20/08/2023

As publicações do site “*antiotário*” atende a esta pesquisa por estar filiado a uma formação discursiva machista, misógina e também por expor na apresentação do portal diversos

enunciados filiados a ideologia “*Red Pill*”, presente tanto nos cursos oferecidos como nas abas de navegação que é composta também por elementos de semiótica que ilustram o imaginário masculinista.

Chegou-se ao site “*antiotário*” através de um dos perfis pesquisados na rede social *Instagram* administrada por seu proprietário, Rafael Aires, o perfil @*condutavaliosa*, o título do perfil pode ser analisado pelos termos que o compõem, sendo conduta e valiosa, observa-se que conduta é um substantivo feminino que remete a conduzir, modo de agir ou se portar, e valiosa, é um adjetivo que qualifica como algo precioso de grande valor.

Esses termos se aplicam à forma como se espera que o homem aja em sociedade, baseados numa ideia reacionária de que o homem para ter valor precisa ter uma conduta de dominação e de subjugar às mulheres, que são o objetivo das postagens e a semiótica do site.

A figura 17 apresenta o proprietário do site, Rafael Aires, usando barba, elemento tido como um marcador social na Grécia antiga como aponta Foucault (1998) este elemento diferenciava os homens das crianças ou das mulheres, para ser considerado homem era necessário o uso da barba, elemento símbolo da masculinidade “*Red Pill*” da contemporaneidade, ao fundo, atrás do homem percebe-se uma luz vermelha que remete a pílula vermelha do filme *Matrix*, a pílula que revela a verdade aos homens.

No Brasil há um crescimento das barbearias em todo o país, fenômeno no qual pode ser compreendido como uma consequência da rearticulação das masculinidades observados também com a criação de ambientes destinados exclusivamente para homens.

Segundo o portal do SEBRAE (2023) o número de barbearias está crescendo no Brasil e se tornando um negócio lucrativo, na matéria afirma-se que são locais inspirados nos anos 1940 e 1950 e que são um ponto de encontro para homens socializarem, essa volta ao passado na estética do ambiente e a exclusividade para homens apontam como as masculinidades vem se articulado na contemporaneidade tendo como referência tempos passados.

A barba e os pelos dos corpos masculinos, tão valorizados pelos sujeitos *masculinistas*, e que expõem essas características como símbolo de masculinidade nos tempos atuais, também eram valorados na antiguidade, como afirma (Corbin, Courtine e Vigarello, 2013):

Todo traje muito requintado ou toda prática “feminina” atrai a desconfiança. A depilação testemunha o desejo do homem adulto de conservar seu aspecto adolescente e, portanto prosseguir uma carreira erômico para além da idade que o costume o autoriza; este é o sinal particular do invertido, como o sublinha sem descanso Aristófanes, que opõe estas “nadegas raspadas” de outrora, em referência aos homens viris que sabiam conduzir o povo. (Corbin; Courtine; Vigarello, 2013, p. 47)

Além dos aspectos de barba e pelos, o movimento “*Red Pill*” se inspira também no filme

Matrix de 1999, o personagem principal, *Neo*, precisa escolher entre conhecer a verdade tomando a pílula vermelha, ou permanecer na ignorância tomando a pílula azul, ao tomar a pílula vermelha toda a verdade é revelada, sendo essa é a base do movimento *masculinista* “*Red Pill*” e que ilustra o site “*antiotário*”.

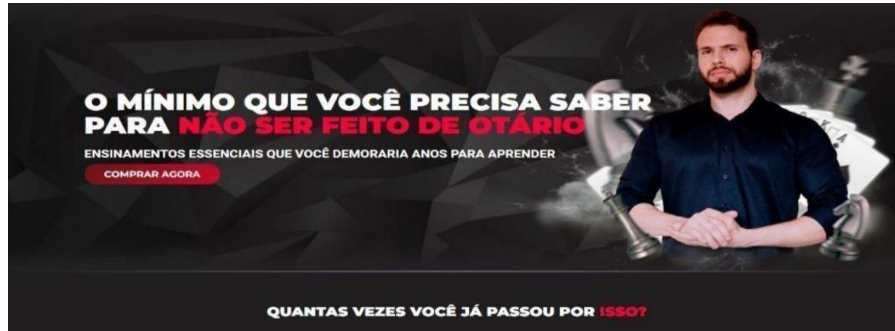


Figura 18 - Site: www.antiotario.com.br 2 – Acesso em: 20/08/2023.

Estes espaços virtuais oferecem cursos para homens que não querem ser enganados pelas mulheres e ensinam como os homens devem se tornar *masculinistas* para encontrarem a verdade, segundo a percepção do movimento “*Red Pill*” como pode ser observado na figura 18.

Além disso, na figura acima, o mentor do curso tem ao fundo cartas de baralho e peças de xadrez sugerindo que as relações entre homens e mulheres devam ser entendidas como um jogo e que ele sendo um mestre desse jogo, pode ensinar os homens que fizerem seu curso a vencer às mulheres.

Segundo a visão *masculinista* os homens são naturalmente dominantes e a partir do momento em que as mulheres feministas começam a conquistar seus direitos e alcançam posições de poder no espaço social, as relações passam a ser entendidas como uma competição, em que as mulheres feministas estão buscando competir pelo espaço de dominantes nas relações com os homens.

Assim, o mentor *masculinista* se apresenta como um treinador experiente em desenvolvimento pessoal e se legitima pela quantidade de seguidores, cerca de 6 milhões, segundo o referido site, no qual se apresenta como alguém autorizado a ensinar a outros homens como devem se portar nas relações com as mulheres.

Segundo Butler (2018), as feministas, ao adotarem o substantivo gênero para referenciar as diferenças entre homens e mulheres no meio social, se tornaram sujeitas da história e se colocaram em igualdade com homens, por isso homens filiados à ideologia *masculinistas* repudiam as mulheres feministas.

A postura apresentada sugere uma insegurança dos homens *masculinistas* em relação à própria masculinidade e às mulheres, ao apresentar a ideia de que é necessário realizar um curso para poder se capacitar e se habilitar a se relacionar com mulheres, essa insegurança pode ser percebida a partir da hostilidade que os *masculinistas* possuem em relação ao avanço das conquistas das mulheres no século XX, que deixaram de ser dominadas e dependentes dos homens.

Os discursos, postagens e ideias apresentadas no site “*antiotário*”, sugerem que a noção destes sujeitos parte de uma subjetividade de que ao mudar o *status* das mulheres na vida social esses homens já não sabem como se relacionar com essa nova mulher, independente, autônoma e defensora dos seus direitos e percebe seu papel de homem enquanto sujeito está ameaçado (Gonçalves, 2004).

Por isso buscam uma volta ao passado da antiguidade grega em que na condição de dominadores não precisavam levar em consideração os desejos e necessidades das mulheres, somente necessidades deles mesmos e que essa mulher desejante não está mais ao alcance dos homens masculinistas (Gonçalves, 2004).

É mister analisar o termo que dá o título ao site “*antiotário*” o termo *anti* é um elemento de composição de origem grega *anti* que significa do lado oposto em oposição, já o segundo termo *otário* é um adjetivo e substantivo masculino que significa ingênuo, fácil de ser enganado, com pouca inteligência.

Observando os termos no campo da semântica observa-se que o termo “*antiotário*” acompanhado da frase encontrada na figura 18, “O mínimo que você precisa saber para não ser feito de *otário*”, sugere que as mulheres feministas possuem uma sagacidade que engana os homens e que se os homens *masculinistas* não fizerem esse curso e não assumirem a conduta sugerida serão enganados por essas mulheres.

A figura 19 a seguir aponta para situações em que os homens considerados *otários* são enganados pelas mulheres, são situações nas quais os homens gastam dinheiro, perdem o tempo e mudam seu “jeito de ser” para agradar as mulheres, mas ao realizarem todas essas mudanças, serão enganados da mesma maneira, o site “*antiotário*” chama uma dessas situações de “golpe do lanchinho”, ou seja, a mulher se mostra interessada no homem, interage, mas no fim do encontro não correspondem às expectativas do homem.



Figura 19 - Site: www.antiotario.com.br 3 – Acesso em: 20/08/2023.

No texto "Saiu com a mina só pagou lanche e perdeu tempo", não explica o que esse homem buscava com esse encontro, nem o motivo que o levou a pagar o lanche para a mulher, porém ao analisar o contexto em que o enunciado está posto, sugere a intenção do homem e ter uma relação amorosa com esta mulher que decidiu não dar sequência na interação, partindo dessa lógica *masculinista*, este homem foi feito de otário, ou seja, foi enganado apenas para pagar o lanche para ela.

No segundo, terceiro e quarto texto, "Ficou conversando pelas redes sociais e não rolou nada", "Marcou um encontro e no dia levou um bolo" e "Marcou um encontro e no dia levou um bolo", o sentido do texto é semelhante ao anterior, porém ao invés de gastar dinheiro, nestas situações o homem gastou tempo e posteriormente foi ignorado.

O próximo texto remete a noção de conduta que ilustra umas das páginas do autor "@condudavaliosa, pois neste enunciado o autor apresenta a seguinte ideia, "Cogitou mudar seu jeito de ser para agradar uma mulher", na parte inferior o autor expõe a ideia que o homem abandona sua condição de sujeito apenas para conseguir a simpatia e aceitação de uma mulher.

Nesse raciocínio, o homem deixa de ser sujeito e passa a ser um objeto para esta mulher buscando aceitação, o que reflete a noção de fragilidade da masculinidade dos homens pertencentes ao grupo *masculinista*, e que nesta visão estão sendo novamente manipulados pelas mulheres que estão tentando dominá-los, assim como exposto pelo "Calvo do Campari" na seção anterior.

Este enunciado reflete como os homens *masculinistas* pensam a relação entre homens e mulheres partindo de uma noção de disputa pela hegemonia da relação e que os homens que cederem a essa disputa, serão dominados e transformados em menos homens, pois estarão em

posição inferior à das mulheres dominantes o que fica evidenciado no último enunciado: “Foi bonzinho demais e acabou se ferrando”.

Nesse enunciado, apresentado na figura 19, o *Coach Masculinista*, utiliza de elementos de multissemiótica para ilustrar o enunciado com a imagem de um homem ajoelhado e com as mãos juntas, posição de súplica, insere uma complementação com o seguinte dizer, “Achou que sendo bonzinho demais iria agradecer aos outros, ser reconhecido e respeitado. Mas as pessoas acabaram se aproveitando da sua bondade e apenas usaram você”:

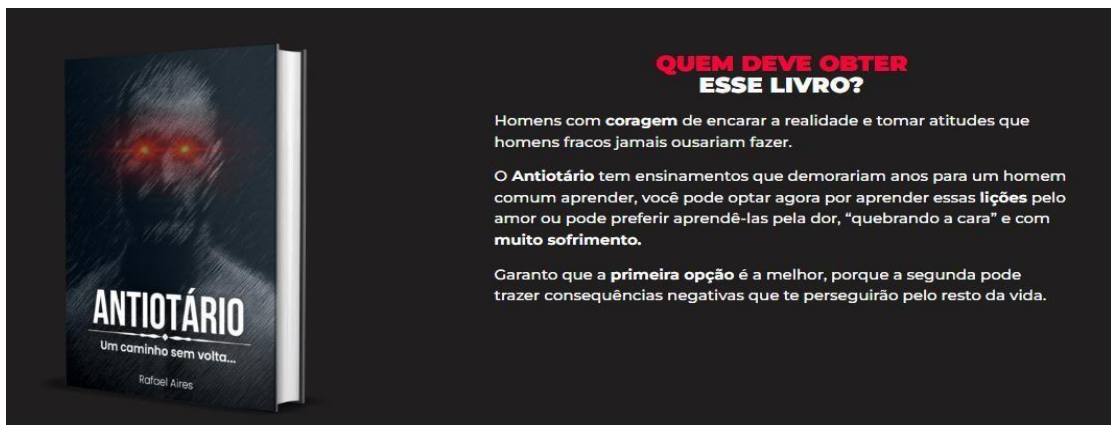


Figura 20 - Site: www.antiotario.com.br 4 – Acesso em: 20/08/2023.

Evidencia-se que o homem quando não é *Alpha* e dominante é usado não apenas pelas mulheres, mas também por outras pessoas, pois abriu mão da sua masculinidade dominadora para se tornar uma pessoa submissa e que suplica pela atenção ou simpatia de uma mulher ou de outra pessoa numa relação de poder.

Na figura 20, observa-se alguns elementos de semiótica que contornam a ideologia e o imaginário “*Red Pill*” podendo ser observado um livro com um homem na capa com os olhos vermelhos, sendo este um indivíduo que tomou a pílula vermelha e que conhece a verdade, abaixo do homem apresenta o seguinte enunciado: “Um caminho sem volta...”.

Este enunciado sugere que ao conhecer a verdade sobre as mulheres e compreenderem o jogo de dominação que é a relação entre um casal, no qual a mulher busca meios de dominá-lo, esse homem não irá querer retroceder a posição de submissão e abrir mão da sua posição de dominante.

A seguir o *Coach Masculinista* apresenta o seguinte enunciado: “Homens com coragem de encarar a realidade e tomar atitudes que homens fracos jamais ousariam fazer.” Mais uma vez, remete a uma memória discursiva presente na antiguidade aparece na formação discursiva “*Red Pill*” ao abordar a coragem como um símbolo da masculinidade como apresenta Corbin,

Courtine e Vigarello:

No quadro mais bem elaborado das virtudes cívicas, a célebre oração fúnebre de Tucídides presta a Péricles no final do primeiro ano da Guerra do Peloponeso (II, 3546), a *andreia*, que cada um entendia como o específico do macho, reúne todas as qualidades que homem-cidadão manifesta nesta democracia exemplar que constitui Atenas: a educação para a coragem que louva o orador não tem outro objetivo senão aquele de formar um cidadão perfeito, mestre da palavra dispensador de bons conselhos. Traços que não devemos menosprezar, já que entre aquilo que diferencia infalivelmente o homem da mulher está o acesso à palavra política, à eloquência que persuade (Cobin; Courtine; Vigarello, 2013, p. 32).

Assim, observa-se que o homem corajoso é um atributo da masculinidade enquanto o homem fraco é um afeminado, já que carrega atributos femininos e por isso torna-se um homem dominado, pois abre mão da sua posição de macho para aderir a posição de fêmea, pela ausência de coragem.

Na sequência o *Coach Masculinista* afirma que o “(...)”*antiotário*” tem ensinamentos que um homem comum levaria anos para aprender(...)”, ao analisar o verbo transitivo “tem” o “*antiotário*” se coloca como alguém possuidor de algo que os outros homens não possuem e ao diferenciar-se do substantivo/adjetivo “homem comum”, ele se coloca numa posição de superioridade e que pode conduzir os “ignorantes”, os que não possuem o ensinamento a um novo caminho.

Finalizando o gesto de análise do texto da figura 20, a ilustração do livro apresenta a ideia de que o homem que adquirir o livro ou o curso aprenderia seu lugar de coragem, de macho, de dominador e quem não fizesse isso iria para o caminho da dor, representado pela conduta de dominado, de fêmea:

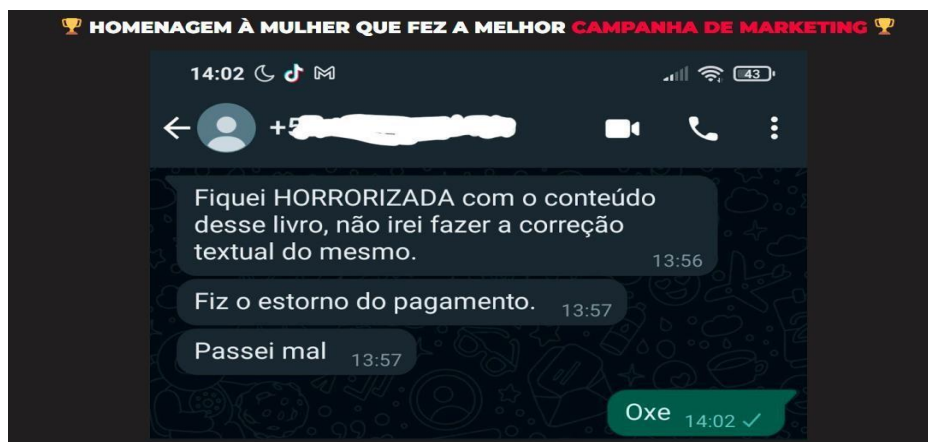


Figura 21 - Site: www.antiotario.com.br 5 – Acesso em: 20/08/2023.

Na figura 21, última imagem analisada nesta pesquisa e também coletada no site www.antiotario.com.br, o *Coach Masculinista* expõem um *print* de *WhatsApp* da revisora do

seu livro, horrorizada com o conteúdo do material encaminhado por ele e no conteúdo da mensagem observa-se que ela se nega a corrigir o texto.

“Fiquei HORRORIZADA” com o conteúdo desse livro, não irei fazer a correção textual do mesmo. Fiz o estorno do pagamento. Passei mal.” Acima da mensagem da revisora o *Coach* escreveu o seguinte enunciado: “HOMENAGEM A MULHER QUE FEZ A MELHOR CAMPANHA DE MARKETING” ladeada por dois troféus.

Em tom de ironia, o autor do livro e mentor do curso “*antiotário*” afirma que se a mulher que iria fazer a revisão do texto se negou a dar continuidade ao trabalho e devolveu o pagamento, significa que o seu conteúdo realmente causa repulsa nas mulheres, sendo assim é benéfico para os homens e maléfico para às mulheres que sequer conseguem ler o conteúdo do livro.

Colocando, pois, em oposição os valores e os comportamentos dos homens, comum nas relações de gênero desde a antiguidade até os tempos atuais da sociedade ocidental e reafirma que seu curso pode colocar os homens nesta posição de dominação em relação às mulheres, assim como a revisora que não conseguiu dar continuidade a leitura do seu livro.

Outro aspecto observado no site “*antiotário*” apresentado na figura 21 é o desprezo que os *masculinistas* têm em relação às mulheres, como pode ser observado também nos diálogos de Plutarco entre aqueles que defendem o amor entre os rapazes, no qual desqualificam todos os símbolos associados ao feminino de acordo com (Foucault, 2005).

Percebe-se assim um deslizamento do discurso como aponta Pêcheux (2015) pois ao mesmo tempo em que os *masculinistas* se apresentam como héteros, machos *Alpha*, demonstram afetos ao que é masculino, filiados a uma formação discursiva grega em que se fazia a defesa do amor pelos rapazes, podendo ser entendido como sujeitos que se relacionam com o mesmo sexo (Foucault, 2005).

Observa-se tanto nas redes sociais *4Chan* e *Instagram*, quanto no site apresentado acima, a fragilidade, medo e insegurança dos homens que se identificam como *masculinistas*, ao se relacionarem com mulheres, essa fragilidade é evidenciada através das postagens, publicações e enunciados, que apresentam uma constante preocupação de serem dominados.

Os discursos apresentam uma relação que varia entre o medo e a insegurança apresentados nas figuras 19 e 20, nas quais o *coach masculinista* demonstra diversas situações em que os homens são preteridos, desprezados ou enganados pelas mulheres.

Porém, na figura 20, a revisora do livro é vítima de deboche e desprezo essa relação se assemelha a forma como os gregos defensores das relações dos homens com os rapazes na antiguidade grega (Foucault, 2005).

Analisa-se também que se os *masculinistas* não tiverem a conduta de dominadores, viris e superiores, serão enganados, ou como diz no site, feitos de otários e desvalorizados não somente pelas mulheres, mas também por outras pessoas que percebem na bondade e no respeito, uma fraqueza.

Ao pesquisar, nas redes sociais e na *internet*, percebe-se que o conteúdo acerca desta temática vem aumentando em número de seguidores e de engajamento, a cada dia surgem novos influenciadores abordando essa mesma temática de caráter *masculinista* e “*Red Pill*” com um interdiscurso articulado a formação discursiva de ódio às mulheres, ancorada em valores que remetem a antiguidade grega.

Nesse contexto, o discurso é a materialidade da ideologia. Sendo assim, as publicações, comentários e interações que ocorrem nos ambientes virtuais também são materializadas na sociedade do mundo real, fazendo com que haja um aumento da violência contra às mulheres, seja no âmbito psicológico como da violência física e do feminicídio (Maia, 2023).

Combater os movimentos que produzem essa modalidade de discurso através das redes sociais é uma atividade necessária para que se possa diminuir os casos de violência contra às mulheres, por isso o projeto de lei apresentado na Câmara Federal brasileira, que visa criminalizar discursos de ódio, é necessário, como o PL 869/2023, para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ao pesquisar as páginas, sites e fóruns para a realização desta pesquisa, observou-se que os discursos de ódio atingem outros grupos sociais, nestas mesmas páginas são encontrados com certa facilidade discursos contra a comunidade LGBTQIAPN+, discursos racistas, de preconceito social, xenofóbico e contra outras minorias, sejam étnicas, de gênero de classe, entre outros, ou seja, é possível a realização de pesquisas interseccionais a partir da AD materialista, porém esses seriam temas para outras pesquisas.

O gesto de análise aponta, a formação discursiva dada no contexto de perfis misóginos das redes sociais *Instagram*, *4Chan* e do site *www.antiotario.com* e podem ser observados sob a forma de postagens com imagens e textos que são articuladores ideológicos de um comportamento linguístico machista e de ofensas ao feminismo e às mulheres que buscam igualdade de espaço no meio social.

A análise mostra que do ponto de vista da memória discursiva, são evocados os elementos machistas e misóginos e as páginas analisadas são lugares onde os indivíduos se veem autorizados a expor sua ideologia machista, apontando também o que pode ser dito e o que não pode ser dito nestes ambientes, havendo um reforço positivo aos seguidores que endossam a formação discursiva violenta contra às mulheres e a reprovação aos que se opõem.

Os sentidos das postagens apresentadas pelo grupo “*Red Pill*” e dos *masculinistas* em geral mostram que, do ponto de vista da constituição do sujeito do discurso e dos processos de subjetivação, têm-se sujeitos que se constituem a partir de uma filiação ideológica que tem como referência, por exemplo, o modelo masculino forjado na Grécia antiga e que articulou durante a Idade Média e moderna.

Chegando à contemporaneidade, sendo rearticulados e adaptados nestes grupos como uma tentativa de retorno ao modelo patriarcal de dominação masculina e de submissão ou anulação da posição social autônoma das mulheres.

Sendo assim, o campo ideológico dos sentidos constituídos nos discursos aponta para uma tentativa de retrocesso no avanço das conquistas das mulheres com a organização do movimento “*Red Pill*”, os *masculinistas* combatem as feministas que lutam pela igualdade de gênero e equidade social nas relações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou os discursos machistas e misóginos virtuais e buscou compreender como os elementos discursivos sustentam a construção das masculinidades nas redes sociais *Instagram* e *4Chan*, tendo como objeto de estudo os enunciados publicizados nos perfis e fóruns destas redes, nas quais público principal são homens que se identificam como cis-héteros.

Para a análise dos discursos e enunciados publicados nas redes sociais utilizou-se da AD materialista com a finalidade de desvelar ou como afirma Orlandi (2015), de- superficializar os enunciados utilizando os operadores teóricos ideologia, sujeito do discurso, memória discursiva e das formações discursivas.

As redes sociais são um campo de pesquisa extenso, porém para possibilitar esse trabalho foram necessários a realização de recortes, métodos e instrumentos teóricos que dessem suporte para a formação do *corpus* no ambiente virtual de pesquisa e para tal as capturas de telas com os discursos e enunciados se deram com a utilização da etnografia virtual.

A etnografia virtual realiza pesquisa de duas formas, na modalidade ativa, por meio da interação com sujeitos, produção de entrevistas e outras formas de participação, ou através da modalidade “*Lurker*”, na qual o pesquisador realiza o trabalho de campo sem interação com os sujeitos. Utilizou-se tal modalidade, pois se houvesse interação os seguidores e membros das redes sociais possivelmente não iria haver colaboração com o pesquisador, devido a temática do trabalho abordar os conteúdos dos perfis e fóruns de forma crítica.

A pesquisa buscou compreender também como estes discursos se estruturam nas redes sociais e se há uma relação entre as violências dos discursos realizados nas redes sociais com a violência contra às mulheres fora das redes sociais bem como os elementos discursivos que sustentam as construções dos processos das representações das masculinidades nas relações entre os homens e dos homens em relação às mulheres.

O trabalho de pesquisa buscou analisar também as questões relacionadas ao gênero, através do recorte *masculinista* em relação às mulheres, numa perspectiva cisgênero e heterossexual, tendo como premissa os discursos de formação ideológica misógina na sociedade contemporânea.

Ao iniciar o gesto de análise dos discursos e enunciados misóginos, observou-se que há uma rearticulação do discurso entre os homens que percebem seus espaços de dominantes e hegemônicos estão diminuindo pelo fato de que muitas mulheres na sociedade contemporânea não aceitam a condição de subalternas.

Percebe-se que as articulações encontradas nos enunciados podem se materializar nas relações fora do mundo virtual e em muitos casos de forma violenta, como pode ser observado em matérias jornalistas e em processos judiciais citados na pesquisa em que homens ameaçam, agredem e matam suas companheiras por se perceberem como donos delas.

Nesse sentido, as rearticulações dos discursos se apresentam como uma forma dos homens *masculinistas* tentaram manter um espaço de privilégio historicamente construído pelas instituições que regulam a vida social e ao se depararem com movimentos, como o feminista por exemplo, ou leis que buscam garantir a igualdade entre os gêneros, há uma forte reação que pode ser percebida nos enunciados com publicações sexistas, machistas, misóginas e violentas.

Apontou-se como os enunciados estão filiados a uma formação ideológica e uma memória discursiva que busca através da sexualidade, dos corpos e das diferenças entre os gêneros masculinos e femininos diminuir, agredir e menosprezar as mulheres ao tentar reduzi-las a condição de objetos ou seres incapazes de ter autonomia.

Para tanto, analisou-se que os discursos filiados a formação discursiva e memória discursiva misógina relacionam as discussões de gênero levando em consideração na maioria das vezes à questão da sexualidade, pois o sexo é percebido pelos *masculinistas* como um meio de dominação, onde há o dominador e o dominado, o vencedor e o vencido, sendo assim mais um espaço de demonstração de força e dominação e submissão.

Outro elemento que aparece com frequência na formação discursiva *masculinista* além das questões relacionadas a sexualidade, são ataques ao movimento feminista, percebido pelos enunciadores “*Red Pills*” como responsável pela destruição da família, masculinização das

mulheres e uma ameaça aos homens, os discursos apontam para uma tentativa de competição das mulheres em relação aos homens, para assumirem o protagonismo das relações e se colocarem como dominantes.

Essa formação ideológica reflete o que os *masculinistas* pensam das relações, porém ao atribuírem as feministas essa tentativa de dominação, acabam por transferir os valores que eles acreditam possuir ao movimento feminista, no entanto o feminismo não busca uma relação de dominação sobre os homens, as mulheres deste movimento lutam por igualdade e não se colocam como superiores, diferentes do que pode ser encontrado nos discursos *masculinistas*.

O trabalho de pesquisa dos discursos misóginos e machistas nas redes sociais pode ser ampliado para pesquisas em jornais virtuais, impressos, de radiodifusão, programas televisivos, *podcasts*²⁷, vídeos que circulam na internet e em diversos outros ambientes, mesmo aqueles que não tem como finalidade as relações de gênero, ao analisar diversos perfis e páginas das redes sociais observou-se que os discursos *masculinistas* não estão presentes apenas em ambientes virtuais com temáticas de gênero.

Na pesquisa de campo constatou-se que não são somente os homens que se identificam como *masculinistas* que realizam discursos misóginos, em diversas outras situações, incluindo personalidades, homens famosos e anônimos, também estão articulados com os discursos misóginos.

Além disso, observou-se em muitos casos apresentados em jornais, ou mesmo nas redes sociais, que a violência iniciada através de discursos nas redes sociais, se materializam como violência física, psicológica ou feminicídio, pois percebe-se que os homens ao se sentirem enganados, desprezados ou não tendo uma correspondência afetiva atendida por uma mulher, acaba materializando a violência que inicialmente estava nos discursos em ambientes virtuais.

Por conseguinte, evidenciou-se que a ideologia é materializada no discurso e o discurso é materializado em violência de diversas formas contra as mulheres, assim a ideologia “*Red Pill*” e *masculinista* é sim um agente vetor de violência seja ela física, psíquica ou de morte.

Assim a pesquisa alcançou os objetivos de compreender os elementos discursivos que sustentam as construções das representações das masculinidades nas redes sociais, considerando que ao se referir as masculinidades é necessário o recorte da modalidade escolhida, sendo os homens heterossexuais, cisgênero e brancos, que se percebem como hegemônicos.

²⁷ Podcast é uma publicação digital em formato de áudio ou vídeo. Sua transmissão possui regularidade e conta com a facilidade de baixar, armazenar e compartilhar o arquivo. O termo podcast é um acrônimo para as palavras Pod, que se refere ao iPod, player da Apple, para o qual os primeiros programas foram transmitidos.

Na prática, constatou-se que tais elementos apresentam a ideia de uma tentativa de manutenção por parte dos homens *masculinistas* de uma sociedade ancorada nos valores patriarcais no qual os homens são naturalmente dominadores em detrimento das mulheres que devem ter o papel social de subalternidade.

A partir disso, identificou-se elementos de materialidade linguística e de multissemiótica que expressam misoginia e machismo tanto nos enunciados quanto nas imagens que ilustram as postagens.

Nesse contexto, analisou-se que as tramas e as redes de significações e rearticulações dos discursos presentes nos enunciados apontam para sujeitos filiados a uma memória discursiva machista, patriarcal e misógina no qual percebem as mulheres feministas e o movimento feminista como uma ameaça constante ao que esses sujeitos compreendem em o que é “ser homem”.

O gesto de leitura permitiu, em primeiro lugar, observar que o funcionamento das interações se constituem em posições-sujeito marcados pela ideologia e formação discursiva que privilegia a dominação masculina na vida social, dentro de uma masculinidade entendida como hegemônica.

Percebeu-se também que a forma como os discursos *masculinistas* se articulam nas redes sociais e ambientes virtuais encontram um paralelo entre a violência do discurso virtual com a violência física fora do ambiente virtual. Em segundo, constatou-se também que as articulações e rearticulações dos discursos apresentam um medo em relação as conquistas alcançadas pelas mulheres, associados a perda do privilégio dos homens que se identificam como *masculinistas*.

Em consequência, confirmou-se também a utilização de elementos multissemióticos nas publicações, fóruns e páginas pesquisadas onde elementos de imagens, cores e símbolos compõem as postagens para reforçar uma ideia ou ilustrar uma determinada formação discursiva, como pôde ser observado uso da cor vermelha em todo o site *www.antiotario.com.br*, fazendo uma menção a pílula vermelha.

Considerando o contexto da literatura científica recente, verificou-se alguns aspectos das lacunas da literatura pesquisada, com as temáticas propostas por esta pesquisa e que foram preenchidas em parte pela investigação realizada por este trabalho, levando em consideração a utilização AD materialista e tendo a etnografia virtual como instrumento de montagem do arquivo em ambientes virtuais nas redes sociais *4Chan* e *Instagram*.

Importa ressaltar que esta pesquisa pode se desdobrar em novas linhas de análises, tais como o estudo de discursos presentes em enunciados racistas, xenofóbicos, que envolvam

preconceito social de classe ou de violência contra minorias como o movimento LGBTQIAPN+, pois ao pesquisar os discursos misóginos observou-se também discurso contra outras minorias.

Ao pesquisar tais formações discursivas poderá se analisar também, se existe alguma relação entre os discursos violentos em ambientes virtuais contra essas minorias e as violências ocorridas fora dos espaços virtuais e buscar estabelecer um paralelo entre o discurso e a violência fora dos ambientes virtuais bem como nas eleições, já que a ideologia pode influenciar na escolha de determinados candidatos.

Considera-se que, ao término da pesquisa, pode-se alcançar os objetivos propostos pelo trabalho, porém percebeu-se que muitos trabalhos ainda podem ser realizados no campo da AD pecheutiana com a utilização da etnografia virtual, tanto na análise dos discursos e enunciados violentos contra as minorias como também em aspectos políticos, culturais e sociais que fazem parte da vida social.

Notou-se também que a estrutura dos enunciados e discursos variam de uma rede social para outra, ou também quando o enunciador é anônimo ou identificado, todas essas minúcias podem ser exploradas, partindo das metodologias utilizadas neste trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. – **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Editorial Presença. Lisboa, Portugal: Editorial Presença, 1970.
- AMADO, Francisco. **Para que serve uma TAG**. Brasil Escola – UOL. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/informatica/para-que-serve-uma-tag.htm>. Acesso em: 10/09/2023.
- ARAÚJO, Alcemar Dionet de; SILVA, Jonathan Chasko da. **A metodologia da pesquisa em análise do discurso**. Grau Zero - Revista de Crítica Cultural. v. 5, n. 1, 2017. p. 17-31.
- ARRUDA, José Pedro. **Imaginários urbanos, coletivos sociotécnicos e vigilância cívica: a vida social em rede e os novos espaços da moralidade**. Perspectivas em Ciência da Informação, v.23, n.3, p.124-143, jul./set. 2018.
- BERTAGNOLI, Danusa Lopes. **O que significa o termo Red Pill?** Politize. Disponível em: <https://www.politize.com.br/o-que-significa-redpill/> Acesso em: 09/06/2024.
- BARBOSA, Karina Gomes, BARBOSA, Yasmine Feital Calçado. **Violências de gênero em ambientes digitais: uma análise de discursos masculinistas em comentários sobre a Marcha das Vadias no G1**. Libero. Mai/Ago. 2021. São Paulo – SP. p. 51-72.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Coleção Sujeito & História. Civilização Brasileira. 16ª Ed. Rio de Janeiro-RJ, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, RJ, 2002.
- BRASIL, Luciana Leão – **Michel Pêcheux e a Teoria da Análise de Discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva**. Linguagem: Estudos e Pesquisas, Catalão, GO, 2011.p. 171-182.
- BRAUN, Julia. **Eleições 2022: fake news sobre perseguição a evangélicos chegam a milhões via filhos e aliados de Bolsonaro**. BBC News Brasil. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62985337>. Acesso em: 20/08/2023.
- CAMPOS. Edemilson Antunes de. **Etnografia Virtual em alcóolicos anônimos em tempos de pandemia**. Revista Pesquisa Qualitativa. São Paulo (SP), v.9, n.21, p. 468-485, ago. 2021.
- CANALTECH - **Criação do Instagram**. Canaltech (2010) - Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/instagram/>. Acesso em: 30/07/2023.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso versus Análise de Conteúdo**. Texto Contexto Enfermagem, Florianópolis, 2006 Out-Dez; 15(4): 679-84.
- CARMO, Bougleux Bomjardim da Silva. **Uma análise discursiva acerca dos enredamentos entre racismo, linguagem e web**. Revista Estudos Linguísticos e Literários. Universidade Estadual de Santa Cruz, Nº 78, JUL-SET|2024, Salvador: pp. 427-459.

CESTARIA, Mariana Jafet. **Por uma tomada de posição feminista e antirracista na análise do discurso**. Mulheres em discurso: Identificação de Gênero e Práticas de Resistência. Editora Pontes. Campinas, SP, 2017.

CNN. **Procuram-se: mulheres para lutar na lama de biquíni**. Redação CNN (2010). Disponível em: <https://cnnportugal.iol.pt/internacional/tvi24/procuram-se-mulheres-para-lutar-na-lama-de-biquini>. Acesso: 24/09/2024

CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, ALAIN, Courbine, VIGARELLO, Georges – **A história da virilidade** – A invenção da virilidade da antiguidade às luzes. Editora Vozes, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FERREIRA, Marcelo. **Ex-deputada Manuela D'Ávila denuncia novos ataques contra ela, sua família e Lula**. Brasil de Fato (2022). Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/08/01/deputada-manuela-d-avila-denuncia-novos-ataques-contr-ela-sua-familia-e-lula>. Acesso em: 20/08/2023.

FOUCAULT, Michel - **A história da sexualidade 2** - o uso dos prazeres. Editora Graal, 8ª Edição, Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel - **A história da sexualidade 3** - o cuidado de si. Editora Graal, 8ª Edição, Rio de Janeiro, RJ: Graal, 2002.

FURTADO, Theresa. **O que é 4Chan?** Techtudo - Editora Globo S/A. 2012. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2012/07/o-que-e-4chan.ghtml>. Acesso em: 30/07/2023.

G1. **Homem acompanhado da atual namorada grávida esfaqueia ex por não aceitá-la com outro e ameaça: 'nem comigo e nem com ninguém'**. Redação - Portal G1 (2024). Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2024/09/24/homem-acompanhado-da-atual-namorada-gravida-esfaqueia-ex-por-nao-aceita-la-com-outro-e-ameaca-nem-comigo-e-nem-com-ninguem.ghtml> Acessado em: 25/09/2024.

GARCIA, Milena. **Como tirar print screen no celular**. Tech Tudo Editora Globo S/A. 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2019/10/como-tirar-print-screen-no-celular.ghtml>. Acessado em: 09/09/2023.

GAY, Peter - **O Cultivo do Ódio**: a experiência da burguesia da Rainha Vitória a Freud. Cia das Letras. São Paulo, SP, 1995.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa Tipos Fundamentais**. São Paulo, SP. Revista de Administração de Empresas, v. 35, n.3, p, 20-29, 1995.

GOMES, Kalem Kanyk Fernandes, SILVA, Francisco Vieira da. **ALÉM DO BURACO NEGRO**: discursos misóginos sobre a mulher cientista no Instagram. Periferia, Educação Cultura e Comunicação. v. 14, n. 1, p. 110-127, jan./abr. 2022.

GONÇALVES, Maria da Graça Marcuina. **Sujeito e Subjetividade**. Estud. pesqui. psicol. v.4 n.2 Rio de Janeiro dez. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000300008.

Acesso em: 16/06/2024.

GUEDES, Olegna de Souza; Daros, Michelle Aparecida. **O cuidado como atribuição feminina: contribuições para um debate ético.** Serv. Soc. Rev. Londrina-PR, V. 12, N.1, P. 122-134, Jul/Dez. 2009

HAJE, Lara. **Projeto de lei criminaliza a misoginia.** Agência Câmara de Notícias. Brasília – DF. 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/942988-projeto-de-lei-criminaliza-a-misoginia/>. Acesso em: 25/08/2023.

HINE, Christine. **Etnografia Virtual.** Editorial UOC. Barcelona, 2004.

HINE, Christine. **Virtual Methods and the Sociology of Cyber-Social-Scientific Knowledge.** In: HINE, Christine (Org.). Virtual Methods. Issues in Social Research on the Internet. Oxford: Berg, 2005. história no discurso. Tradução: Bethânia S. C. Mariani [et. al]. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, p.55-66 (Coleção Repertórios).

JHA, Rupa. **Os indianos que lutam na lama – e nos quais ninguém quer tocar.** BBC News Brasil. Maio de 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150524_lutadores_lama_india_lgb#:~:text=Os%20indianos%20que%20lutam%20na%20lama%20%E2%94%80%20e%20nos%20quais%20ningu%C3%A9m%20quer%20tocar,-Getty&text=A%20luta%20%C3%A9%20popular%20em,minha%20entrada%20%C3%A9%20finalmente%20autorizada. Acesso em: 24/09/2024.

JONATAS, Rodrigues. **Tudo que você precisa saber sobre redes sociais.** Portal Resultados Digitais. Florianópolis, SC - 2023. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais/> Acesso em: 27/07/2023.

KIMMEL, Michael. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas.** Horizontes Antropológicos, ano 4, n. 9, p. 103-117, 1998.

KODAMA, Francielly. **Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+: a origem da data, fatos marcantes e direitos conquistados.** GSHOW. São Paulo – SP. Disponível em: <https://gshow.globo.com/moda-e-beleza/noticia/dia-internacional-do-orgulho-lgbtqia-a-origem-da-data-fatos-marcantes-e-direitos-conquistados.ghtml> Acesso em: 12/06/2024.

KOZINETS, Robert. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online.** Penso Editora. Porto Alegre-RS. 2014.

LEAL, Adriana. **O Abandono Paterno e a Sobrecarga das Mães: os Impactos na Família e na Sociedade.** Jusbrasil, 2024. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-abandono-paterno-e-a-sobrecarga-das-maes-os-impactos-na-familia-e-na-sociedade/2149806223#:~:text=O%20abandono%20paterno%20pode%20ser,at%C3%A9%20desafios%20econ%C3%B4micos%20e%20sociais>. Acesso em: 08/10/2025.

LERNER, Celina. **A construção no gênero no discurso conservador: uma análise dos comentários em rede social.** Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade. Naviraí – MS. v. 10, n. 23, p. 145-160, abr./jun. 2023.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Discurso, corpo e identidade: masculinidade hegemônica como comunidade imaginada na escola.** Gragoatá. Niterói, H. 11, p. 207-226, 2. sem. 2001.

LOSE, Alícia Duhá, MAGALHÃES, Livia Borges Souza. **Metodologia do Trabalho Científico: elaboração de projeto**. Universidade Federal da Bahia (UFBA) - Faculdade de Educação Alfabetização e Letramento. Salvador-BA, 2019.

MACHADO, Simone. **4chan: quem está por trás do fórum onde massacres escolares são planejados?** Portal UOL. São José do Rio Preto – SP. 2022 Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2022/05/28/4chan-quem-esta-por-tras-do-forum-onde-massacres-sao-organizados.htm> Acesso em: 02/06/2024.

MAIA, Shelley Duarte. **Como combater os discursos misóginos nas redes sociais?** Consultor Jurídico. São Paulo – SP. 2023. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2023-abr-02/shelley-maia-combater-discursos-misoginos-redes2>. Acesso em: 25/08/2023.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso** (re) ler Michel Pêcheux hoje. Pontes. Campinas-SP. 2003.

MAZIEIRO, Guilherme. **Criminalização da homofobia trará "guerra santa", diz deputado "ex- gay**. UOL. São Paulo – SP. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/02/22/deputado-pastor-ex-gay-orgulho-hetero.htm> Acesso em: 12/06/2024.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo, SP: Parábola, 2020.

MONTARDO, Sandra Portella; PASSERINO, Liliana Maria. **Estudo dos Blogs a partir da netnografia: Possibilidades e Limitações**. Novas Tecnologias da Educação – UFRGS, V. 4 Nº 2, Dezembro, 2006.

MONTEIRO, Silvana Drumond; VIGNOLI, Richele Grengre. **Deep Web e Dark Web: similaridades e dissiparidades no contexto da Ciência da Informação**. TransInformação, Campinas, 32:e190052, 2020.

OLIVEIRA, Rosanse Cristina de; Silva, Renato da. **Masculinismo e Misoginia na sociedade brasileira: uma análise do discurso dos adpetos ao masculinismo nas redes sociais**. Revista Philologus, Ano 27, n. 81 Supl., Rio de Janeiro: CiFEFiL, Set./Dez.2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico**. In. DIAS, Cristiane. Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos**. Editora Vozes. Campinas, SP, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Língua, Comunidade e Relações sociais no espaço digital**. In. DIAS, Cristiane. E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital [online]. 2011, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos

Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Michel Pêcheux e a Análise de Discurso**. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). n. 1 p. 9-13 junho/2005.

ORTEGA, Simone Tereza de Oliveira. **Operadores Argumentativos: recursos essenciais ao direcionamento discursivo**. Universidade Estadual de Londrina (PG-UEL). Londrina-PR. 2008. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/anais-jornal/jornal4/comunicacoesPDF/29_operadoresORTEGA.pdf. Acesso em: 16/06/2024.

PASSARELLI, Brasilma; GRISOLIA, Daisy; TAVERNARI, Mariana. **O observatório da cultura digital: a nova linha de pesquisa da Escola do Futuro da USP**. 16. Congresso Internacional de Educação a Distância. Foz do Iguaçu: Abed, 2010. Disponível em: <www.abed.org.br/congresso2010/cd/3042010104411.pdf>. Acesso em: 16 out. 2022.

PÊCHEUX, M. **Ler o arquivo hoje**. In. ORLANDI, Eni P. (org) [et. al.]. **Gestos de leitura: da história no discurso**. Tradução: Bethânia S. C. Mariani [et. al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, p.55-66 (Coleção Repertórios).

PÊCHEUX, Michel - **Análise automática do discurso (AAD-69)**. In: Gadet F, Hak T, organizadores. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Ed Unicamp 3ª ed. Campinas-SP. 2001.

PÊCHEUX, Michel - **Análise do Discurso**. Textos Escolhidos por: Eni Puccinelli Orlandi. Pontes 4ª Edição. Campinas-SP. 2014.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad.: Eni Pulcinelli Orlandi. Pontes 7ª Edição. Campinas, 2015. Edição original: 1983.

PISSIRILLO, Débora, SILVESTRE, Giane. **Aumento dos feminicídios no Brasil, mostram que mulheres ainda não conquistaram o direito a vida**. Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV-USP). G1 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/aumento-dos-femicidios-no-brasil-mostra-que-mulheres-ainda-nao-conquistaram-o-direito-a-vida.ghtml>. Acesso em: 20/08/2023.

PRASER, Anna Luisa. **No Brasil, 11 milhões de mulheres criam sozinhas os filhos**. Agência Brasil 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-08/no-brasil-11-milhoes-de-mulheres-criam-sozinhas-os-filhos>. Acesso em: 08/10/2024,

RECUERO, Raquel da Cunha. **Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais**. Revista 404notFound, v1. número 31, 2003. Acesso em: 07/09/2023.

SEBRAE. **Salões voltados para homens: barbearias que vão além do visual**. SEBRAE, 2023. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/saloes-voltados-para-homens-barbearias-que-vaio-alem-do-usual,fd712ba058019610VgnVCM1000004c00210aRCRD> Acesso em: 14/10/2024.

SCOTT, Joan. **“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”**. In: Educação e Realidade.

Porto Alegre, 1995. v. 16, n. 2. (p. 5-22).

SILVA, Sergio Gomes da. **Masculinidade na história:** a construção cultural da diferença entre os sexos. Psicologia, Ciência e Profissão. Paraíba, PB – UFPB, 1999.

SOUZA, Gisele. **Qual a rede social mais usada em 2023? A resposta vai te surpreender.** Techtudo - Editora Globo S/A. 2023. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2023/07/qual-a-rede-social-mais-usada-em-2023-a-resposta-vai-te-surpreender-edapps.ghtml>. Acesso em: 30/07/2023.

WANDERMUREM, Isadora. **Thiago Schutz, o 'Calvo do Campari', será julgado hoje por ameaça e violência psicológica.** Portal Terra 2023. Disponível em: https://www.terra.com.br/nos/thiago-schutz-o-calvo-do-campari-sera-julgado-hoje-por-ameaca-e-violencia-psicologica,616a262cef43471f3cb80d8336d130d95bozuq9b.html?utm_source=clipboard. Acesso em: 08/10/2024.

ZENHA, Luciana. **Redes Sociais online:** o que são as redes sociais e como se organizam? **Caderno de Educação**, ano 20 – n. 49, v.1, 2017/2018 – p.19 a 42.